



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANDREZA DE MORAIS BATISTA

PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO COM PESSOAS IDOSAS NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

JOÃO PESSOA

2023

ANDREZA DE MORAIS BATISTA

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO COM PESSOAS IDOSAS NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B333p Batista, Andreza de Moraes.

Práticas informacionais: um estudo com pessoas idosas no contexto da pandemia da covid-19 / Andreza de Moraes Batista. - João Pessoa, 2023.

113 f.

Orientação: Eliane Bezerra Paiva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da informação. 2. Práticas informacionais. 3. Idoso. 4. Covid-19. I. Paiva, Eliane Bezerra. II. Título.

UFPB/BC

CDU 02(043)

ANDREZA DE MORAIS BATISTA

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO COM PESSOAS IDOSAS NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Memória, Mediação e Apropriação da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva

Aprovado em: 28/02/2023.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ELIANE BEZERRA PAIVA
Data: 01/03/2023 16:17:53-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva
(Orientadora PPGCI/UFPB)

Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro

(Membro Interno – PPGCI/UFPB) **gov.br** EDNA GOMES PINHEIRO
Data: 01/03/2023 15:13:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino
(Membro Interno Suplente – PPGCI/UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br GABRIELLE FRANCINNE DE SOUZA CARVALHO
Data: 01/03/2023 09:35:09-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus
(Membro Externo – PPGIC/UFRN)

Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
(Membro Externo Suplente –PROFEPT/IFPB)

Dedico,

*À minha Nossa Senhora
que nunca se demora
para cobrir-me de graças.*

*Sempre a Deus
e aos anjos seus:
meus guias, minhas forças.*

*À minha mãe, meu pai e minha irmã:
companheiros do ontem, do hoje e do amanhã
no caminho do amor incondicional.*

*À Vênus, minha melhor companhia,
uma dádiva, para minha alegria,
para meu saber, um mistério.*

*À Cássia Maris e Pietro
a quem meu coração se faz berço,
por quem meu amor se faz grande.*

*À prof.^a Eliane Paiva
que ao fim de sua jornada
como docente, me deu o privilégio de ser orientanda.*

*A todos e a todas, enfim
que desejaram o melhor para mim
ao longo dessa trajetória.*

*Aos seres que se despediram dessa vida
por negligências e falta de vacina,
que Deus os tenha em bom lugar.*

AGRADECIMENTOS

À Eliane Paiva, minha orientadora,
doutora, mestre, nata educadora
PhD em generosidade.

Aos professores e professoras da banca
pelas sugestões e opiniões francas
pelo tempo empenhado a contribuir.

Às pessoas que colaboraram com a pesquisa
dedicando seu precioso tempo de vida
sendo empáticas e solidárias.

Painho e Mainha, pela herança:
educação, fé em Deus e perseverança.
Pela vida, pelo colo, por tudo, agradeço.

*“A simplicidade é o que há de mais difícil no mundo:
é o último resultado da experiência,
a derradeira força do gênio.”
(George Sand)*

RESUMO

No atual momento histórico, em que o mundo enfrenta a pandemia da Covid-19, as ações de busca, acesso, uso e compartilhamento da informação na vida cotidiana dos sujeitos parecem incorporar com maior intensidade e rapidez as tecnologias digitais e seus desdobramentos: a “infodemia” e, em paralelo, *fake News* e desinformação. Há, por essa razão, dupla preocupação com as pessoas idosas, uma por constituírem um grupo de risco e outra por não terem tanta desenvoltura com os meios remotos e digitais, o que os tornam vítimas em potencial das notícias falsas. A carência de estudos na Ciência da Informação com esse grupo de pessoas só acresce as preocupações sobressaltadas ao olhar metucioso da pesquisadora, que inaugura a seara das práticas informacionais ao direcionar o escopo para o elemento “60+”, questionando: como se configuram as práticas informacionais de pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19? Para responder ao questionamento, primeiramente, adotou-se uma abordagem qualitativa. Em segundo lugar, para o alcance do principal objetivo, que foi compreender as práticas informacionais das pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19, as orientações etnometodológicas subsidiaram o percurso metodológico. No que concerne aos procedimentos, esse trabalho classificou-se como pesquisa de campo, que para sua realização utilizou-se a entrevista em profundidade, de modalidade semiestruturada. A respeito da inclusão e do número de sujeitos no estudo, isso se deu por meio da técnica Bola de Neve, respeitando os critérios estabelecidos e levando em consideração o critério de saturação. Ao todo colaboraram treze pessoas idosas com idades entre sessenta e um e oitenta e um anos, sendo três delas na fase do pré-teste que visou o aperfeiçoamento do roteiro de entrevista e, dez com o roteiro de entrevista definitivo. Essa técnica nos permitiu escolher a primeira pessoa, através da qual se deu nova indicação e, assim, sucessivamente. No que tange à análise dos dados a pesquisa utilizou-se da análise de conteúdo e no que concerne à interpretação dos mesmos, alicerçou-se no Interacionismo Simbólico (BLUMER, 1969), na Etnometodologia (GARFINKEL, 1967) e nas Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961). Por fim, concluiu-se que as práticas informacionais analógicas e/ou digitais desenvolvidas pelas pessoas idosas se dão em virtude, principalmente, das necessidades de cada uma em seu cotidiano, de acordo com suas preferências, valores, interpretações, significações, referenciais e conhecimentos, salientando que o universo da pessoa idosa é bastante heterogêneo e os papéis sociais que assumem nessa fase são bastante variados.

Palavras-chaves: práticas informacionais; pessoas idosas; velhice; pandemia Covid-19.

ABSTRACT

In the current historical moment, in which the world is facing the Covid-19 pandemic, the actions of search, access, use and sharing of information in the daily lives of subjects seem to incorporate digital technologies and their consequences with greater intensity and speed: the “infodemia” and, in parallel, fake news and misinformation. There is, for this reason, a double concern with the elderly, one because they constitute a risk group and the other because they are not so resourceful with remote and digital means, which makes them potential victims of fake news. The lack of studies in Information Science with this group of people only adds to the concerns raised by the meticulous look of the researcher, who inaugurates the field of informational practices by directing the scope to the element “60+”, questioning: how are practices configured informational needs of elderly people in the context of the Covid-19 pandemic? To answer the question, firstly, a qualitative approach was adopted. Secondly, in order to reach the main objective, which was to understand the informational practices of the elderly in the context of the Covid-19 pandemic, the ethnomethodological guidelines supported the methodological path. With regard to procedures, this work was classified as field research, which used in-depth interviews in a semi-structured modality. Regarding the inclusion and number of subjects in the study, this was done using the Snowball technique, respecting the established criteria and taking into account the saturation criterion. In all, thirteen elderly people aged between sixty-one and eighty-one years old collaborated, three of them in the pre-test phase aimed at improving the interview script, and ten with the definitive interview script. This technique allowed us to choose the first person through whom a new indication was given, and so on. With regard to data analysis, the research used content analysis and with regard to their interpretation, it was based on Symbolic Interactionism (BLUMER, 1969), Ethnomethodology (GARFINKEL, 1967) and Social Representations (MOSCOVICI, 1961). Finally, it was concluded that the analogical and/or digital informational practices developed by the elderly are mainly due to the needs of each one in their daily lives, according to their preferences, values, interpretations, meanings, references and knowledge, emphasizing that the universe of the elderly is quite heterogeneous and the social roles they assume in this phase are quite varied.

Keywords: informational practices; old people; old age; Covid-19 pandemic.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays Lésbicas Travestis e Transexuais
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ARIST	<i>Annual Review of Information Science and Technology</i>
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBN	Central Brasileira de Notícias
CI	Ciência da Informação
CNDI (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa
CNN	<i>Cable News Network</i>
COVID-19	<i>Corona Virus Disease 2019</i>
CRUS	<i>Centre for Research on User Studies</i>
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
EPIC	Estudos de Práticas Informacionais e Cultura
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INISS	<i>Information Needs and Services in Social Sciences Departments</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	<i>Organización Panamericana de la Salud</i>
RSL	Revisão Sistemática da Literatura
SARSCoV2	<i>Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2</i>
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ESTUDOS SOBRE OS SUJEITOS.....	20
2.1	Práticas Informacionais.....	28
2.1.1	Modelo de busca de informação na vida cotidiana.....	32
2.1.2	Modelo bidimensional de Práticas Informacionais.....	35
2.1.3	Versão estendida de Yeoman	37
3	AS TEORIAS SOCIAIS.....	39
3.1	Interacionismo Simbólico	40
3.2	Etnometodologia	44
3.3	Representações Sociais.....	46
4	PESSOA IDOSA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	50
5	PERCURSO METODOLÓGICO	53
5.1	A fase exploratória.....	53
5.2	O trabalho de campo.....	54
5.2.1	Técnicas e instrumentos de coleta de dados.....	54
5.2.2	Inclusão dos sujeitos na pesquisa	55
5.2.3	Pré-teste.....	57
5.3	Procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados	58
6	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE PESSOAS IDOSAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19.....	61
6.1	Sujeitos da pesquisa	61
6.2	Busca, acesso, uso e compartilhamento da informação pelas pessoas idosas.....	69
6.2.1	Busca de Informação.....	70
6.2.2	Acesso à Informação.....	76
6.2.3	Uso da Informação.....	78
6.2.4	Compartilhamento de informação	79
6.3	A autoindicação da velhice: esse lugar de fala é delas	90
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTA.....	107
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	109
	APÊNDICE C – RESULTADOS DA REVISÃO DE LITERATURA.....	112
	APÊNDICE D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	115

1 INTRODUÇÃO

Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio do seu representante, o diretor-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus, acionou o alerta de mais alto nível da Organização, o de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Anunciava-se a pandemia¹ do coronavírus, isto é, uma nova doença que se disseminou mundialmente, espalhando-se pelos continentes, com transmissão sustentada de pessoa para pessoa (ONU BRASIL, 2020).

Popularmente conhecida como Covid-19, essa é uma doença infecciosa respiratória aguda causada pelo coronavírus *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (SARS-CoV-2), potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (BRASIL, 2021a) que traduzindo para a língua portuguesa significa síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2.

A atual pandemia ocorreu pouco mais de um século depois da Gripe Espanhola de 1918, sendo descoberta em dezembro de 2019 através de amostras coletadas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, sendo o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (BRASIL, 2021a). Entretanto, por mais que o ocidente tente culpabilizar a China com a justificativa de que o nascimento do vírus se deu em decorrência das precárias condições de higiene nos mercados chineses e de seus hábitos alimentares esquisitos, até então não ficou comprovada a origem do novo coronavírus (SANTOS, 2020).

No Brasil, segundo o MonitoraCovid-19² criado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), registraram-se, aproximadamente, 700 mil óbitos até o presente, acumulando um total de casos na faixa dos 36.768.677. A grosso modo, essa tragédia é atribuída ao atraso na compra de vacinas, pois o chefe maior do poder executivo à época se ocupava em propagar discursos mentirosos sobre a pandemia, influenciando pessoas a não tomarem vacina, bem como atrapalhando o desenvolvimento, a aquisição e o processo de vacinação como um todo. Jornais conhecidos mundialmente, noticiaram as denúncias dos crimes contra a humanidade e genocídio pelos quais o então presidente passou a responder nos tribunais internacionais.

¹ O termo passa a ser usado quando uma **epidemia, surto** que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com **transmissão sustentada** de pessoa para pessoa [tradução nossa] (ONU BRASIL, 2020).

² MonitoraCovid-19 é um Sistema de Informação para Monitoramento da Pandemia do Coronavírus (Covid-19), aberto para uso público através do site <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>. Foi criado pelo Laboratório de Informação em Saúde (LIS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz) (FIOCRUZ, 2020)

A partir do alerta planetário, pelos mais variados meios de informação e comunicação o mundo tomou conhecimento de um novo contexto de vida que estaria por vir, muito crítico e desigual,³ diga-se de passagem, desde o célere processo de contágio que ultrapassaria fronteiras, falta de vacinas à época e até hoje em alguns países da África, por exemplo, e índice elevado de mortes à proliferação de mensagens em (des)favor da Ciência e da vida, ocasionando mudanças repentinamente significativas em todos os âmbitos, tanto públicos como privados, individuais e coletivos, políticos, sociais, econômicos, educacionais, culturais, familiares, profissionais, psicológicos e emocionais.

Nesse novo cenário, quando pouco ou nada se sabia sobre a Covid-19, manter o distanciamento físico de outras pessoas foi uma das recomendações mais enfáticas da OMS, combinado com outras medidas preventivas como: fazer a higienização das mãos com álcool ou água e sabão; usar máscaras; cobrir a boca e o nariz com o cotovelo ou lenço dobrado ao tossir ou espirrar; descartar os lenços usados imediatamente e limpar as mãos regularmente; isolar-se até se recuperar, caso apresentasse sintomas ou testasse positivo para Covid-19 e, tudo isso, para que se pudesse evitar rápida circulação do vírus e, conseqüentemente, impedir o maior número possível de óbitos.

Percebe-se como o contexto de vida após o surgimento da Covid-19 é inegavelmente diferente. As práticas sociais apesar de se repetirem, se transformaram. Ousaríamos afirmar que na sociedade atual, na qual ser humano e novo coronavírus coexistem, os valores passam por ressignificação, bem como novos hábitos surgem, incorporando com maior intensidade e rapidez as tecnologias digitais. Assim, podemos imaginar as pessoas, de todas as classes e níveis socioeconômicos, de todos os sexos, gêneros e sexualidades, de todas as cores e etnias, de todas as idades e tamanhos, de todos os credos e religiões, de todos os graus de instrução, de toda sorte, enfim, até os mais vulneráveis como as pessoas idosas; pessoas com deficiência e; pessoas com comorbidades, durante suas práticas da vida cotidiana, em alguma medida interagindo com tudo ao seu redor, produzindo, acessando, se apropriando, compartilhando, criando e atribuindo significados à informação em meio a um contexto adverso, atípico e tenso como o da pandemia de Covid-19.

Com efeito, a pandemia da Covid-19 impôs e expôs à sociedade global desafios inimagináveis, impactando diretamente a vida cotidiana dos sujeitos, suas relações e

³“[...] as epidemias de que o novo coronavírus é a mais recente manifestação só se transformam em problemas globais graves quando as populações dos países mais ricos do Norte global são atingidas. Foi isso que sucedeu com a epidemia da SIDA/AIDS. Em 2016, a malária matou 405 mil pessoas, a esmagadora maioria em África, e isso não foi notícia” (SANTOS, 2020, sem paginação).

interações, com as mudanças decorrentes das medidas de vigilância sanitária e com a consequente interrupção do funcionamento das atividades de forma presencial. Nesse sentido, todas as formas de organizações públicas e privadas, bem como trabalhadores autônomos precisaram se reinventar de modo a amenizar os impactos causados pelo necessário isolamento/distanciamento social. Em outras palavras, pessoas e organizações precisaram buscar alternativas no oferecimento dos seus serviços e produtos, virtualizando sobremaneira os serviços como ação estratégica para atender os clientes e pessoas em geral, que por outro lado, tiveram seu modo de consumo alterado, sendo obrigadas a se adaptarem a essa nova realidade.

Caminhando nessa direção, esta pesquisa se desloca rumo ao paradigma social da Ciência da Informação, que em linhas gerais entende informação como um fenômeno construído socialmente (CAPURRO, 2003), que “(in) forma” o sujeito que a produz ao mesmo tempo em que a busca, acessa, usa e compartilha dentro de contextos socioculturais construídos e partilhados coletivamente.

Visto que os estudos sobre os sujeitos, de abordagem social, se apresentam como superação aos modelos das abordagens tradicional e alternativa, os quais olham para os fenômenos informacionais com base em “[...] mecanismos de estímulo-resposta e que assumem o indivíduo enquanto ser isolado de tudo ao seu redor [...]” (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 572), o conceito de Práticas Informacionais é um conceito que se apresenta como uma alternativa crítica aos modelos de comportamento informacional (que se baseia no ponto de vista cognitivo) e é inspirado principalmente nas ideias do construcionismo social (SAVOLAINEN, 2007).

Inerentes à atividade humana, as práticas informacionais buscam justamente “a relação de cada ação do sujeito com a cultura e com os referenciais sociais que o cerca”. Nas palavras de Marteleto “[...] toda prática social é uma prática informacional [...]” (MARTELETO, 1995, p. 92). O sujeito ao interagir com objetos da realidade, humanos e não-humanos, “[...] recorre aos seus valores e aos referenciais sociais para interpretar a realidade que o cerca e, assim, pode dar significado a ela [...]” (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 583).

Seis características desenvolvidas por Talja, Tuominen e Savolainen (2005) do Construcionismo Social são citadas por Goulart e Kafure (2021), quais sejam: enfatiza os processos linguísticos, substituindo o conceito de cognição por conversas; compreendem os indivíduos como membros de grupos e comunidades; as pesquisas sob esta ótica levam em conta os fatores contextuais de busca, uso e compartilhamento da informação; nesta perspectiva dialógica, o mundo social, o conhecimento e as identidades são constituídos por

conversas, com o uso do idioma; pressupõe-se que os limites do conhecimento social são definidos por discursos, uma vez que as práticas discursivas categorizam o mundo e fornecem uma perspectiva para que o conhecimento seja produzido; o contexto de uso da linguagem é enfatizado, visto que os significados das palavras nem sempre permanecem estáveis.

O conceito de contexto pode ser entendido conforme duas principais linhas de raciocínio: contexto como sinônimo de situação, esta que se refere às circunstâncias em que surgem as necessidades de informação e; contexto como uma unidade mais ampla que situação, ou seja, as várias situações são unidades menores que compõem o contexto, no qual se dão as práticas sociais relacionadas às atividades de informação no trabalho, como também na vida cotidiana (TALJA; NYCE, 2015).

Sendo assim, torna-se mais apropriado adotarmos o segundo conceito de contexto, haja vista que não pretendemos nos debruçar apenas em circunstâncias nas quais necessidades informacionais surgem, mas sim pressupor que, em meio à pandemia de Covid-19, puderam surgir diversas situações na vida laboral e cotidiana dos sujeitos, construídas socialmente e/ou coletivamente. Apesar dos atores não-humanos como as tecnologias, recursos e estruturas, por exemplo, juntamente com os atores humanos formarem o contexto socialmente construído, a centralidade dos estudos de práticas informacionais está na interação entre os sujeitos.

[...] ao privilegiar a atividade humana, reconhecemos que a cultura é uma construção dos seres humanos e as práticas informacionais são, em essência, práticas coletivas, culturais. Portanto, acreditamos que, embora os atores não-humanos (tecnologias, estrutura e recursos, entre outros) sejam importantes e influenciam a construção do contexto, a centralidade está na interação entre os sujeitos (atores humanos). Mesmo que atores não-humanos atuem sobre a cultura, há sempre a intencionalidade humana por trás dessa ação. Então, o que torna tão complexo esse conceito é uma constante construção mútua (a dinamicidade) entre atores e contexto, ambos continuamente sendo modificados ou influenciados por todas as características, elementos ou aspectos inter-relacionados na realidade dos sujeitos [...] (ROCHA; GANDRA, 2018, p.578).

Outrossim, na realidade do “novo normal” (designação utilizada para se referir a um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência) além da crise sanitária se instala uma outra: a “infodemia”. Trata-se, portanto, de “[...] um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual [...]” (GARCIA; DUARTE, 2020, p.1), terreno propício para o surgimento de boatos, desinformação e manipulação de informações com intenção obscura e duvidosa, além das chamadas *fake News*, isto é, “[...] informações noticiosas que buscam alertar o público para alguma situação ou retratar um ponto de vista de um acontecimento. Entretanto, como se pode deduzir pelo

nome, possui parte ou todo seu conteúdo composto de informações inverídicas [...]” (PAULA, SILVA, BLANCO, 2018). As redes sociais, por sua vez, potencializam o alastramento de informações em alta velocidade e, uma vez espalhadas, estas se apresentam como uma espécie de vírus (GARCIA; DUARTE, 2020), contaminando àqueles e àquelas que não foram capacitados para combatê-lo. Segundo a *Organización Panamericana de la Salud* (OPAS, 2020, p. 2):

Desinformação é uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações sobre a COVID-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade. Grande parte dessas desinformações se baseia em teorias conspiratórias; algumas inserem elementos dessas teorias em um discurso que parece convencional. Estão circulando informações imprecisas e falsas sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, a causa, o tratamento e o mecanismo de propagação. A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde.

Sendo assim, analisar esse cenário representa um esforço importante, para que possamos compreender como o mesmo influencia a busca, o acesso, o uso e o compartilhamento da informação, inclusive sobre tal virose, por isso, escolhemos as pessoas idosas: indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2021b), que são socialmente conhecidos como as mais vulneráveis, por se enquadrarem nas condições e fatores de risco para possíveis complicações da Covid-19 e que são, comumente, identificados como partícipes de um grupo muitas vezes esquecido, silenciado e ignorado, ficando à deriva do mundo virtual também, tornando-se vítimas em potencial das chamadas *fake News* (notícias falsas), uma vez que não foram e não têm sido preparados para esse novo ambiente (ESTABEL; LUCE; SANTINI, 2020), no qual a forma de comunicação e informação acontece via *Internet*, por meio de aplicativos a exemplo do *WhatsApp*.

Diante do exposto, a Ciência da Informação, assim como as ciências da saúde, nesse momento difícil não pode se esquecer daqueles(as) que são prioridade, no sentido literal da palavra, sobretudo por não terem supostamente tanta desenvoltura com os meios remotos e digitais, comparado aos seus filhos e filhas, netos, netas e assim sucessivamente. E que também, em maior ou menor grau, podem e desenvolvem com autonomia suas práticas de

informação, sobre as quais esta pesquisa se empenhou para responder como se configuram as práticas informacionais das pessoas idosas⁴ no contexto da pandemia de Covid-19.

O interesse pela temática surgiu durante a disciplina de Tópicos Especiais - Estudos sobre Práticas Informacionais, a partir da qual senti a necessidade de ressignificar a proposta de pesquisa anteriormente apresentada à comissão de seleção de mestrado. Tratava-se muito mais de uma convicção acadêmica que passei a ter pelo conceito de Práticas do que qualquer outra possibilidade. Pergunta-se então: por que você não já fez um projeto com esse viés? Falando com sinceridade, uma amiga doutora me sugeriu, mas não consegui compreender a temática sozinha enquanto elaborava meu anteprojeto, além de não ser adepta dos “modismos”, isto é, aquela temática que está em alta no momento. No meu caso, a sala de aula mesmo que no formato remoto foi propícia para me acender *insights*. Aliado a isso, tive a benção de ao meu lado estar Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva, como minha orientadora e mestre, de quem tive e tenho total apoio e auxílio necessários desde o início, seja na construção desta dissertação, seja nas atividades avaliativas das disciplinas, no estágio docência, enfim, em todos os momentos dessa minha formação ela sempre esteve muito presente.

De uma perspectiva pessoal, a escolha por essa temática teve seu lado emotivo também, pois durante a pandemia as incertezas tomaram uma dimensão surreal e isso me gerou muita angústia. A maior delas era não saber se e quando conseguiria ver meus pais novamente (mesmo sabendo que a vida é efêmera). Eles que migraram para o interior da Paraíba logo no início da pandemia, como alternativa de sobrevivência, afinal, são do grupo de risco (60 anos acima). E uma vez isolados na fazenda saíam do foco da contaminação. Eu, por outro lado, tive que ficar na capital por causa do trabalho e o período mais crítico foi quando o Governo do Estado decretou às empresas de viagens suspensão de tráfego intermunicipal. Confusa a situação, porque quando se podia viajar eu tinha medo de ser contaminada e de transmitir a virose aos meus pais e quando não se podia viajar eu tinha medo de não os ver e de não os abraçar nunca mais. Em síntese, o contexto da pandemia e a preocupação com as pessoas idosas, em parte, surgiu dessa enorme angústia e a forma de

4 As expressões “idoso” e “idosos” devem ser substituídas em textos oficiais pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente, em conformidade com a recomendação do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI). A critério de informação, já está em vigor a Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022 que altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 e, portanto, substitui tais expressões, a começar do título agora denominado de Estatuto da Pessoa Idosa.

cuidar deles era me informando para com eles compartilhar notícias sobre a vacina e assuntos afins.

Tínhamos em um primeiro momento motivações para querer realizar um trabalho que combinasse Práticas Informacionais e pessoas idosas na pandemia. Contudo, para podermos executar um projeto nesses moldes precisaríamos conhecer primeiramente a literatura. Assim, realizamos algumas buscas e duas revisões utilizando a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Uma teve como objetivo identificar na literatura estudos que conceituam Práticas Informacionais e a outra objetivou identificar o quantitativo de produções por ano e os assuntos aos quais a pessoa idosa está relacionada e, para surpresa das investigações, detectou-se que não havia nenhum trabalho de práticas informacionais de pessoas idosas.

Destarte, esta dissertação é a primeira pesquisa a lidar com práticas informacionais e pessoas idosas em ambiente não institucionalizados e pode contribuir para o campo da Ciência da Informação, sobretudo para sua responsabilidade social, bem como para o fortalecimento do subcampo Estudos sobre os Sujeitos, mais particularmente no que tange às Práticas Informacionais que, diante do movimento de reflexão que envolve e propõe essa temática e como afirma Araújo, acreditando que esses estudos objetivam “[...] iluminar determinados aspectos da realidade, determinadas problemáticas, que até então não vinham sendo estudadas (ou suficientemente estudadas) [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 233).

Não obstante, este trabalho constitui inovadora teorização quando se propõe a desbravar esse tipo de sujeito sob o viés de tal conceito que difunde novos conhecimentos ao passo que inspira complexidade.

O objetivo principal que consistiu em compreender as práticas informacionais de pessoas idosas no contexto da pandemia do Covid-19 direciona o escopo para o contexto vivenciado pelas pessoas idosas, sem que as vincule à alguma instituição. Em outras palavras, relaciona o conceito de vida cotidiana a uma situação específica: busca, acesso, uso e compartilhamento de informação no contexto da pandemia da Covid-19 por dez pessoas idosas, com idades entre 61 e 81 anos.

Com a finalidade de alcançar tal objetivo definirmos especificamente aqueles que operacionalizaram essa tarefa, quais sejam: a) Delineamento do perfil das pessoas idosas, sujeitos dessa pesquisa; b) Descrição das ações de busca, acesso, uso e compartilhamento de informações no contexto da pandemia da Covid-19 e; c) Reconhecimento das práticas informacionais de pessoas idosas na vida cotidiana.

Vale ressaltar que, embora a vacina já exista, até o momento da realização dessa defesa, a pandemia da Covid-19 ainda não acabou.

A estrutura dessa dissertação se organiza em sete seções: a primeira, esta introdução, contextualiza o tema abordado, aponta a questão-problema, descreve qual foi o objetivo da pesquisa e apresenta as justificativas; a Seção 2 inclui um breve histórico dos estudos sobre os sujeitos e discorre sobre Práticas Informacionais; a Seção 3 aborda as três teorias adotadas: Interacionismo Simbólico, Etnometodologia e Representações Sociais; a sessão 4 que aborda a pessoa idosa e a Ciência da Informação; a sessão 5 que apresenta o percurso metodológico; a sessão 6 na qual apresenta-se a análise dos dados e; por último, a sessão 7 com as considerações finais, seguida das referências utilizadas para o estudo, bem como os apêndices que correspondem ao roteiro de entrevista e o termo de consentimento livre e esclarecido.

2 ESTUDOS SOBRE OS SUJEITOS

A Ciência da Informação é uma disciplina científica que se consolidou na década de 1960, congregando em sua origem conhecimentos advindos principalmente da Teoria Matemática da Comunicação e da Teoria Sistêmica. “[...] Embora tenha nascido como uma proposta unificada de estudos, já em seu início verificou-se o desenho de abordagens mais específicas de estudo – que originaram, anos depois, suas subáreas [...]” (ARAÚJO, 2018, p. 25). Dentre as subáreas e/ou subcampos, assim denominados os campos com maior especificidade de pesquisas, estão: a) Produção e comunicação científica; b) Representação e organização da informação; c) Memória, patrimônio e documento; d) A gestão da informação; e) Economia política da informação; f) Estudos métricos da informação e; g) Os estudos sobre os sujeitos. Vale salientar que essa última subárea está contemplada num grupo de trabalho específico do principal evento da área, o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação-ENANCIB, qual seja: GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação (ARAÚJO, 2018).

Os estudos sobre os sujeitos, denominados por décadas de estudos de usuários, se inclinam para os seres humanos em (inter)relação com o objeto informação e podem ser definidos como:

[...] uma complexa utilização de método, técnicas e instrumentos de natureza diversa, que convergem na medida em que se investiga ou estuda um sujeito chamado usuário, seja vinculado a uma unidade de informação, como é comum, ou a um usuário de informação, como uma comunidade de sujeitos entre os quais existe um fluxo de informação, vinculado ou não a uma unidade de informação [...] [tradução nossa] (CALVA GONZÁLEZ, 2004, p. 200).

De acordo com Tanus (2014), embora a CI tenha sido constituída recentemente no campo da História das Ciências, pode ser vista a partir de três distintos paradigmas que Capurro (2003) nomeou de: paradigma físico; paradigma cognitivo e; paradigma social, sendo o conceito de informação a noção basilar que perpassa os paradigmas e que conforme “[...] a sua inserção nos distintos modelos, modifica o entendimento que se faz do usuário e, conseqüentemente, da própria Ciência da Informação [...]” (TANUS, 2014, p. 144).

De maneira sucinta, pois se delongar nessa discussão não é nosso objetivo e para melhor compreensão do que tratam tais paradigmas, podemos dizer que o paradigma físico deixa em evidência os sistemas como foco das pesquisas, assumindo uma postura de exclusão dos sujeitos tanto no processo de recuperação da informação científica, em particular, como

em todo processo informativo e comunicativo, em geral. Além disso, o conceito de informação não possui o mesmo significado da linguagem comum, mas é a mensagem e/ou os signos que assumem tal significado, representando aquilo que reduz as incertezas na comunicação entre emissor-receptor. A informação, na perspectiva fisicista é algo objetivo e mensurável, como os algoritmos, por exemplo (CAPURRO, 2003).

Por outro lado, a perspectiva do paradigma cognitivo inclui os sujeitos, porém, enquanto seres cognoscentes apenas, isto é, os sujeitos buscam por informação quando seu conhecimento não é suficiente para resolver uma problemática. Assim, o conceito de informação passa a ter significado subjetivo, que serve para transpor o estado anômalo do conhecimento do sujeito. O terceiro e derradeiro, paradigma social, não exclui os condicionamentos sociais e materiais do existir humano. Ao contrário, critica e rompe com os modelos físico e cognitivo, pois para estes tanto os sujeitos como a informação são estudados isoladamente, como se fosse possível se desvencilhar do mundo exterior e social no qual são efetivamente construídos e constituídos (CAPURRO, 2003). A seguir, veremos com maior clareza como os paradigmas se estabelecem na literatura dos estudos sobre os sujeitos.

A priori, os estudos sobre os sujeitos, se originam na Biblioteconomia por volta das décadas de 1930 e 1940, quando no âmbito da Universidade de Chicago situada nos Estados Unidos, os primeiros estudos sobre comunidades de usuários de bibliotecas foram realizados (ARAÚJO, 2020, p.22). Tal subcampo nem sempre possuiu essa nomenclatura, na origem esses estudos eram denominados *library surveys*, que em português significa levantamentos bibliotecários ou, *reading surveys* que significa enquetes sobre leituras (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015).

Na segunda metade da década de 40, a maior parcela dos estudos pretendia aperfeiçoar serviços e produtos das bibliotecas. Simbolicamente, o marco dos estudos de usuários ocorre em 1948, com a publicação de dois trabalhos científicos na *Royal Society Scientific Information Conference* ocorrida em Londres, estreando um novo prisma com enfoque mais amplo que a interação e as ações, buscas e consultas de usuários em uma instituição específica como a biblioteca apenas, mas também em arquivos, centros de documentação e até mesmo junto a outros usuários (ARAÚJO, 2020). Ainda nessa mesma década, apareceram as reflexões iniciais acerca dos estudos dirigidos às necessidades de usuários, buscando identificar como se davam os procedimentos para obtenção de informação ou como se dava a utilização da literatura por parte de técnicos e cientistas nas respectivas áreas de conhecimento (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015).

Em 1950 pode-se destacar a crescente produção de estudos em relação ao uso de informação entre grupos específicos de usuários e; diversos trabalhos acerca de estudos de usuários publicados na *International Conference of Scientific Information*, realizada em 1958 na cidade de *Washington*. Na sequência, em 1960 destaca-se: o início da publicação do *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST⁵); o acentuado crescimento no número de estudos de usuários, decorrentes das pesquisas em Sociologia da Ciência, da explosão documental; do controle bibliográfico e, da necessidade de conhecer o usuário de forma mais aprofundada; o crescimento de pesquisas a respeito de comportamento dos usuários e; o princípio dos estudos acerca de fluxo da informação, canais formais e informais, elaborados no âmbito da *Johns Hopkins Center for Research in Scientific Communication* de 1966. De 1965 em diante, para estudar aspectos peculiares do comportamento dos usuários, técnicas de observação indireta mais refinadas passaram a ser utilizadas, bem como: “análise de citações, estatísticas de uso de coleções e início do uso de métodos sociológicos para analisar a transmissão informal da informação” (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015, p.37; ARAÚJO, 2020).

Em 1970, afirmam Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 37) que “[...] os estudos sociológicos foram mais utilizados e percebe-se a necessidade de ajustar o sistema aos usuários [...]”. Na visão desses autores, precisava-se estudar as necessidades de usuários não apenas de bibliotecas, mas sim de outras áreas do conhecimento, como as ciências sociais e humanas, com maior amplitude e de forma exploratória. Araújo (2020) ressalta que em 1975 um dos estudos do grupo *Centre for Research on User Studies* (CRUS) da Universidade de Sheffield, Inglaterra, denominado Estudo INISS (*Information Needs and Services in Social Sciences Departments*) procurou estudar os hábitos dos trabalhadores dos departamentos administrativos, de modo que os serviços de informação pudessem se antecipar às necessidades vividas nos postos de trabalho. A partir de então, esse grupo se dedicou a desenvolver uma perspectiva nova de estudos de usuários alicerçada em uma fundamentação cognitiva.

Com efeito, a centralização das preocupações em torno dos sistemas de informação ocasionou a limitação desses estudos e, a partir dos anos 80, foram ganhando visibilidade estudos que tinham em comum uma perspectiva cognitivista e que se embasaram nas teorias

⁵ Trata-se de uma revista de revisão anual da literatura de Ciência da Informação que foi publicada de 1966 a 2011 e, após um hiato de 10 anos, foi relançada pelo Conselho de Administração da Association for Information Science and Technology em 2021.

de Belkin (1980) (estado do conhecimento anômalo); Dervin (1983) (construção de sentido); Taylor (1986) (valor agregado) e; Wilson (1981) (comportamento informacional). Com isso, sobretudo com a propositura de Tom Wilson (1997) de mudar o nome do campo para “estudos de comportamento informacional” evidenciava-se a ampliação do foco de estudos iniciada anos antes e a tentativa de consolidação da nova perspectiva, ou seja, migrava-se do estudo do sujeito em interação com um único sistema, para o estudo do sujeito em suas diversas (inter)ações com a informação, em situações de necessidade de informação, ou de engajamento nos vários processos de busca e interação com inúmeras fontes, recursos, serviços e sistemas (ARAÚJO, 2020).

Segundo González Teruel (2005) o sujeito é protagonista indiscutível do estudo de qualquer processo informativo, pois são suas características individuais e seu contexto laboral, social, econômico ou político de referência, que determinarão seu comportamento em relação à informação [tradução nossa].

A respeito dessa quebra paradigmática, Araújo (2020) comenta que foi o importante artigo de Dervin e Nilan publicado no “*Annual Review of Information Science and Technology*” o responsável pela consolidação dessa virada teórica, uma vez que o artigo sistematizava a existência de duas grandes abordagens de estudos sobre os sujeitos: a “tradicional” e a “alternativa”.

De maneira sintética, a abordagem tradicional ignora o fato de conhecimento ser algo relativo; dos indivíduos serem mutáveis e; da mensagem enviada por um emissor ser exatamente idêntica àquela recebida pelo receptor, haja vista que seu sentido dependerá dos “estoques de informação” que cada indivíduo possui internamente, através dos quais o ser humano constrói sua própria realidade, compreendendo as diferentes situações em dados contextos, bem como as informações exteriores a si mesmo (FERREIRA, 1995).

Compreendida como coisa que existe fora do indivíduo, algo externo e objetivo, a informação na concepção da vertente tradicional “[...] existe em um mundo ordenado e é capaz de ser descoberta, definida e medida [...]” (FERREIRA, 1995, n.p). Assim, estudos com esse viés davam e dão margem às instituições e suas atividades, como a aquisição e administração de coleções de materiais, por exemplo.

Isso se deve ao fato de:

[...] historicamente, os sistemas de informação têm sido planejados em função das tecnologias utilizadas para sua implementação ou do conteúdo da informação a ser inserida. Os mais antigos sistemas encontram suas bases nos documentos impressos, catálogos e, hoje, nos artefatos digitais, computadores e tecnologias associadas [...] (FERREIRA, 1995, n.p).

Para a sistematização dos estudos de abordagem tradicional González Teruel (2005) aponta o marco de 1948, com a apresentação de dois trabalhos de autoria de Bernal e Urquhart, na *Royal Society Scientific Information Conference*. De acordo com a mesma autora, partindo da segunda metade do século XX desse marcante feito, uma tradição se desenvolveu: estudos voltados em essência para a pesquisa de perfis de hábitos informacionais de cientistas das áreas de engenharias e ciências naturais (1948 a 1960), posteriormente, em 1960, se descreve a extensão dos estudos a outros grupos, como os cientistas sociais, e com ela a introdução de metodologias destas disciplinas. Nos anos de 1970 se destaca a criação do *Centre for Research on User Studies* (CRUS), que se tornou referência para a pesquisa nessa área e na década de 1980 são descritas algumas das primeiras iniciativas destinadas a fornecer uma base teórica para estudos de necessidades e usos. Por fim, a década de noventa, em que essas iniciativas são assumidas e tomadas como marco para a investigação de grupos de sujeitos em diferentes contextos [tradução nossa] (GONZÁLEZ TERUEL, 2005, p. 40).

Os estudos se davam através de pesquisas quantitativas que visavam conhecer os perfis sociodemográficos dos sujeitos, identificar barreiras e satisfação, caracterizar o acesso físico às fontes e sistemas de informação, por meio da aplicação de questionário para o coletor de dados.

Os estudos de abordagem alternativa se debruçam nos elementos fundamentais sobre usos e necessidades de informação, especialmente sobre as definições de informação e de necessidade.

Uma possível terceira abordagem, no entanto, ainda não apresentava manifestação clara no campo de estudos sobre os sujeitos, mas seus indícios podem ser exemplificados pelo modelo ELIS (*everyday life information seeking*) de Savolainen (1995), a abordagem construcionista social de Tuominen e Savolainen (1997) e o modelo bidimensional de práticas informacionais de McKenzie (2003) (ARAÚJO, 2015).

No cenário brasileiro, dentre alguns exemplos, podem ser citadas a abordagem interacionista (ARAÚJO, 2010) e a proposta de estudo a partir do conceito de interagente, que Corrêa (2014, p. 23) sugere “[...] para designar a comunidade de frequentadores de unidades de informação e público-alvo dos estudos e pesquisas de comportamento informacional em Biblioteconomia e Ciência da Informação [...]” em substituição ao termo “usuário”.

No Brasil, ao realizar um estudo sobre a produção científica sobre Usuários da Informação, Araújo (2019) apontou a existência de uma considerável e extensa produção no

que tange à “abordagem alternativa” ou “abordagem cognitiva” de estudos de usuários, com destaque para as produções baseadas na teoria *sense-making* de Brenda Dervin, no modelo *Information Seeking Process* (ISP) de Carol Kuhlthau, nos modelos de comportamento informacional de Tom Wilson e no modelo integrativo de Chun Wei Choo.

No entanto, essa constatação não parecia suficiente, levando Araújo (2019) a identificar a falta de uma fundamentação conceitual para cada uma das abordagens, a qual revelasse a origem do conceito, os métodos de estudo e os objetivos de cada uma. A partir disso, iniciou-se um aprofundamento teórico em cada uma das abordagens.

No caso da abordagem tradicional (período fundacional 1950-1970), Araújo (2019) procurou compreender as duas matrizes teóricas dessa abordagem, que são: o positivismo e o funcionalismo. Ao adentrar nos fundamentos das ciências humanas e sociais para mostrar os elementos centrais dessas matrizes e suas apropriações por parte dos estudos de usuários da informação, Araújo (2019, p. 125) explica:

[...] o positivismo, como se sabe, representa a transposição, para as ciências humanas e sociais, do mesmo modo de raciocínio das ciências naturais (exatas e biológicas). Isso significa a concepção de que a realidade possui um fundamento nela mesma, isto é, que pode ser objetivamente compreendida pelo método científico; a pressuposição de que a realidade é composta por regularidades, que podem ser expressas em leis; e que os aspectos da realidade relevantes são aqueles que podem ser observados e quantificados [...] (ARAÚJO, 2019, p. 125).

No caso da abordagem alternativa (período de reconfiguração 1980-1990), Araújo (2019) encontrou nos trabalhos dos autores que mais se destacam elementos relacionados ao construtivismo, ao interacionismo simbólico, à fenomenologia e à etnometodologia. Segundo o mesmo autor:

[...] essas abordagens são das ciências humanas e sociais e se construíram em oposição ao positivismo, calcadas nas ideias de que a causalidade dos fenômenos humanos e sociais é distinta dos fenômenos naturais (o ser humano é um sujeito consciente das suas ações, possui intencionalidade, atribui significado ao que faz) e que o caráter situacional e contextual dos fenômenos é decisivo (os fenômenos são profundamente imbricados nas realidades econômicas, culturais, políticas nos quais se inserem) [...] (ARAÚJO, 2019, p. 125).

Sendo assim, Araújo (2019) e a professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte concluíram que a disciplina Usuários da Informação poderia receber contribuições tanto do positivismo e do funcionalismo, como das perspectivas compreensivas e fenomenológicas e que tal disciplina não deveria ser somente teórica, mas envolver, também, trabalho de campo

de efetiva pesquisa, cujo uso de distintas abordagens da realidade geraria resultados também distintos.

Os desafios persistiram nos anos seguintes, quando esses pesquisadores perceberam a existência de uma gama de produção científica bastante expressiva sobre o assunto, muito embora possuindo designações diferentes de “usuários da informação”, como por exemplo: estudos em mediação da informação, competência em informação⁶, informação e cultura, informação e sociedade, entre outros. Na visão de Araújo (2019, p. 127), especificamente no âmbito do GT-3 - Mediação, circulação e apropriação da informação da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB):

[...] pesquisadores vinham apresentando resultados de pesquisas com temas e contribuições fundamentais para se entender os usuários da informação, ainda que não usassem essa expressão. Era preciso conhecer essa produção, estabelecer diálogos com ela e incorporar suas contribuições [...] (ARAÚJO, 2019, p. 127).

Além disso, era necessário adequar o programa da disciplina para incorporar questões, aspectos e demandas de outras áreas, como a arquivologia e a museologia, visando ampliar o escopo conceitual e teórico da disciplina de Usuários da Informação. Sendo assim, Araújo (2019) estabeleceu algumas interlocuções nacionais e internacionais, mas destaca o ano de 2014 como decisivo, visto que teve um trabalho aprovado no evento mais importante do mundo na área de usuários da informação, o ISIC: *The information behaviour conference*, em Leeds, Inglaterra, evento este que lhe proporcionou diálogos com pesquisadores estrangeiros, cuja experiência serviu também para situar em relação à produção científica mundial.

De forma resumida, o trabalho apresentado à comunidade internacional que visava à ampliação conceitual do subcampo estudos de usuários, ocorre a partir “[...] do tensionamento da categoria ‘usuário da informação’ por meio de duas categorias, ‘sujeito’ e ‘informação’ [...]” (ARAÚJO, 2019, p. 128). Na verdade, segundo Araújo (2019) a questão consistia em perceber que o estudo do sujeito informacional perpassava dois quadros de referência distintos: em um quadro existem três modelos de estudo dos sujeitos e; em outro quadro

6 Corresponde à tradução do termo em inglês *information literacy*. Na literatura brasileira da área há uma grande variedade de termos como: ‘Alfabetização Informacional’, ‘Alfabetização em Informação’, ‘Competência Informacional’ e ‘Competência em informação’. Entretanto esse último termo foi proposto na primeira mesa-redonda sobre Competência em Informação no XIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) que ocorreu em Natal-RN, em 2004 e, desde então, foi reconhecido e utilizado, por muitos pesquisadores da área (HATSCHBACH; OLINTO, 2008).

existem três modelos de estudo da informação, resultando, portanto, num quadro complexo de possibilidades de estudo e pesquisa.

Em síntese, Tanus, Berti e Rocha (2022, p. 161) afirmam que:

Os “estudos de usuários” e as “práticas informacionais” são possibilidades distintas de pesquisas dentro da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, as quais se encontram pela via do ser humano e se afastam também pelo olhar que conferem a esse sujeito, no primeiro, o foco é o usuário, e no segundo é o conceito complexo de sujeito (social, político, cultural e informacional) com toda a sua potencialidade dialógica. O usuário, portanto, tem uma tradição histórica e de pesquisas associado a uma vertente mais restrita e vinculado a um sistema ou a ele mesmo diante de um problema informacional que é localizado em uma dada situação. Enquanto, as práticas informacionais são pesquisas que se concentram na discussão mais ampliada e integrativa dos diferentes contextos e realidades onde os sujeitos são também responsáveis pela construção social. As interpretações e caminhos compreensivos das ações informacionais que são práticas sociais não podem ser diminuídas a dimensão do comportamento humano ou a perspectiva unidirecional da relação com os sistemas. (TANUS; BERTI; ROCHA, 2022).

Segundo Araújo (2019) a partir do aprofundamento das leituras e estudos nas ciências humanas e sociais acerca da perspectiva dos sujeitos, existem três grandes correntes que as compõem: a positivista/funcionalista, a crítica/marxista e a compreensiva/fenomenológica. Enquanto que sob o ponto de vista da informação, avançou-se nos fundamentos da Ciência da Informação, a partir do estudo das três grandes perspectivas que compõem a área: a fisicista, a cognitivista e a pragmatista ou sociocultural.

Finalmente, com o avanço do campo nos últimos vinte anos e, após alcançar o escrutínio da comunidade internacional é que se torna real a ampliação do quadro conceitual que culminou com a incorporação de uma terceira maneira de estudar os sujeitos da informação, privilegiando suas práticas em meio ao contexto social em vez de questões exclusivamente cognitivas, através da abordagem denominada “práticas informacionais”, que se inserem no terceiro paradigma da Ciência da Informação descrito por Capurro (2003) como paradigma social (período de redefinição a partir de 1990), a qual se origina com os estudos de Jesse Shera (1960) acerca da epistemologia social da informação, recebendo também contribuições dos regimes de informação de Frohmann, da abordagem realista-dialética de Rendón Rojas, da análise de domínio de Hjørland (CUNHA, AMARAL, DANTAS, 2015; ARAÚJO, 2010) e/ou do interacionismo simbólico e da etnometodologia (ROLIM; CENDÓN, 2013; GANDRA; DUARTE, 2012; ARAÚJO, 2010), colocando-se como contraponto aos estudos anteriores focados nos paradigmas físico e cognitivo.

2.1 Práticas Informacionais

O conceito de Práticas Informacionais se estabiliza no subcampo de Estudos sobre os Sujeitos com vistas a iluminar determinadas questões e aspectos da realidade insuficientemente explorados pela dimensão cognitiva, a qual considera o sujeito como um ser cognoscente, subjetivo, isolado do contexto que o cerca e, geralmente, apenas compreendido dentro dos limites de ambientes científicos e profissionais, isto é, no contexto da tarefa.

A esse respeito, Tanus; Berti e Rocha (2022, p. 161) inferem que:

[...] os estudos de “práticas informacionais” não podem ser vistos como sinônimo de “estudos de usuários”, pois ambas as abordagens apresentam suas proposições e características de pesquisa distintas. Nessa trajetória dos “estudos de usuários” podemos associar a abordagem tradicional e a abordagem alternativa com os respectivos paradigmas físico e cognitivo da Ciência da Informação (TANUS, 2014). Outra consideração fundamental é compreender que tais abordagens coexistem e dependem do problema e objetivo da pesquisa, de modo que não se deve pensar numa lógica evolutiva e, menos ainda, substitutiva. São nitidamente propostas de reflexão e de intervenção distintas e com implicações dos resultados diferenciados. Sendo, então, os estudos de usuários uma das possibilidades de pesquisa que localizam (ou aprisionam) os sujeitos na categoria de informante, não sendo foco a problematização e a compreensão mais ampliada das relações informacionais e dos contextos que são tensionados no meio social (TANUS; BERTI; ROCHA, 2022, p. 161).

A origem do conceito de práticas informacionais advém, por conseguinte, da necessidade de abordar o indivíduo enquanto um sujeito informacional, intersubjetivo, que na vida cotidiana, constrói socialmente informação e conhecimento ao passo que é influenciado por práticas sociais estabelecidas em coletividade.

[...] por seu turno, as práticas informacionais não se confundem com os “estudos de usuários”, os quais possuem uma longa trajetória tributária dos estudos de comunidade, passando pelos estudos de comportamento informacional, notadamente, marcados pelos paradigmas físicos e cognitivos conforme delineou Rafael Capurro (2003) [...] (TANUS; ROCHA; BERTI, 2021, p. 11).

As práticas informacionais, pois, firmam-se na abordagem social, admitindo e apresentando um território próprio, enlaçado fortemente com as Ciências Sociais e Humanas, gerando mudança epistemológica (TANUS; ROCHA; BERTI, 2021).

Tal conceito recorre à noção de *práxis* (BOURDIEU, 1996), que pode ser definida como “[...] o movimento mesmo por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 220), ou como sendo todo “[...] modo de agir no qual o agente, sua ação e o produto de sua

ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los” (CHAUI, 1984, p. 20).

Corroborando com essa máxima, Marteleto (1995) complementa:

[...] toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização [...] (MARTELETO, 1995, p. 92).

O precursor da abordagem de práticas informacionais, Savolainen (1995), tornou-se referência por propor um modelo de busca de informação na vida cotidiana (*Everyday Life Information Seeking*, ELIS), ou seja, abriu espaço para “[...] uma compreensão mais plural dos sujeitos – mais condizente àquilo que as pessoas efetivamente são” (ARAÚJO, 2017, p.228), fazendo compreender que “[...] os processos de busca e uso da informação são constituídos social e dialogicamente, ao invés de baseados nas ideias e motivos de atores individuais [...]” (TUOMINEM; TALJA; SAVOLAINEN, 2005, p. 331).

É unânime a afirmativa de que não existe um conceito único para definir as práticas informacionais, o que, ao longo do tempo, autores vêm se esforçando para defini-las, a exemplo de Pinto (2012, p.13), a qual afirma que “as práticas informacionais acontecem num dado momento histórico e estão determinadas pelas relações sociais contemporâneas” e, dessa maneira podem ser definidas também como “[...] ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem em circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais [...]” (ARAÚJO, 1999, p. 155).

Na definição de Savolainen (2007), práticas informacionais é um conceito guarda-chuva apropriado para investigar e descrever fenômenos relacionados aos fatores contextuais de busca, uso e compartilhamento da informação, utilizado com o fim de caracterizar o modo como as pessoas lidam com a informação, compreendem os indivíduos como membros de grupos e comunidades.

Assim sendo, os estudos sob esse viés recebem sobremaneira influência do Construcionismo Social, “[...] que tomam os indivíduos como ponto de partida das investigações, dando lugar preferencial para os atores (pragmatismo, interacionismo e etnomedologia) [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 219).

Ademais, Araújo (2017) acrescenta mais duas grandes posturas intelectuais apontadas por Lallemet (2004) que seriam, além do Construcionismo Social, as teorias com vertente inclinada ao culturalismo, o funcionalismo e o estruturalismo - “[...] teorias voltadas para o ordenamento social, isto é, para a integração e a lógica de funcionamento do sistema

social tomado como um todo [...]” (ARAÚJO, 2019, p. 219) e; as teorias com vertente voltada para o marxismo, pós-marxismo e historicidade – “[...] teorias voltadas para as contradições do social, isto é, que examinam a vida humana a partir de um ponto de vista macroscópico, como a vertente anterior, mas com ênfase nos conflitos que a perpassam e a estruturam” (ARAÚJO, 2019, p. 219).

É conveniente ressaltar que essas não são as únicas tradições que originaram a proposta de pesquisa em torno da ideia de práticas informacionais, talvez sejam as principais, mas vale destacar que a esse respeito Araújo (2019) afirma que sua origem está na perspectiva intelectual das ciências humanas e sociais como um todo.

Com efeito, para realizar um estudo sobre os sujeitos a partir dessas perspectivas, deve-se ter em mente que o subsídio principal é o conceito de práticas informacionais, devendo renunciar os procedimentos metodológicos e teóricos objetivista e subjetivista, atentando para os recursos teórico-metodológico disponíveis pela abordagem denominada “social”, “sociocultural”, “interacionista” ou “construtivista” (ARAÚJO, 2016), caracterizando, por outro lado, “[...] o tipo de movimento intelectual que marca essa perspectiva, bem como o entendimento que é feito tanto de ‘usuário’ (sujeito, indivíduo) como de ‘informação’ (e conhecimento) [...]” (ARAÚJO, 2017, p. 218).

Dessa maneira, complementam Rocha, Gandra, Rocha (2017, p.101):

[...] a se considerar o usuário da informação pela perspectiva das diversas abordagens teórico-metodológicas das práticas (como as de Giddens, Bourdieu ou da etnometodologia), não é possível tomá-lo nem objetivamente nem subjetivamente, mas como um sujeito (e não apenas usuário de um serviço) que se constrói e constrói a realidade social e as premissas dos sistemas ou serviços que utilizam [...].

Em suma, no que concerne às metodologias aplicadas na perspectiva desses estudos, Araújo (2013) em suas investigações na seara das práticas informacionais cita as metodologias/teorias sociais predominantes e/ou mais indicadas: Etnometodologia (GARFINKEL, 1967); Interacionismo simbólico (BLUMER, 1980); Fenomenologia (SCHUTZ, 1979); Hermenêutica (GADAMER, 1997); e Teoria da Prática (BOURDIEU, 1996). Rocha, Gandra e Rocha (2017) acrescentam ainda: Cognição Situada, Cognição Distribuída, e Teoria da Atividade. E Tanus, Rocha e Berti (2021, p.10) apontam a teoria do micro-interacionismo como sendo:

[...] o espaço de teorias que conferem centralidade aos sujeitos para, a partir dele, discutir a construção social da realidade. É com esta corrente de estudos que as práticas informacionais encontram uma maior identificação para com isso fazer

convergir os estudos, notadamente, marcados pela dimensão histórica e social [...] (TANUS; ROCHA; BERTI, 2021, p.10-11).

Acerca dessa sistematização e diálogo das teorias com as Ciências Sociais e Humanas, Tanus, Rocha e Berti (2021) no livro intitulado PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, afirmam que: “[...] são as práticas informacionais uma das manifestações da construção interdisciplinar e singular da Biblioteconomia e da Ciência da Informação [...]” (TANUS; ROCHA; BERTI, 2021, p. 9).

Assim sendo, a ampliação do escopo das práticas informacionais, com ênfase nas práticas sociais e nas interações pessoais em contextos da vida cotidiana, ultrapassa os limites dos estudos de comportamento informacional (SAVOLAINEN, 2007).

Para Rocha, Duarte e Paula (2017) há três principais motivos para a limitação dos estudos de comportamento informacional:

[...] em primeiro lugar, tais modelos concentram-se na busca ativa e negligenciam práticas menos dirigidas de busca de informação. Em segundo lugar, esses modelos derivam de estudos em ambientes acadêmicos ou profissionais e, embora sejam úteis na descrição de buscas de informação sistemáticas nesses ambientes, eles não possibilitam uma compreensão holística da variedade do comportamento informacional na vida cotidiana. Finalmente, em terceiro lugar, muitos desses modelos enfatizam processos cognitivos individuais e, portanto, não permitem o entendimento de que a informação é construída por meio da interação entre indivíduo e contexto. A partir de então, McKenzie (2003) defende que o encontro casual de informação na vida cotidiana tem importância equivalente à busca ativa e que uma abordagem construcionista para análise de discurso das participantes facilita a compreensão da construção social da informação. Assim, por meio da análise dos discursos das participantes, foram identificadas explicações complexas dos motivos pelos quais uma determinada fonte de informação apresentava maior ou menor autoridade que outra [...] (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017, p. 46).

Assim, por causa das críticas aos modelos de comportamento informacional e do foco social proposto em sua pesquisa, McKenzie (2003) considera o conceito de práticas informacionais como o mais adequado ao contexto da vida cotidiana.

Segundo Tanus, Rocha e Berti (2021), falar em práticas informacionais é também colocar os conceitos de cotidiano, cultura, identidade, mediação, *práxis*, protagonismo social e etc. em convergência, além de propor debates das ações informacionais a partir das práticas envolvidas em diferentes contextos, incluindo os digitais, e em distintos “regimes de informação⁷”.

⁷ Regime de informação “[...] seria o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e

Como se pode ver há um leque de possibilidades às quais os pesquisadores podem recorrer para sustentar seus trabalhos, não se furtando, evidentemente, da possibilidade de utilização dos modelos teóricos disponíveis, os quais podem ser definidos como:

[...] representações simplificadas, por meio das quais determinados aspectos da realidade são vislumbrados e melhor entendidos. Assim, são esquemas que representam a realidade de forma aproximada e, não raro, expressam aspectos da realidade conforme a visão de mundo de seu autor [...] (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017, p. 138).

O modelo de busca de informação na vida cotidiana de Savolainen (1995), o modelo bidimensional de Pâmela McKenzie (2003) e o modelo estendido de Alison Yeoman (2010), devido ao alto grau de relevância para nosso estudo, são os exemplos que apresentaremos a seguir.

2.1.1 Modelo de busca de informação na vida cotidiana

Savolainen (1995) é considerado o precursor dos estudos de práticas informacionais, por ter introduzido em seu estudo a noção de vida cotidiana, priorizando-a, bem como a percepção de que os fatores sociais, culturais, individuais e temporais influenciam os sujeitos na resolução de problemas e na sua relação com a informação. Em suma, Savolainen (1995) se destacou por ter iluminado determinados aspectos do objeto de estudo (sujeito-informação) ainda não explorados, chamando a atenção para questões terminológicas e conceituais não contempladas nos modelos de comportamento informacional (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

O modelo desenvolvido pelo autor (Figura 1) inicia com o emprego de dois conceitos: (1) modo de vida (*way of life*) e (2) domínio da vida (*mastery of life*), os quais se relacionam com a busca de informação a ser examinada no contexto da vida cotidiana, com a exceção do trabalho.

O (1) modo de vida significa os fatores sociais e culturais aludido pelo modelo e está vinculado à “ordem das coisas”, que representa o *habitus* (BOURDIEU, 1984), o qual orienta os sujeitos nas escolhas cotidianas, que são operacionalizadas pela administração do tempo

distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância [...]” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, P. 43).

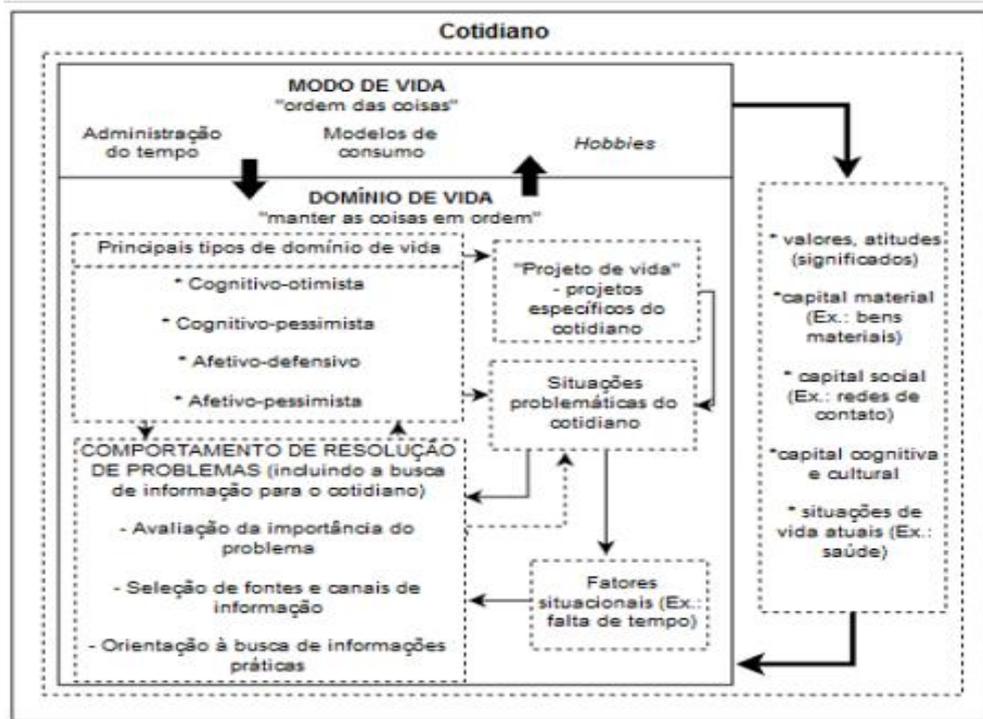
entre lazer e trabalho; pelos *hobbies* e; pelos modelos de consumo relacionados a bens e serviços (SAVOLAINEN, 1995).

O (2) domínio da vida, por sua vez, equivale ao preparo de resoluções de problemas cotidianos, de maneira que as coisas se mantenham ordenadas, em consonância com os próprios valores. Para tanto, a busca de informação nesse processo possui relevância que merece destaque (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017). Para Savolainen (1995) há quatro tipos de domínio da vida: a) cognitivo-otimista (*optimistic-cognitive*); b) cognitivo-pessimista (*pessimistic-cognitive*); c) afetivo-defensivo (*defensive-affective*) e; d) afetivo-pessimista (*pessimistic-affective*).

O primeiro domínio da vida, cognitivo-otimista, tem como característica a confiança e/ou crença em resultados positivos para a solução de problemas. Já o segundo domínio da vida, cognitivo-pessimista, considera que existe a possibilidade de um problema não ser solucionado mesmo que haja forma de busca sistemática. O terceiro domínio da vida, afetivo-defensivo, se baseia em visões positivas acerca da possibilidade de um problema ser solucionado, evitando fatores com evidências de possíveis falhas. O quarto e último domínio da vida, afetivo-pessimista, diz respeito aos sujeitos não confiantes e/ou descrentes das próprias habilidades para resolução de algum problema cotidiano e que evitam fazer esforços para mudar a situação na qual estão inseridos (SAVOLAINEN, 1995).

Tais domínios da vida possuem correlação com o comportamento dos sujeitos no processo de busca de informação para a resolução de problemas cotidianos, que possuem três fases: (1) avaliação da importância do problema; (2) seleção de fontes e canais de informação e (3) orientação à busca de informações práticas. Além disso, são influenciados por um conjunto de fatores como: projetos de vida, fatores situacionais e situações-problemas do cotidiano, o qual incorpora três tipos de capitais, quais sejam: (1) capital material - representado por bens materiais; (2) capital social - representado por redes de contato e; (3) capital cultural - representado por recursos cognitivos adquiridos pela educação e pela experiência de vida (SAVOLAINEN, 1995).

Figura 1 - Modelo de busca de informação na vida cotidiana (1995)



Fonte: Rocha, Duarte, Paula (2017).

Foi a partir desse modelo (Figura 1), que Savolainen (1995) desenvolveu um estudo empírico com base em entrevistas temáticas com dois grupos de sujeitos finlandeses: professores e industriais, com vistas a compreender e comparar suas respectivas atividades de busca de informação na vida cotidiana. Essa opção teve como justificativa uma hipotética distinção nos níveis educacionais e nos capitais social e cultural dos sujeitos que compunham cada grupo. Por um lado, os industriais finlandeses, considerados a classe trabalhadora com menor nível educacional e, por outro lado os professores, considerados a classe média com nível educacional maior.

Os resultados demonstraram que os modos de vida dos grupos participantes da pesquisa divergiram significativamente um do outro. Ademais, dentro do mesmo grupo também houve variações. Sujeitos participantes que pertenciam a uma mesma classe social, com nível de educação semelhante, condições de trabalho similares e *hobbies* parecidos, comportavam-se de maneiras diferentes durante o processo de busca de informação.

A conclusão do estudo de Savolainen (1995), de acordo com Goulart e Kafure (2021) evidencia que o modo de vida exerce influência sobre as práticas de busca de informação e é por elas influenciado reciprocamente e que o tipo de domínio da vida interfere nos modos pelos quais os sujeitos se aproximam dos problemas cotidianos e levantam informações práticas para facilitar o encaminhamento da problemática e a sua consequente resolução.

2.1.2 Modelo bidimensional de Práticas Informacionais

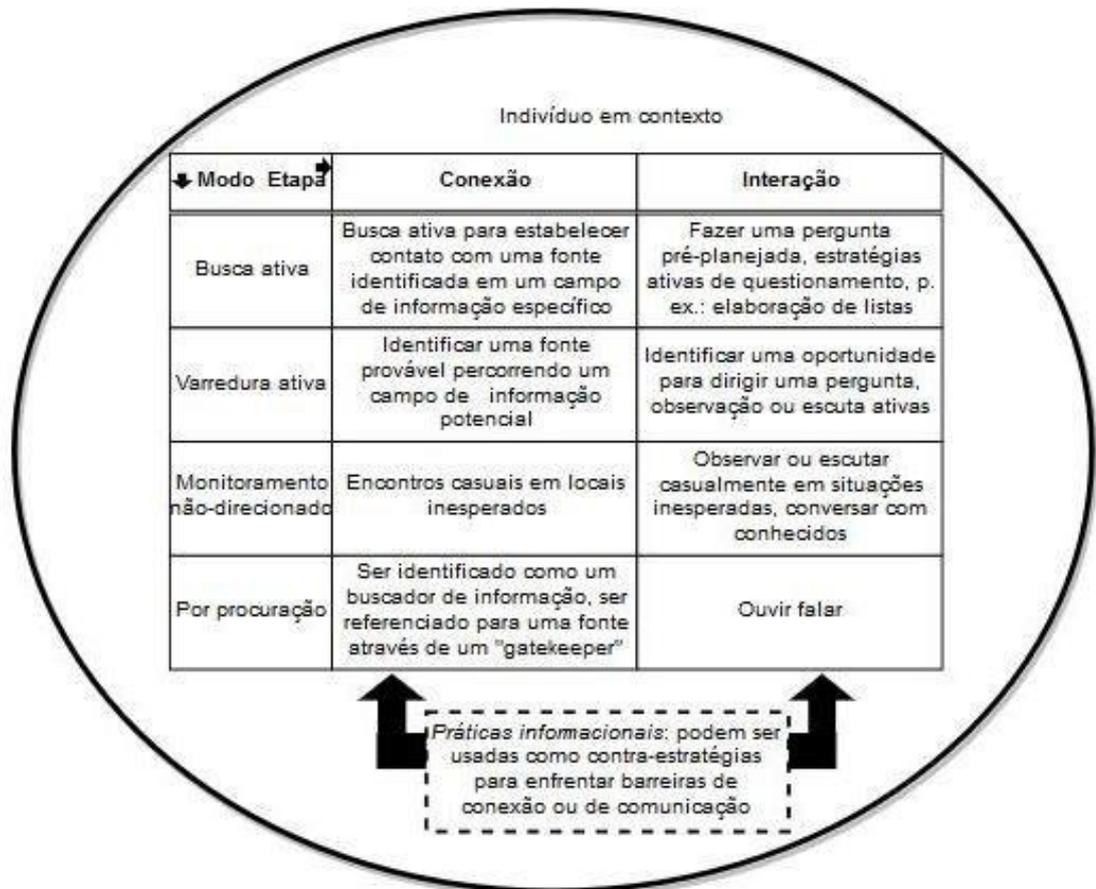
Pâmela J. McKenzie (2003) criou o modelo Bidimensional de Práticas Informacionais inspirada pelo modelo proposto por Savolainen (1995), o qual apontava uma perspectiva atenta à vida cotidiana dos sujeitos no processo de busca de informação, superando dessa maneira as limitações dos estudos de comportamento informacional que contemplavam os usuários em contextos de tarefa, ignorando o contexto sociocultural que os envolve.

A pesquisa de McKenzie (2003), que se utilizou de entrevistas semiestruturadas em profundidade, relacionou o conceito de vida cotidiana a uma situação específica: necessidades informacionais e práticas de informação vividas e desenvolvidas por dezenove mulheres canadenses grávidas de gêmeos, com idades entre 19 e 40 anos.

O modelo teórico em tela explorou questões importantes narradas pelas participantes da pesquisa, como: suas formas de busca de informação (ativas e/ou acidentais); as fontes de informação por elas utilizadas e como as classificam (confiáveis e/ou úteis); a relação de elementos temporais da gravidez com a busca de informação (GOULART; KAFURE, 2021).

O modelo descreve quatro modos de busca de informação não sequenciais e duas etapas/fases de busca de informação necessariamente sequenciais, conforme Figura 2:

Figura 2 – Modelo bidimensional de práticas informacionais (2003)



Fonte: Rocha, Duarte, Paula (2017).

Os modos de busca de informação são: (1) busca ativa (*active seeking*); (2) varredura ativa (*active scanning*); (3) monitoramento não-dirigido (*non-directed monitoring*) e; (4) por procuração (*by proxy*). As duas etapas de busca de informação, por sua vez, são: (1) conexão (*connecting*) e (2) interação (*interacting*).

McKenzie (2003) entende a busca ativa como o modo mais direcionado das práticas informacionais, através do qual perguntas planejadas de maneira antecipada e pesquisas por itens conhecidos são feitas em fontes previamente conhecidas.

A varredura ativa/escaneamento ativo é o modo compreendido como a busca de informações em fontes prováveis, onde seja possível identificar oportunidades para fazer perguntas espontâneas sobre o assunto desejado.

O monitoramento não-dirigido é entendido como o modo que consiste em identificar acidentalmente ou casualmente informações relevantes sem que houvesse qualquer intenção/busca ativa de encontrar a informação.

Por último, a busca por procuração, que se dá quando os participantes encontram fontes de informação por intermédio de outro agente, ou *gatekeeper* (MCKENZIE, 2003) ou seja, quando o encontro com as fontes de informação acontece por meio de um intermediário.

No que concerne às etapas de busca de informação, vale ressaltar que assim como os modos, também são marcadas por práticas informacionais diversas.

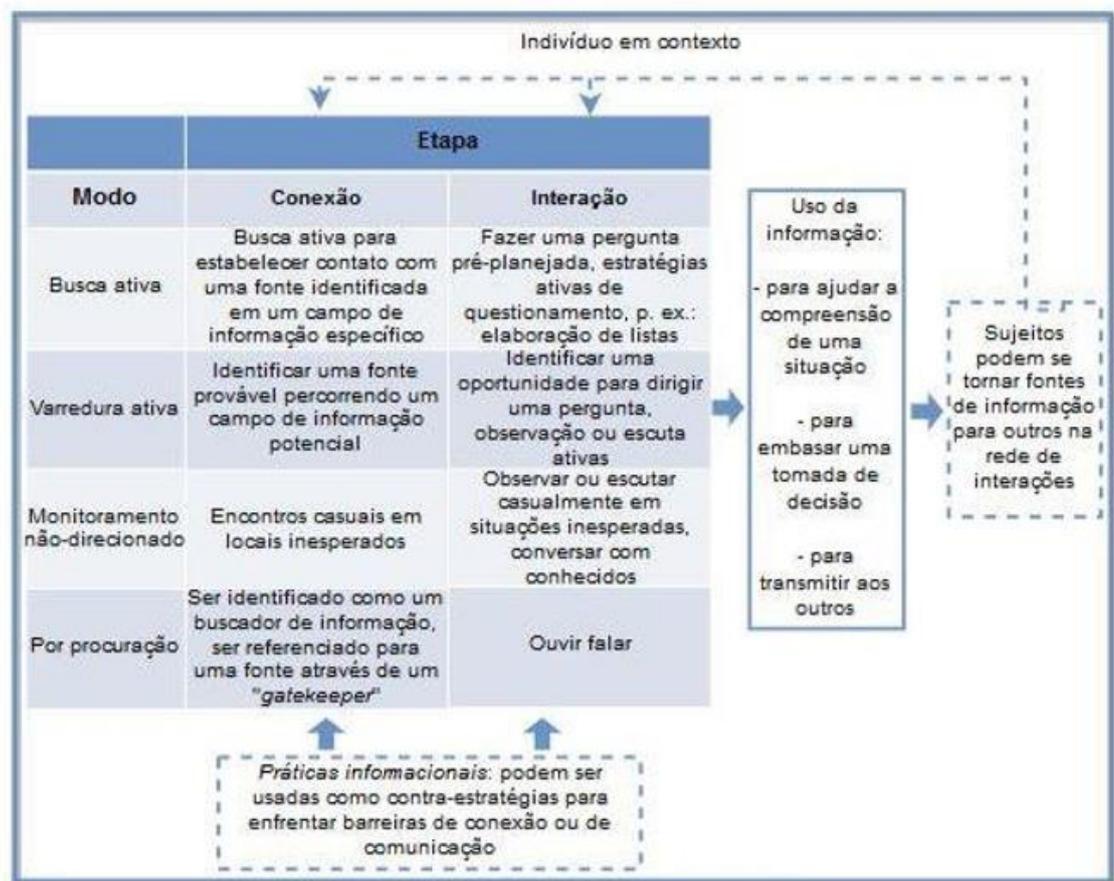
A etapa/fase de conexão considera tanto as barreiras como as práticas relacionadas ao processo de identificar fontes potenciais e estabelecer contato com elas, seja de forma direta ou através de um intermediário. Enquanto que a fase de interação contempla as práticas informacionais relacionadas às estratégias dos sujeitos para superar as barreiras existentes, formular questões de pesquisa diretas ou perseverar na busca de uma fonte de informação. Vale destacar que as dimensões casuais envolvidas no processo de busca de informação são consideradas no modelo.

2.1.3 Versão estendida de Yeoman

A versão estendida de Yeoman (2010) surgiu de uma investigação a respeito das práticas informacionais de 35 mulheres inglesas na menopausa, com o intuito de relacionar os resultados obtidos através da categorização de entrevistas semiestruturadas em profundidade, ao modelo bidimensional de práticas informacionais desenvolvido por McKenzie (2003).

Ao fim da análise dos dados, Yeoman (2010) considerou o modelo bidimensional bastante flexível, porém chamou a atenção para a ausência de uma etapa relacionada ao uso da informação, acrescentando-a, com o argumento de que a mulher em busca de informação também se tornava uma fonte importante para as demais mulheres à medida que sua trajetória pela menopausa seguia, conforme visto na Figura 3:

Figura 3 - Versão estendida de Yeoman (2010)



Fonte: Rocha, Duarte, Paula (2017).

Além dessa limitação, a autora reconheceu que: nem todas as barreiras podem ser superadas com sucesso, haja vista que as dúvidas das mulheres na menopausa em relação às terapias de reposição hormonal perduram, em virtude da medicina ainda não possuir respostas; contrariamente ao estudo de McKenzie (2003), não houve relatos de encontro casual de informações, atribuindo o fato à discrição das mulheres sobre o assunto, diferentemente das grávidas de gêmeos - participantes da pesquisa de McKenzie (2003) e; que no estudo das mulheres na menopausa, as práticas informacionais estavam relacionadas à busca por apoio mútuo, enquanto que no estudo sobre gravidez de gêmeos, as práticas informacionais eram direcionadas à busca de informação.

Em suma, Yeoman (2010) afirma que é possível enquadrar no modelo de McKenzie (2003) muitas práticas informacionais identificadas. Todavia, é complexa a decisão sobre onde melhor enquadrá-las.

3 AS TEORIAIS SOCIAIS

Quando propomos entender as ações dos sujeitos no que tange à forma como buscam, acessam, usam e compartilham informação na vida cotidiana, primeiramente temos em mente que é necessário nos deslocarmos intelectualmente em direção à informação no sentido de conhecimento (BUCKLAND; LIU, 1995) e em direção ao paradigma social de estudos sobre os sujeitos (ARAÚJO, 2010).

Com efeito, a epistemologia da Ciência da Informação nos faz perceber que o que está em questão não é a delimitação da concretude do objeto, mas um processo de delimitação que nos conduz a uma corrente teórica que melhor possa conceituá-lo. Nesse sentido, para superarmos e/ou alcançarmos esse abismo de complexidade, a interdisciplinaridade tem razão de ser quando nos permite buscar noutras áreas fundamentos que auxiliam a compreensão do objeto e suas manifestações.

Destarte, acreditamos que percorrer teorias sociais possam teórica-metodologicamente nos abastar, uma vez que nos fornecerão condições de compreender a “coisa” observada com maior clareza. Por isso, adotamos três abordagens: o interacionismo simbólico, a etnometodologia e a representação social.

Escolhemos a primeira abordagem por esta focar a ação humana sob premissas convincentes e pertinentes ao estudo, com as quais simpatizamos mais e, por essas razões, poderão gerar maiores e mais efetivas contribuições para a pesquisa. A escolha da segunda, em seguida, deve-se ao fato de incorporar elementos do interacionismo e também se preocupar com a análise das interações sociais baseada nos processos interpretativos dos indivíduos em sociedade - característica que é percebida como substancial para os estudos com sujeitos informacionais na fase da velhice, uma vez que, as práticas do cotidiano desses sujeitos são o foco da pesquisa. A adoção da terceira se deu em virtude da informação possuir relação de dependência com as representações sociais, que apoiadas em um sistema de valores, ideias, experiências e práticas compartilhadas por determinado grupo de pessoas (MOSCOVICI, 2015) faz gerar novos conhecimentos e significados pelos e para os sujeitos na sociedade.

Vale ressaltar que não extraímos informação dos objetos. O processo de abstração é sobretudo um processo de teorização e de uma construção. E essas três teorias, apresentadas a seguir, complementam este trabalho.

3.1 Interacionismo Simbólico

O Interacionismo Simbólico é uma abordagem teórica da análise social, desenvolvida em 1937 pelo sociólogo (1980), intérprete e defensor do psicólogo social de George Herbert Mead, que nos permite *a priori* entender a ação humana, através de três principais premissas fundamentais (Quadro 1):

Quadro 1 - Principais premissas do interacionismo simbólico

Primeira premissa	Segunda premissa	Terceira premissa
Estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que estes lhes oferece.	Consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas.	Reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato.

Fonte: Elaborado pela Autora, adaptado de Blumer (1980, p. 119).

De acordo com o exposto, a primeira premissa rege que os seres humanos realizam suas ações mundanas por meio dos significados que o mundo lhes oferece. Não havendo significado, contudo, não há ação simbólica. A segunda premissa, por conseguinte, deduz que o significado não é concedido pela natureza, nem pelo instinto, mas é construído socialmente na interação com o outro. A terceira e última premissa fundamental defende que a ação humana não é um fenômeno mecânico, isto é, o significado de algo não surge de maneira automática, uma vez que é gerado através de um processo interpretativo do indivíduo em ação. Essa premissa “[...] distingue, de forma ainda mais incisiva, o interacionismo simbólico. Ao passo que o significado dos elementos é constituído no contexto de interação social e é originado pelo indivíduo a partir dessa mesma interação [...]” (BLUMER, 1980, p. 122).

Com base nessas três premissas, podemos inferir que o interacionismo simbólico é a ideia de que os sujeitos se comportam, realizam ações e executam práticas em contextos situacionais a partir dos significados frutos da interpretação que fazem da situação e dos objetos.

Partindo desses pressupostos, o interacionismo simbólico se contrapõe às explicações típicas da psicologia e sociologia, para as quais “[...] os significados dos elementos para os seres humanos em ação encontram-se ou contornados ou absorvidos pelos fatores utilizados para justificarem seu comportamento [...]” (BLUMER, 1980, p. 120).

Destarte, o significado é produzido a partir do processo de interpretação humana, ou seja, para um sujeito, o significado de um elemento é produzido e proveniente da maneira

como outras pessoas agem. Dessa forma, essa perspectiva considera os significados como “[...] produtos sociais, criações elaboradas em e através das atividades humanas determinantes em seu processo interativo [...]” (BLUMER, 1980, p. 121).

Blumer (1980) adverte sobre o equívoco que é não perceber que o uso de significados por algum indivíduo em plena ação envolve e diz respeito a um processo de interpretação e que representa um erro também pensar que esse uso por uma pessoa não passa de uma aplicação do significado do modo como teve origem.

Nesse sentido, alerta que, embora adeptos do interacionismo simbólico que deveriam dar por encerrado o significado na ação social, alguns estudiosos têm seus trabalhos prejudicados em consequência desses desacertos e, conseqüentemente, acabam se assemelhando àqueles que dão por encerrado o significado na estrutura objetiva do elemento que o contém e àqueles que o compreendem como expressão de elementos da psique.

Com o intuito de demonstrar que a interação simbólica estando alicerçada nas três premissas se vê na obrigação de desenvolver uma sistematização que analisa a sociedade e o comportamento humano, Blumer (1980) apresenta uma proposta de sistematização, a qual começa a ser delineada fundamentando-se em uma série de conceitos básicos, denominados pelo autor de “imagens-raiz”, a saber: natureza da sociedade humana ou coexistência grupal humana; a natureza da interação social; a natureza dos objetos; o ser humano como um organismo agente; a natureza da ação humana e; encadeamentos de ações. Tais “imagens-raiz” tomadas de forma conjunta representam o método pelo qual o interacionismo simbólico reputa a sociedade e o comportamento humano.

Com relação ao conceito “natureza da sociedade humana ou coexistência grupal humana”, Blumer (1980) faz compreender um princípio fundamental: qualquer sistematização da sociedade humana feita empiricamente deve levar em conta que os grupos humanos são constituídos essencialmente de pessoas empenhadas em agir. Logo, para se tornar válida uma análise empírica, a sistematização deve estar em conformidade com a natureza da ação social do ser humano.

No que se refere à natureza da interação social, o autor afirma que esta é equivalente ao processo de interatividade entre os agentes e não entre os fatores atribuídos a eles. Nas palavras de Blumer (1980, p. 125):

[...] a interação simbólica não apenas recebe de braços abertos o processo interativo social como também o considera de vital importância *per se*. Seu valor reside no fato de constituir um processo que forma o comportamento, ao invés de equivaler simplesmente a um meio ou contexto para a expressão ou liberação da conduta humana. Em outras palavras, os homens, ao interagirem uns com os outros, devem

considerar o que cada um faz ou está para fazer; são obrigados a dirigir seu próprio comportamento ou manipular as situações em função de tais observações. Assim, as atividades de outrem constituem fatores positivos na formação de sua própria conduta; face às ações de outras pessoas, pode-se abandonar intenções ou objetivos, ou então examiná-los, moderá-los ou sustá-los, intensificá-los ou substituí-los. As ações de outrem cabe determinar o que se planeja fazer, além de poder se opor ou impedir tais projetos, requerer sua revisão ou exigir outra série diferente de projetos. De uma forma ou de outra, deve-se adaptar a própria linha de atividade aos atos do outro. Estes não devem ser esquecidos e considerados como mera arena para a expressão do que se está disposto ou propenso a realizar [...].

Nesse sentido, aos olhos da interação simbólica, a coexistência grupal humana representa fatalmente um processo formativo e não mero campo para a expressão de fatores anteriormente existentes.

Em relação ao conceito natureza dos objetos, Blumer (1980) defende a hipótese de que os “universos” acessíveis aos seres humanos e seus grupos são compostos de “objetos”, estes, por sua vez, são o produto da interação simbólica, ou seja, qualquer coisa que possa ser indicada ou referida.

[...] entende-se por objeto tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido - uma nuvem, um livro, uma legislatura, um banqueiro, uma doutrina religiosa, um fantasma, etc. Para nossa maior conveniência, podemos classificar os objetos em três categorias: (a) objetos físicos, como cadeiras, árvores ou bicicletas; (b) objetos sociais, como estudantes, padres, o presidente, a mãe ou um amigo e (c) objetos abstratos, como princípios morais, doutrinas filosóficas ou conceitos, tais como justiça, exploração ou compaixão [...] (BLUMER, 1980, p. 127).

Assim, entende-se que o objeto pode ter vários significados para pessoas distintas, portanto, os significados determinam a maneira pela qual as pessoas veem o objeto, pela qual se encontram preparadas para agir em relação ao mesmo e pela qual se aprontam para comentá-lo (BLUMER, 1980).

No que tange ao conceito do ser humano como um organismo agente, Blumer (1980) vai discorrer que o(a) indivíduo(a) é o objeto de sua própria ação. Dessa maneira, pode se identificar como uma pessoa do sexo feminino, adulta, funcionária pública, estudante de mestrado, proveniente de uma família não abastada e assim por diante. Em todos esses atributos ela é um objeto para si mesma, agindo para consigo própria e orientando-se em suas ações para com outras pessoas conforme o tipo de objeto que constitui para si mesma.

[...] assim como-outras objetos, o eu-objeto origina-se do processo de interação social em que outras pessoas definem um indivíduo para ele mesmo. Ao tratar da apreensão de papéis, Mead estabeleceu a dinâmica desse processo. Segundo ele, uma pessoa, a fim de se tornar um objeto para si mesmo, necessita visualizar-se à distância. Para tanto, basta colocar-se no lugar dos outros e considerar-se do ponto de vista dessa posição [...] (BLUMER, 1980, p. 129).

A interação consigo mesmo, contudo, não se apresenta do mesmo jeito como ocorre no processo interativo “[...] entre duas ou mais partes de um sistema psicológico, como entre necessidades, entre emoções, entre ideias [...]” (BLUMER, 1980, p.130), mas como um processo decorrente da realidade de que o ser humano possui um eu, condição esta que o capacita a interagir consigo próprio. Assim, “[...] antes, esta interação é social - uma forma de comunicação, com o indivíduo dirigindo-se a si mesmo como a um indivíduo e a isto reagindo [...]” (BLUMER, 1980, p. 130).

A respeito desse processo, Blumer (1980) denomina-o de auto-interação e afirma que o mesmo se desenvolve de maneira contínua durante toda a existência do indivíduo. Nas palavras do autor,

[...] a consciência ou a atenção relativa a qualquer elemento equivale a indicar esse mesmo elemento para si próprio; o indivíduo identifica-o como um tipo específico de objeto e considera sua relevância ou importância para sua linha de ação. A existência de cada um consiste de uma série de tais indícios feitos pela pessoa para si própria, dos quais se utiliza para determinar seu comportamento [...] (BLUMER, 1980, p. 130).

Desse modo, sob a luz do interacionismo simbólico, o indivíduo é tido como um organismo social que lida com o que observa, entra em contato com o que averigua, pesquisa, indaga e etc., empenhando-se em um processo de autoindicação no qual constitui, forma e integra um objeto a partir de sua observação, determinando dessa maneira seu comportamento, o qual se trata de uma ação que se origina da interpretação realizada durante o processo de autoindicação e não de uma resposta suscitada pela apresentação do elemento observado (BLUMER, 1980).

A natureza da ação humana, mais um dos conceitos básicos de Blumer (1980), possui forte divergência da perspectiva da ação humana dominante nas ciências e na psicologia contemporâneas, pois para estas, segundo o autor, a ação humana é atribuída a um fator que causa e, no entanto, não explica como os aspectos são considerados no contexto em que se exige um comportamento, enquanto que para o interacionismo simbólico a ação humana é atribuída ao processo de auto interação, por meio do qual o indivíduo manipula seu universo e elabora seus atos e por isso deve-se penetrar no processo definidor do agente a fim de compreender seus atos.

O conceito de encadeamento de ações, em síntese, tem de peculiar um caráter intrínseco diferenciado, que habita em uma articulação/encadeamento independentemente dos elementos supostamente articulados ou encadeados. Em outras palavras, a partir desse

princípio, a ação conjunta coletiva é identificável, descritível e analisável, mas sem a precisão de associá-la aos atos isolados que a compõem, haja vista que já é constituída pelo encadeamento dos atos isolados dos participantes (BLUMER, 1980). “[...] Na coexistência grupal, é o processo social que cria e mantém as regras, e não as regras que criam e mantêm a coexistência grupal [...]” (BLUMER, 1980, p.135). Consequentemente, percebe-se a real importância do livre movimento e destino dos significados em vez da ação conjunta em sua forma estabelecida.

Finalmente, nesse compêndio das “imagens-raiz” de Blumer (1980), o qual expressa a perspectiva geral do interacionismo simbólico, podemos apoiar nosso estudo, de modo que os substratos dele extraídos corroborem sobremaneira para a análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa.

3.2 Etnometodologia

A etnometodologia é uma corrente da sociologia americana, fundada pelo sociólogo Harold Garfinkel, através da obra *Studies in Ethnomethodology* publicada em 1967. É a última das metodologias chamadas microssociologias e incorpora o que foi proposto pelo interacionismo simbólico e fenomenologia.

A mesma rejeita as hipóteses tradicionais da sociologia acerca da realidade social, pois essa supõe *a priori* que um sistema estável de normas e significações partilhadas pelos atores governa todo sistema social. Enquanto que aquela considera os fatos sociais como sendo as realizações práticas realizadas pelos atores continuamente (COULON, 1995).

[...] para a etnometodologia, mesmo quando os fatos os contradizem, os sociólogos dão um jeito para encontrar explicações que se conformem a suas hipóteses preestabelecidas, em particular a da ‘constância do objeto’. A etnometodologia substitui esta hipótese da ‘constância do objeto’ pela de ‘processo’ [...] (COULON, 1995, p. 31).

Nesse sentido, Parsons (1951 *apud* COULON, 1995, p. 10) afirma que para a sociologia “[...] as motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulam as condutas e as apreciações recíprocas [...]”. Porém, do ponto de vista da etnometodologia a relação entre ator e situação é produzida por processos de interpretação, havendo, pois, uma mudança de paradigma sociológico, passando de normativo a interpretativo.

Os adeptos da etnometodologia, portanto, têm a pretensão de estar mais perto das realidades correntes da vida social e trabalham de forma efetiva com a hipótese de que os fenômenos cotidianos se deformam quando examinados através da descrição científica/sociológica, esta que desconsidera a experiência prática do ator, não levando em consideração que se trata de um ser racional (COULON, 1995).

Nessa perspectiva, não existem regras, normas e estruturas independentes das interações sociais, pelo contrário, tem-se a ideia de processo, ou seja, os sujeitos dotados de racionalidade e reflexividade (*accountability*) continuamente atualizam regras e modelos por meio de suas práticas cotidianas, cujos significados e sentidos são construídos de maneira intersubjetiva (ARAÚJO, 2013). A prática é, pois, tida como atividade corriqueira da vida cotidiana que o ator social toma como rotineira e que manifesta, em sua realização, a atualização de regras compartilhadas intersubjetivamente (COULON, 1995).

Sua importância teórica e epistemológica, por sua vez, deve-se ao fato da ruptura radical com os modelos já existentes da sociologia tradicional e se apresenta como sendo mais que uma teoria, trata-se de “[...] uma perspectiva de pesquisa, de uma nova postura intelectual [...]” (COULON, 1995, p. 7). É, também, uma abordagem metodológica, que tem foco no processo, passando a analisar a pesquisa através da ideia de que todos podem ser sociólogos em estado prático.

Sendo assim, Garfinkel (1984), vai apontar a intencionalidade característica que dota a ação realizada pelos sujeitos, ou seja, para se realizar uma ação necessita-se de um conjunto de métodos procedimentais, que são realizados nas diversas operações da vida cotidiana dos sujeitos.

Tais métodos que possibilitam as práticas fazem com que a realidade seja construída, a qual está em constante produção e reprodução e é resultado dos múltiplos processos realizados por meio desses métodos, denominados por Garfinkel (1984) de etnométodos, os quais se utilizam e/ou se utilizaram não de maneira plenamente consciente, mas como uma espécie de saber tácito, indispensável e indissociável da ação humana, situada nas particularidades dos sujeitos.

A respeito de como realizar um estudo etnometodológico, na impossibilidade de ter acesso ou tempo disponível para o convívio com as práticas desses sujeitos, como é nosso caso, pode-se recorrer aos seus discursos, que já são uma interpretação deles, de suas próprias práticas, e que se tornaram inteligíveis para eles.

Tornar-se-ão inteligíveis para nós, no entanto, não do ponto de vista discursivo, mas de suas ações. O exercício consiste em apreender, interpretar e descrever os métodos que os

indivíduos utilizam/utilizaram para agir e ao mesmo tempo dar sentido às suas ações, estas que constituem e são constituídas pelas situações que são feitas por meio de interações entre pessoas.

A grande contribuição de Garfinkel (1984), por fim, é ter posto como central a interpretação e descrição desses modos procedimentais que os sujeitos utilizam mesmo sem saber - sociólogos práticos.

3.3 Representações Sociais

Desde os primórdios da civilização o ser humano busca através de símbolos representar a realidade em que vive. Trata-se de uma necessidade humana de saber sobre o elo que une e separa, iguala e diferencia, integra e desintegra o mundo que o cerca, numa tentativa de “[...] ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente [...]” (JODELET, 1989, p. 1). Moscovici (1961, p. 66) conceitua as representações sociais como “[...] um universo de opiniões próprias para uma cultura, uma classe social ou um grupo, relativas aos objetos do ambiente social [...]”. Ou, em outras palavras, como o “[...] conjunto de conceitos, proposições e explicações, criado na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual [...]” (MOSCOVICI, 1984, p. 181).

As representações sociais, nesse sentido, servem de guia, seja na maneira de dar nome às coisas, seja na maneira de interpretá-las, seja na maneira de definir os diferentes aspectos da realidade, a qual é sempre construída por meio da linguagem, oral, visual, sonora, escrita e etc., incidindo sobre o comportamento humano.

De acordo com Moscovici (1984:10) elas:

[...] se opõem umas às outras e se transformam, em harmonia, com o curso da vida, desaparecem somente para ressurgir sob novos aspectos, estando radicadas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, nos meios de comunicação, nas instituições sociais e, assim por diante. Este é o espaço em que elas se incubam, se cristalizam e são transmitidas [...].

Nessa perspectiva, situamos nosso objeto de estudo que também são sujeitos dessa pesquisa, na ânsia de analisar, interpretar, descrever e compreender suas práticas informacionais, não perdendo de vista as reorientações sociais da fase de vida em que estão e o contexto contemporâneo de pandemia que atravessam. Trata-se, pois, de indivíduos que chegaram à velhice - uma fase natural da vida, que em nossa sociedade recebe um significado construído e compartilhado socialmente remissivo a descrédito, ou seja, ser, estado ou

condição de velho (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2022), que na linguagem humana sempre esteve associado ao obsoleto, antiquado e ultrapassado, como também relacionado à incapacidade para o trabalho.

Não diferente disso, porém de maneira mais profunda, se questiona Ecléia Bosi (1979) sobre o que é ser velho na sociedade capitalista. E a autora responde da seguinte maneira:

[...] é sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor [...] (BOSI, 1979, XVIII).

Como podemos perceber, Bosi (1979) faz alusão a um dos fatores definidores da velhice, que não se resume e por acaso à idade ou ao estereótipo, mas que a estes estão atrelados: as adversidades relacionadas à saúde. A esse respeito, Lima (2016, documento não paginado) ressalta que “[...] em média, após os 60 anos de idade, os indivíduos começam a passar por um progressivo declínio da função imune, aumentando, assim, a suscetibilidade para infecções, doenças autoimunes e câncer [...]” (LIMA, 2016, documento não paginado). Por essa razão as pessoas idosas são o maior grupo de risco para o desenvolvimento de casos graves de Covid-19, não podendo, evidentemente, dissociar-se, separar-se, apartar-se da realidade pandêmica e de sua atual condição existencial. A propósito, por não haver consenso na literatura sobre o início da velhice ou a partir de quando se considera uma pessoa idosa, pautamo-nos em Lima (2016) e seu argumento sobre a imunossenescência, acima definida – fator determinante para a inclusão e/ou caracterização da pessoa idosa como grupo de risco para Covid-19.

Com efeito, Coracini (2007) assegura que os sujeitos se encontram imbuídos de um contexto sócio-histórico constituído pela linguagem onde coexistem e se entrecruzam vozes, dizeres e silenciamentos. “[...] Nesse espaço, constituem-se as representações identitárias dos sujeitos e daquilo que os cerca [...]” (MOREIRA *et al.*, 2018, p. 85).

Em sua afirmação, Bosi (1979) apontou outro fator relacionado à velhice: a opressão. De acordo com a autora, a opressão da velhice ocorre:

[...] de múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos

científicos (as "pesquisas" que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho) [...] (BOSI, 1979, p. XVIII).

Parafraseando Jodelet (1989), notamos até aqui três representações para a velhice: uma cultural, uma biológica e outra moral (função cognitiva importante da representação social), que se acomodam sobre valores mutáveis conforme os grupos sociais dos quais retiram suas significações, bem como sobre os saberes preexistentes reacendidos por uma situação social particular (processo central na elaboração representativa).

Por esse ângulo, adverte Jodelet (1989, p. 4):

[...] as instâncias e ligações institucionais, as redes de comunicação mediáticas ou informais intervêm em sua elaboração, abrindo a via dos processos de influência, às vezes de manipulação social — e veremos que se trata aí de fatores determinantes na construção representativa. Essas representações formam um sistema e dão lugar a ‘teorias’ espontâneas, versões da realidade que encarnam as imagens ou condensam as palavras, ambas carregadas de significações — e veremos que se trata de estados que o estudo científico das representações sociais apreende. Enfim, através dessas diversas significações, as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas — e veremos que se trata das funções e da dinâmica social das representações [...]

Assim, os indivíduos cotidianamente e sistematicamente representam e são representados e se comunicam a partir da representação, cuja informação é entendida na perspectiva humana enquanto fenômeno dialógico. Na ânsia de estruturar as coisas de maneira lógica, entretanto, erra-se em partir para o generalismo, esquecendo-se que as representações sociais, tal qual os indivíduos que as produzem e por elas são reproduzidos, são fenômenos complexos que não admitem generalizações.

A investigação científica, nesse segmento, debruça-se sobre a totalidade significativa dos elementos “[...] informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. [...]” (JODELET, 1989, p. 4), que estão relacionados à ação, objetivando compreender, explicar e descrever as várias dimensões do real.

Este estudo, por sua vez, também envolve a representação socialmente construída da velhice por ser esta a categoria elementar que une os sujeitos envolvidos nessa pesquisa e os separa do universo totalizante de seres humanos. Sendo assim, assume-se um aspecto que Jodelet (1989, p. 5) remete “[...] ao caráter construtivo, criativo, autônomo da representação que comporta uma parte de reconstrução, de interpretação do objeto e de expressão do sujeito [...]”.

Por conseguinte, afirma o mesmo autor que:

[...] essas características gerais da representação explicam as focalizações da pesquisa que se apoia nas representações sociais: consideração à particularidade dos objetos; dupla centração nos conteúdos e nos processos; atenção à dimensão social suscetível de flexionar a atividade representativa e seu produto [...] (JODELET, 1989, p. 5).

O autor acrescenta ainda que ao partir da riqueza fenomenologicamente observada “[...] as diferentes aproximações recortam os objetos que são recolhidos, analisados e manipulados graças aos procedimentos empíricos atestados, para resultar em construções científicas justificáveis por um tratamento teórico [...]” (JODELET, 1989, p. 6).

Não por acaso, fundamentamo-nos também em Bosi (1979), que fornece substratos necessários à compreensão da velhice, buscando descrevê-la com base em símbolos culturalmente compartilhados, que se dão em função do *habitus*, da história, da situação social e, sobretudo, dos locais de fala dos sujeitos envolvidos nesse estudo na contemporaneidade.

Por fim, revocamos uma questão e sua resposta para o sentido dessa nossa escolha “[...] por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]” (BOSI, 1979, p. XVIII).

4 PESSOA IDOSA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação se preocupa em saber, dentre outras coisas, como os cientistas produzem informação. Nesse sentido, a fim de conhecer a configuração dada aos trabalhos que incluem a pessoa idosa como objeto de investigação, Batista (2021)⁸ ao realizar uma revisão na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), cujo recorte temporal engloba do ano mais antigo que a base alcança ao ano em que a busca foi realizada, ou seja, de 1972 a 2021, aponta os assuntos com os quais a pessoa idosa está relacionada.

Os resultados da referida revisão (BATISTA, 2021) concernentes às produções relacionadas à temática Práticas Informacionais recuperadas na BRAPCI, podem ser visualizados no **Apêndice C**.

Em primeiro lugar, conforme resultados da revisão, aparece o tema “mediação cultural, mediação da informação e mediação de leitura”, empatada com o assunto “livros, leitura e letramento”, bem como com o tema “saúde”. Esses são os assuntos com mais publicações ligadas à pessoa idosa. Essas são temáticas reconhecidas no campo da CI que, em regra, destaca o papel social do profissional da informação na vida dos sujeitos em busca de informação nas bibliotecas, arquivos e museus. Ademais, saúde é outro tema que evidencia a velhice, como fase da vida que a pessoa idosa sofre as adversidades de um corpo que se desagrega [...] (BOSI, 1979).

As “tecnologias da informação e comunicação” e as “bibliotecas” aparecem em segundo lugar, detonando a preocupação com os “desadaptados aos tempos da modernidade” (LEAL, 2020).

Depois, em terceiro lugar, a pessoa idosa aparece relacionada às “necessidades informacionais” e a “competência em informação”, as quais se dedicam muito mais à cognição dos sujeitos informacionais em espaços institucionalizados.

Em quarto e, praticamente, em último lugar, estão “inclusão digital”, “inclusão social”, “biblioterapia” e “políticas”, denotando uma baixa preocupação no campo da CI com essa parcela da população, que (em tese) é excluída da sociedade por meio dos aspectos informacionais digitais implantados pelo Estado e pela falta de políticas inclusivas, que assim como a biblioterapia promove bem-estar social.

⁸ BATISTA, Andreza de Moraes. A representação social da pessoa idosa na literatura periódica da Ciência da Informação. 2021. Artigo não publicado.

De maneira geral, conforme Batista (2021), os assuntos relacionados à pessoa idosa nesses trabalhos não a consideram como ser social, concatenando o contexto, o tempo e o espaço em que está inserida, realizando ações, interagindo, significando, interpretando, informando e formando, construindo o mundo e a realidade que a cerca à medida que compartilha informação com os demais sujeitos. Nesse sentido, Bosi (1979) enfatiza os mecanismos de opressão, dentre os quais está o científico quando se verifica que “[...] as ‘pesquisas’ demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho [...]” (BOSI, 1979, n. p).

Com efeito, no imaginário social comunga-se da concepção de que a pessoa idosa não ocupa lugar de protagonismo, pois dispensada do mercado de trabalho, passa de ativa para inativa e isso o próprio Estado trata de rotular. Desligada, por assim dizer, reservada ao dever de ser esquecida, ou melhor, de ser lembrada como aquela pessoa que não mais atua, está fora do convívio social, como se toda prática social se resumisse à relação de trabalho e, no entanto, este é apenas um aspecto da vida humana. Por nossa sociedade exaltar o trabalho, implicitamente à situação de aposentadoria é dada uma “[...] perspectiva de exclusão social [...]” (SILVA E SILVA, 1999, p. 93), que é ainda o marco estigmatizante de entrada na velhice.

Enfim, os assuntos aos quais as pessoas idosas estão mais relacionadas dizem respeito muito mais ao profissional/pesquisador, do que propriamente às pessoas idosas em sua vida cotidiana, rotineira, contextualizada espacial e temporalmente.

Em conclusão, a literatura periódica da CI ao que consta, carece de pesquisas que se voltem para o paradigma social da informação, cujos sujeitos informacionais, a exemplo da pessoa idosa, possam ser vistos positivamente, isto é, como sujeito atuante, agente, que realiza, que significa, que produz, que constrói, que representa e, principalmente, precisa ser representado por si mesmo.

A predominância da natureza qualitativa nos trabalhos recuperados apresenta como objeto de estudo os sujeitos informacionais. A diversidade de sujeitos informacionais presentes nos estudos sobre práticas de informação e o viés de abordagens atrelado, demonstram, além de conceitual, a superação paradigmática dos estudos sobre comportamento informacional.

De acordo com os resultados da pesquisa, Batista (2021) identifica os sujeitos, dentre os quais estão: internautas do *Facebook*, que representam a geração dos nativos digitais, ou seja, aqueles que nasceram a partir do ano 2000 e cresceram familiarizadas com a tecnologia, passam a integrar as pesquisas em Estudos sobre os Sujeitos, bem como: as travestis e

mulheres transexuais, que pela complexidade da identidade, diferenciam-se e se particularizam em suas práticas de informação; as feministas negras; as mães; as gestantes; as apenadas; as comunidades indígenas, enfim, uma gama de sujeitos que passam a integrar e caracterizar essas pesquisas, entretanto, à época da RSL não fazia parte de nenhum desses trabalhos, a pessoa idosa enquanto sujeito informacional (vide Apêndice C).

Não apenas realizou-se buscas na BRAPCI, mas também na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), identificando uma única pesquisa de 12 anos atrás, do ano 2011, intitulada “Práticas Informacionais e velhice: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa”. Tal trabalho tem como contexto um asilo da cidade do interior da Paraíba e realiza a análise dos dados sob o viés do conceito de Regime de Informação.

A nossa pesquisa, por sua vez, tem como contexto a pandemia da Covid-19 e investiga o fenômeno informacional fora de ambiente institucionalizado, além de surgir posteriormente à criação do primeiro grupo de pesquisa no âmbito da CI intitulado Estudos de Práticas Informacionais e Cultura (EPIC), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), liderado pelo professor Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, quem de fato trouxe para o Brasil e introduziu na subárea Estudos sobre os Sujeitos o conceito de Práticas Informacionais (ARAÚJO, 2019).

Para que concluíssemos por completo as buscas por estudos de práticas informacionais e pessoa idosa, em 16 de janeiro de 2023, utilizando o termo “práticas informacionais e idosos” no idioma inglês, realizamos buscas nas seguintes fontes: *Google Acadêmico*, SCOPUS⁹ e Portal da Capes. Como resultado, nenhum trabalho foi recuperado.

Destarte, não restam dúvidas que a realidade da pessoa idosa é insuficientemente explorada no campo da CI e mais ainda na esfera das Práticas Informacionais.

⁹ SCOPUS “[...] é um banco de dados de resumos e citações de literatura revisada por pares, incluindo revistas científicas, livros e anais de conferências. A Scopus fornece uma visão abrangente da produção mundial de pesquisa nas áreas de ciência, tecnologia, medicina, ciências sociais e artes e humanidades [...]” (SCOPUS, 2022, online).

5 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho de pesquisa no âmbito de uma dissertação de mestrado é “[...] um exercício de como fazer pesquisa, em que o aluno se familiariza com os procedimentos próprios da investigação científica [...]” (GONDIM, 2006, p.15).

Nesse sentido, exercitando essa familiaridade com os procedimentos norteadores da nossa pesquisa, descrevemos a seguir os passos desse trabalho, fruto de diálogos entre orientanda e orientadora e diversas leituras sobre o tema.

Podemos então iniciar essa seção, pontuando que o percurso metodológico teve início efetivamente quando assumimos que as inclinações da pesquisa e da pesquisadora iam ao encontro da abordagem social dos estudos sobre os sujeitos. Conseqüentemente, o primeiro passo metodológico foi dado, tratando-se de uma pesquisa qualitativa. Para efeitos práticos, de acordo com Minayo (2010) o processo de trabalho científico em pesquisa qualitativa se divide em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental.

5.1 A fase exploratória

Minayo (2007) explica que essa fase consiste na elaboração do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos que a entrada em campo requer. Segundo a mesma autora, a fase exploratória:

[...] é o tempo dedicado — e que merece empenho e investimento — a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a colocar hipóteses ou alguns pressupostos para seu encaminhamento, a escolher e a descrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para escolha do espaço e da amostra qualitativa [...] (MINAYO, 2007, p. 26).

Com efeito, após revisões na literatura, chegamos a um denominador comum que resultou no objetivo principal do estudo que é compreender as práticas informações de pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19.

A fim de alcançarmos esse objetivo utilizamos a etnometodologia que consiste na “[...] busca empírica dos métodos empregados pelos indivíduos para dar sentido e, ao mesmo tempo, realizar suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar [...]” (COULON, 2005, p. 32).

Outrossim, o referencial teórico fundamentado na etnometodologia, no interacionismo simbólico e nas representações sociais, devido à sua proximidade com esse estudo, nos forneceram a base teórica para as inferências durante a análise e interpretação dos dados. Assim, este estudo assumiu caráter de investigação etnometodológica e compreensiva, que buscou nas ciências sociais substratos salutares à clarificação dos fenômenos investigados.

O marco teórico conceitual que foi empregado nesse estudo incluiu: práticas informacionais (MCKENZIE, 2003; SAVOLAINEN, 2007; YEOMAN, 2010), Etnometodologia (GARFINKEL, 1967), Interacionismo Simbólico (BLUMER, 1969), Representação Social (MOSCOVICI, 1961) e, Memória e Sociedade lembranças de velhos (BOSI, 1979).

Além disso, selecionamos os instrumentos de coleta de dados, escolhemos o grupo de pesquisa, criamos os critérios para a inclusão dos sujeitos no estudo e estabelecemos as estratégias para entrada no campo, os quais serão descritos a seguir.

5.2 O trabalho de campo

A escolha por essa forma de investigação foi a oportunidade enquanto pesquisadora de experienciar a realidade empírica, como um momento único da formação, que transcende a dependência exclusiva de interpretações de outros autores.

Como tratamos de compreender como se configuram as práticas informacionais de um grupo de pessoas idosas inseridas no contexto da pandemia da Covid-19, esse recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação (MINAYO, 2006), na pesquisa qualitativa é entendido como sendo o campo empírico da pesquisa.

Desse modo, no que concerne às fontes de pesquisa se classifica como uma Pesquisa de Campo, a qual, segundo Minayo (2010), é central para se conhecer a realidade. Em outras palavras, a pesquisa de campo é uma porta aberta para o novo/desconhecido. São perguntas que fazemos para a realidade a partir da teoria que nos alicerçamos e dos conceitos que transformamos em tópicos de pesquisa, os quais forneceram a perspectiva de observação e compreensão (MINAYO, 2007).

5.2.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Visto que para realizar o trabalho de campo, segundo Minayo (2007), dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista. No presente estudo, utilizamo-nos de um deles, a entrevista.

A entrevista, que foi gravada por meio de um gravador de áudio, pessoalmente ou remotamente, foi transcrita com o auxílio de um computador e nos possibilitou ter acesso a informações que disseram respeito às percepções, representações, crenças, práticas e valores das pessoas em relação aos objetos e fenômenos com os quais se relacionam, constituindo-se um instrumento privilegiado, haja vista que a fala possibilita revelações de “[...] condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor [...]” (MINAYO, 2015, p. 63).

Corroborando com essa afirmativa, Minayo e Costa (2018, p. 141) explicam

[...] a entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação. A entrevista pode prover informações de duas naturezas: sobre fatos cujos dados que o investigador poderia conseguir por meio de outras fontes, geralmente de cunho quantitativo; e sobre o que se refere diretamente ao indivíduo em relação à realidade que vivencia e sobre sua própria situação. Os cientistas das áreas sociais e de humanidades costumam denominar tais informações como ‘subjetivas’, pois constituem uma representação da realidade sob a forma de ideias, crenças, opiniões, sentimentos, comportamentos, e ação, ou seja, sobre modos pensar, sentir, agir e projetar o futuro [...] (MINAYO; COSTA, 2018, p. 141).

O tipo de entrevista adotado nessa pesquisa, por sua vez, foi entrevista em profundidade, que consistiu numa interlocução livre, balizada pelos parâmetros do objeto de estudo, sendo de modalidade semiestruturada, ou seja, que obedeceu a um roteiro (Apêndice A) com questões previamente formuladas e outras abertas, guiando-nos na interlocução e proporcionando um controle maior sobre o que pretendia saber a respeito do campo, concomitantemente dando espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados (MINAYO; COSTA, 2018).

5.2.2 Inclusão dos sujeitos na pesquisa

Deslandes (2007) a respeito dos termos "seleção da amostra" e "definição da amostragem" se posiciona contrário quanto ao seu uso em certas pesquisas sociais,

principalmente aquelas de cunho qualitativo, argumentando que “[...] o ‘universo’ em questão não são os sujeitos em si, mas as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes [...]” (DESLANDES, 2007, p. 48). Para o mesmo autor “[...] seria impossível demarcar o número total destas variáveis, muito menos o tamanho da amostra que seria representativa desta totalidade [...]” (DESLANDES, 2007, p. 48).

Por essa razão, optamos pelo termo “inclusão dos sujeitos no estudo” sugerida pelo autor, a qual foi realizada por meio da técnica metodológica denominada *Snowball Sampling*¹⁰ que traduzida para o português significa Bola de Neve, em virtude do campo empírico ser os próprios sujeitos em suas práticas do cotidiano.

Essa técnica auxiliou-nos na seleção da amostra, ou seja, teve como pontapé inicial nosso convite, realizado de forma verbal e presencial, a uma primeira pessoa para o pré-teste da entrevista, diga-se de passagem, que fosse do nosso ciclo de intimidade e, por essa razão, nos proporcionasse um momento de serenidade para que pudéssemos observar possíveis pontos fracos das indagações com vistas ao aperfeiçoamento da entrevistadora e, sobretudo, do roteiro de entrevista.

Por conseguinte, a segunda pessoa entrevistada foi uma indicação da primeira e assim sucessivamente, sempre obedecendo ao critério da pesquisa (GOODMAN, 1961) cujo requisito foi que as pessoas possuíssem 60 anos de idade ou mais, até que se alcançasse os objetivos propostos para a investigação.

Acerca do número de sujeitos contemplados nesta pesquisa, ao todo foram incluídos treze, sendo que três corresponderam ao momento de pré-teste e os outros dez corresponderam à entrevista propriamente dita. Chegou-se a esse número através do critério de saturação adotado, isto é, “[...] quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação [...]” (DESLANDES, 2007, p. 48). A esse respeito ainda acrescenta o autor:

[...] como se vê, seria impossível demarcar o número total destas variáveis, muito menos o tamanho da amostra que seria representativa desta totalidade. Diante disto, costumeiramente se opta por definir o número de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar a priori o número de participantes) que é interrompida pelo critério da saturação [...] (DESLANDES, 2007, p. 48).

Minayo (2007, p. 63) também faz suas considerações:

¹⁰ Essa técnica prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros colaboradores no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los.

[...] no campo, eles fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando num produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações, suas entrevistas e observações, suas inter-relações com os colegas de trabalho.

Assim sendo, a escolha pelos sujeitos sociais classificados nesse estudo como pessoa idosa, se deu a partir dos cuidados que inspiram (em todas as esferas) e, também, por serem excluídas do meio eletrônico/digital e científico (BOSI, 1979), requerendo assistência e ainda, uma vez tendo vivenciado tantas experiências de vida, serem agora sobreviventes de uma pandemia que afetou o mundo inteiro. Além disso, na literatura da CI fica evidente a escassez de produções que levam em consideração os vários papéis sociais desses sujeitos, resumindo-os a uma condição de inatividade.

Em tempos líquidos (BAUMAN, 2001) como não observar uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado do que essa? Isso é uma boa oportunidade que nos possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

5.2.3 Pré-teste

Em dezembro de 2022, após emitido pelo comitê de ética parecer favorável à pesquisa (Apêndice D), aplicamos um pré-teste com três pessoas idosas a fim de, exclusivamente, aperfeiçoarmos nosso instrumento de coleta de dados, o roteiro de entrevista. Assim, os dados pertinentes à essa fase, ficaram de fora da análise, uma vez que, era pré-requisito para a reformulação e harmonização das perguntas com as proposituras.

A experiência foi essencial para percebermos se as pessoas idosas compreendiam bem nossas questões e em contrapartida nos beneficiamos dessa etapa, melhorando nossa segurança com relação à forma de conduzir a entrevista.

Ao melhorar/reformular/reordenar as perguntas, para nossa surpresa, ganhou protagonismo o período pandêmico (substituindo-o pelo termo “isolamento social”). E isso serviu para se perceber que a pandemia tanto é o contexto dos sujeitos pesquisados como deveria ser o tema de busca de informação feita por eles também, haja vista que notamos “algo muito vago e geral” nas respostas obtidas quando aplicadas as perguntas contemplando buscas por informações relacionadas exclusivamente ao dia a dia, com a pandemia como pano de fundo.

A reformulação do roteiro não implicou em aumento de tamanho, mas foi profícuo para focar nas práticas informacionais durante o isolamento social e durante a pandemia como um todo (que ainda não acabou) e abrir espaço para temas como “excesso de informação”, “desinformação” e “*fake News*”.

Essa fase foi um importante momento para a condução do trabalho e fica como sugestão para outros pesquisadores que almejem realizar pesquisas utilizando-se da entrevista como instrumento de coleta de dados.

5.3 Procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados

Em síntese, de maneira mais eficiente, apresentamos a seguir o Quadro 2, no qual relacionamos os objetivos específicos da pesquisa com os métodos, instrumentos de coleta, análise e interpretação dos dados utilizados.

Quadro 2 – Métodos, instrumentos de pesquisa, análise e interpretação dos dados

Objetivos	Métodos	Instrumentos de coleta	Análise e Interpretação dos dados
a) Delinear o perfil dos idosos, sujeitos dessa pesquisa.	Etnometodologia	Entrevista semiestruturada em profundidade.	Análise de conteúdo.
b) Descrever as ações de busca, acesso, recepção, (re)apropriação, (re)significação e compartilhamento de informações na vida cotidiana, durante a pandemia da Covid-19.	Etnometodologia.	Entrevista semiestruturada em profundidade.	Análise de conteúdo.
c) Reconhecer as práticas informacionais de idosos na vida cotidiana.	Etnometodologia.	Entrevista semiestruturada em profundidade.	Interacionismo Simbólico; Etnometodologia; Representação Social.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Como se pode ver no Quando 2, para alcance do primeiro e segundo objetivo específico utilizou-se dos subsídios da etnometodologia, da entrevista semiestruturada em profundidade como instrumento de coleta de dados, e da análise de conteúdo para analisa-los.

No que concerne ao terceiro e último objetivo específico, utilizou-se também dos subsídios da etnometodologia, da entrevista semiestruturada em profundidade como

instrumento de coleta de dados, recorrendo às teorias sociais, Interacionismo Simbólico, Etnometodologia e Representações Sociais como aporte para interpretação e inferências.

De acordo com Bardin (1977, p. 42) é um:

[...] conjunto de técnicas de análises de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens [...] (BARDIN, 1977, p.42).

Sendo assim, os indicadores e/ou categorias de análise elencados para este estudo foram: busca, acesso, uso e compartilhamento de informação.

A análise dos dados obedeceu às etapas propostas, apresentadas no Quadro 3, após a coleta de dados realizada por meio da entrevista semiestruturada em profundidade, instrumento por nós adotado, que foi aplicada entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023, durando em média treze minutos, tendo algumas com nove minutos e cinquenta e nove segundos de duração e outras chegando a vinte e cinco minutos e quarenta segundos de gravação. A seguir, o Quadro 3 mostra as etapas da análise dos dados.

Quadro 3 – Etapas da análise dos dados

Tarefas
1. Transcrever as entrevistas
2. Ler as mensagens transcritas
3. Escutar o áudio das entrevistas
4. Categorizar o conteúdo das mensagens
5. Analisar as categorias
6. Retornar à literatura para fundamentar os resultados obtidos.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2022/2023.

Após transcrevermos a totalidade de entrevistas realizadas, fizemos a escuta do áudio simultaneamente à leitura das respostas, repetidas vezes, a fim de apreender o sentido e as entonações.

Em seguida, categorizamos o roteiro semiestruturado, depois delineamos os perfis dos sujeitos incluídos na pesquisa alcançando dessa maneira nosso primeiro objetivo, em seguida partimos para a descrição das quatro categorias principais: busca, acesso, uso e compartilhamento das informações pelas pessoas idosas pesquisadas, atingindo nosso segundo objetivo. Essa etapa foi muito importante, haja vista que temas como a “infodemia”, desinformação e *fake News*, ganharam destaque no cenário atual. Por último, empenhamo-nos

em reconhecer as práticas de informação das pessoas idosas retornando à literatura para fundamentar os resultados obtidos, alcançando assim nosso terceiro e último objetivo e, portanto, atingindo o principal objetivo da pesquisa, que tratou de compreender as práticas de informação das pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19.

6 PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE PESSOAS IDOSAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Neste tópico, chegamos ao segundo e terceiro (último) objetivo proposto pela pesquisa, isso é, descrever as ações de busca, acesso, uso e compartilhamento da informação pelas pessoas idosas e reconhecer assim suas práticas informacionais, conforme seus depoimentos.

Para tanto, tomamos essas ações como categorias a serem analisadas e isso não significa reduzir o conceito de práticas informacionais a meras ações individuais apenas, mas procurar a relação dessas ações humanas com a cultura e os referenciais sociais que cercam os sujeitos da pesquisa e, desse modo, facilitar o processo de compreensão por meio de uma análise categórica.

À medida em que fazíamos a análise dos dados observamos que para compreender as práticas informacionais das pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19 era preciso primeiro conhecer os sujeitos, o cotidiano em que vivem e a relação que estabelecem com as tecnologias da informação e comunicação na atualidade. Além disso, era preciso relacionar as perguntas do roteiro semiestruturado com pretensas categorias, ou seja, busca, acesso, uso e compartilhamento da informação.

Nesse sentido, coube considerar a pandemia tanto como contexto, como tema de busca de informação também, mais precisamente representada pela palavra “vacina”, haja vista que o “novo normal” na medida que modifica comportamentos e relações entre pessoas, influencia suas ações, inclusive para solucionar problema da vida contemporânea, que recai sobre os modos e meios de continuar vivendo, por essa razão também, é mister olhar a situação sob a percepção das pessoas idosas, objetivando compreender suas práticas de informação, que é o objetivo geral deste trabalho.

6.1 Sujeitos da pesquisa

Neste tópico, apresentaremos brevemente algumas pessoas que compunham um dos grupos de risco para possíveis complicações da Covid-19 e que aceitaram compartilhar informações de si, do seu cotidiano, relatando a seu modo as atividades que desempenham no dia a dia durante a pandemia e como se percebem no processo de envelhecimento, fase natural da vida.

Participaram do estudo dez pessoas idosas, das quais metade são homens e a outra metade mulheres, todos com idade superior a sessenta anos. Não houve intenção alguma de dividir o grupo em partes iguais, a técnica *Snowball Sampling* utilizada permitiu que o(a) participante indicasse outro(a) e apenas na tabulação dos dados verificamos coincidentemente que havia um quantitativo idêntico de homens e mulheres entrevistados.

Em vez de utilizarmos designações como “Entrevistada/o 1, 2...” ou “Participante 1,2...”, optamos por atribuir-lhes apelidos, de acordo com o “tom” que se autodescreveram ou se mostraram, principalmente, ao falarem sobre si, sobre o que é ser “velho/a” e se há diferenças entre isto e ser uma pessoa idosa. Dessa maneira, preservamos suas identidades ao passo que tocamos à imaginação do leitor.

Optamos ainda por utilizar a denominação de colaboradores quando nos referirmos a todos(as).

Condensamos os dados principais das/os colaboradoras/es, no Quadro 4, de acordo com a ordem cronológica das entrevistas e as categorias que nos interessavam, como: idade, estado civil, escolaridade, ocupação, número de filhos e número de pessoas com quem moram.

Quadro 4: Dados sociodemográficos das pessoas idosas

Colaborador(a)	Idade	Estado civil	Sexo	Escolaridade	Ocupação	Nº de filhos	Nº pessoas com quem mora
Garoto Prodígio	71	Casado	M	2º grau completo	Aposentado	2	3
Menina Obediente	72	Divorciada	F	1º grau completo	Aposentada	4	0
Senhora Atleta	61	Casada	F	3º grau incompleto	Doméstica	3	4
Seu Menino	66	Casado	M	2º grau completo	Comerciante	3	4
Dona Ansiedade	67	Casada	F	3º grau completo	Aposentada/ Artesã	4	1
Dona Independência	81	Viúva	F	1º grau completo	Pensionista/ revendedora	3	0

Professor Matusalém	61	Casado	M	1º grau incompleto	Aposentado	3	2
Dona Sincera	71	Divorciada	F	3º grau completo	Artesã	2	0
De Repente 30	62	Casado	M	3º grau completo	Engenheiro Civil	3	3
O Coroa	71	Casado	M	3º grau completo	Funcionário Público	2	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao descrever os colaboradores da pesquisa, optamos por uma apresentação de cada pessoa idosa a partir desses dados, bem como de relatos a respeito de suas vivências cotidianas, incluindo a relação destas com as novas tecnologias, a exemplo do *smartphone*, da *internet* e do computador.

GAROTO PRODÍGIO

Garoto Prodígio foi solicitado pelo seu compadre a nos conceder a entrevista. Foi o primeiro da fase pós-teste, seguindo à risca a técnica *Snowball Sampling*.

A entrevista aconteceu presencialmente na sua residência, uma casa na região oeste de Campina Grande-PB, conforme combinado via *WhatsApp*, canal por meio do qual se deu o convite.

Garoto Prodígio, como apelidamos, é um homem com setenta e um anos de idade, que estudou até completar o 2º grau e que desde os oito anos de vida é envolvido com a música, sendo considerado um “músico de ouvido”, multi-instrumentista, de talento nato e autodidata. Escolheu viver outra profissão, mas a música foi e é seu grande amor.

Casado, pai de um casal de filhos, o Garoto Prodígio atualmente mora com a esposa e seu filho mais velho. Aparenta ser um homem muito tranquilo, tem estatura média e um calibre corpóreo adequado sob a perspectiva dos especialistas da saúde, possui olhos castanhos cabelos lisos bem branquinhos, usa óculos de grau e não usa barba.

Aposentou-se anos atrás e dedica seu tempo às atividades do lar, dividindo as tarefas com sua esposa, auxiliando os filhos, as irmãs e dando suporte à educação e desenvolvimento

dos netos. Seu lazer favorito é..., alguém tem um palpite? Se alguém disse tocar sanfona, oito baixos, violão, cavaquinho e teclado, acertou!

Com relação às obrigações diárias como consultar médicos, por exemplo, Garoto Prodígio fala que sua filha, por ser da área da saúde, se encarrega dessa pasta. No tocante a receber salário e pagar contas, ele mesmo que cumpre essas obrigações, não fazendo uso de meios tecnológicos e/ou *internet*, mas sim de forma presencial, pois não utiliza computador em nenhuma hipótese e utiliza seu *smartphone* tão somente para realizar chamadas telefônicas, ouvir um ou outro áudio que recebe e enviar uma “mensagenzinha”.

MENINA OBEDIENTE

Menina Obediente é uma mulher com setenta e dois anos de idade, simpática e muito comunicativa. Possui olhos castanhos, cabelos curtos, lisos e pintado de castanho. Aparenta ter pouco mais de um metro e setenta de altura, só utiliza óculos de grau para ler de perto.

Ganhou esse apelido porque nos disse que só chegou a essa idade e com certa qualidade de vida, como poder andar, se movimentar sem precisar de cadeiras de rodas, porque sempre obedeceu às recomendações médicas, haja vista que desde muito nova apresentou uma série de problemas de saúde.

Concedeu-nos a entrevista em sua casa, localizada na região oeste de Campina Grande-PB, que fica situada ao lado da casa do Garoto Prodígio, por quem foi solicitada à entrevista.

Informou-nos que estudou até completar o 1º grau. Teve quatro filhos, casou-se, mas hoje é divorciada. Aposentada, mora sozinha na região oeste de Campina Grande-PB, onde nos concedeu a entrevista.

Sua rotina pela manhã é preparar seu próprio café, dedicar-se às atividades domésticas, como regar as plantas, varrer os terraços e a casa. Após isso, cuidar de sua higiene pessoal e em seguida iniciar suas orações para então poder ligar a TV que só é desligada ao fim da novela das nove da Rede Globo, canal que costuma assistir.

Cuida diariamente de suas refeições, faz compras no mercado próximo a casa, às vezes presencialmente, às vezes por chamada telefônica. Com relação às obrigações ligadas à saúde, ela própria se encarrega de agendar consultas e comprar medicamentos. Para pagar contas é sua terceira filha que se encarrega.

De todos os participantes da pesquisa é a única que não possui *smartphone*, não por falta de condições financeiras, mas por opção pessoal. Consequentemente, não realiza

quaisquer operações por meio de *internet*, resolvendo o possível com o auxílio do telefone celular modelo antigo.

Perguntada sobre lazer, gargalha ao dizer que é “se cansar”. Ressalta que antes da pandemia seu lazer era desopilar indo a um *shopping*, a casa de uma amiga, ao centro da cidade....

SENHORA ATLETA

Senhora Atleta é uma mulher com sessenta e um anos de idade, que possui o 3º grau incompleto, é casada, mãe de três filhos, que mora na região sul de Campina Grande-PB com seu marido, sua filha mais nova, o genro e o bebê, seu neto mais novo.

Concedeu-nos a entrevista na casa da sua irmã, que fica situada na região oeste de Campina Grande – PB, por quem foi indicada para a entrevista. Possui cabelos loiros e lisos, tem olhos verdes, usa óculos de grau, tem pouco mais de um metro e setenta de altura e no momento da entrevista se vestia com roupa de malhar e calçava tênis.

Autointitula-se doméstica, preenchendo seu dia com os afazeres do lar, os cuidados com a família e também com atividades físicas contínuas. Seu lazer é assistir futebol, esportes em geral... Daí o apelido. Time do coração? Flamengo.

No que diz respeito às obrigações de médicos, contas, compras..., é a principal responsável e parte dessas questões sabe operacionalizar e resolve por meio do *smartphone*, do *computador* e da *internet*, além, claro, do modo presencial.

SEU MENINO

Seu Menino é um homem com sessenta e seis anos de idade, possui olhos castanhos, cabelo grisalho liso e não usa barba. Possui o 2º grau completo, é casado, comerciante, pai de três filhos, que mora com mais quatro pessoas e que em seus momentos de lazer adora assistir filmes e séries.

Mora na região sul de Campina Grande-PB, de onde falou conosco por meio do *Google Meet* e trabalha na região oeste, em um escritório de advocacia no qual presta serviços contábeis, faz cálculos e uma série de outros serviços diariamente. Ao meio-dia sai pra almoçar e volta às duas horas, como milhões de brasileiros, encerrando o expediente por volta das cinco e meia, seis horas, horário que retorna para casa, janta, assiste uma “televisãozinha” e vai dormir.

As obrigações com médicos, compras e contas informa que “[...] tudo é a patroa que faz [...]”. A “patroa”, no caso, é sua esposa. Mas, utiliza *smartphone*, computador e *internet* para realizar algumas obrigações quando necessário.

Apesar de ser uma pessoa idosa, se sente um menino. Daí a justificativa para esse apelido.

DONA ANSIEDADE

Dona Ansiedade mora na região oeste de Campina Grande-PB e nos contou sobre sua vida diária por telefone, por essa razão, não soubemos descrever características como: cor dos olhos e cabelos, estatura e etc. Mulher, com sessenta e sete anos de idade, casada, mãe de quatro filhos, aposentada e artesã, possui o 3º grau completo e mora atualmente com o esposo.

Pela manhã prepara o café e faz algum artesanato, normalmente costura. Dois dias na semana faz atividade física, o Pilates e esporadicamente caminhada à tarde.

Obrigações médicas frequentes tem somente com o oculista e uma vez ao ano realiza uma revisão geral, pois segundo ela, não precisa tanto. Realiza pagamentos e compras, não depende de ninguém para nada, nas palavras dela “[...] absolutamente para nada [...]”. Dificilmente utiliza o *smartphone* para tais obrigações, mas utiliza ainda que não frequentemente para consultar promoções em algum aplicativo. Por outro lado, acessa muito o *Google*, já o computador só usa para jogar ou então ver *e-mail*. Seu lazer é ir a casa das amigas e de familiares, “[...] tomar café e fofocar muito [...]”.

Atribuímos esse apelido em virtude de Dona Ansiedade se preocupar antecipadamente aos fatos da vida. Disse ela: “[...] quando eu não puder fazer mais isso, quem é que vai fazer pra mim? [...]”. Sem querer partir para os clichês, para ela, a velhice é preocupação.

DONA INDEPENDÊNCIA

Dona Independência é do grupo de pessoas idosas entrevistadas, a que tem mais longa experiência de vida, com oitenta e um anos de idade. Mulher, estudou até completar o 1º grau, tem três filhos e hoje é viúva. Mora sozinha, recebe uma porcentagem da pensão deixada pelo esposo e complementa a renda por meio da venda de cosméticos. Por ter nos concedido entrevista por meio de ligação telefônica, não descrevemos as suas características físicas.

Em um dia comum quando está bem, se levanta e cuida do quintal onde tem plantas, depois toma café da manhã e vai a uma feirinha perto da sua casa. Ao retornar cuida dos

afazeres do lar, ao mesmo tempo em que vende e entrega produtos para as clientes que chegam. Além disso, se desloca para as casas das clientes, seja para levar produtos, seja para receber pagamentos.

Para se consultar com médicos vai sempre acompanhada de uma das filhas, pois devido à idade avançada, os médicos sempre lhe recomendam e não gosta de ouvir frases do tipo “mas a senhora com essa idade andando sozinha....”.

Paga as próprias contas de forma presencial, se dirigindo a uma lotérica perto da sua casa, já para receber sua pensão manda alguém ir buscar, pede à filha ou ao neto.

Embora possua *smartphone*, não realiza operações bancárias, agendamentos médicos ou outras operações. Às vezes usa o computador, mas disse saber pouco sobre.

Nos últimos tempos, segundo ela, seu lazer tem sido ir as reuniões mensais das marcas que revende. Além disso, ama estar perto de gente, então ora as amigas e amigos vão à sua casa, ora ela vai ao encontro das amigas e dos amigos também. Destaca ainda que gosta de fazer caminhadas, mas a pandemia interrompeu e ela agora precisa retomá-las. Seu lazer, portanto, se configura assim.

Além das práticas, na fala, pudemos identificar tamanha independência.

PROFESSOR MATUSALÉM

Professor Matusalém é um homem de sessenta e um anos, pai de três filhos, casado, tem o 1º grau incompleto e mora com a esposa e uma filha. Reside na região oeste de Campina Grande-PB e nos concedeu a entrevista por telefone, razão esta que não nos permitiu descrever suas características físicas.

Como é o cotidiano vivido pelo Professor Matusalém? De forma resumida disse ele: “[...] Ah, de manhã eu tomo café, né? (risos). É o primeiro passo, um café. Dou uma caminhada e depois continuar com a vida. Procurar melhorar o físico. É por aí... [...]”.

A respeito das obrigações, como médicos, por exemplo, anualmente faz um *check-up*. Ele mesmo se encarrega disso, inclusive, marcou uma consulta com um cardiologista em breve. Recebe seu próprio salário, compras faz acompanhado da esposa. Ainda não realiza compras pela *internet*, não utiliza, por exemplo, o *internet banking* no *smartphone* ou computador, mas com relação a esses tipos de obrigações e alternativas disse que vai procurar entender o assunto.

Quando tema é lazer, o Professor Matusalém reage assim: “Armaria!”. Alegre, afirma que adora se divertir, brincar e participar dos movimentos sociais “[...], de ter encontros com os idosos para palestrar e melhorar o estilo de vida [...]”

Atribuímos-lhes esse apelido por considerar o “velho” como um professor e por desejar bater o *record* de anos vividos por Matusalém, que segundo relatos bíblicos viveu 969 anos.

DONA SINCERA

Dona Sincera, reside na região sul de Campina Grande-PB, mora sozinha e é artesã. Define seus horários como quer, regrando-os com base na insônia que disse ter. Confecciona artesanato e, quando não quer, não faz nenhum. Está sozinha na maior parte do tempo ou todo tempo e se considera muito ocupada, passando dias sem ver o próprio jardim. Se tem vontade ela realiza. E assim vive, desregrada, desapegada de rotinas engessadas, um dia por vez. A propósito, concedeu-nos a entrevista por telefone enquanto fazia seu almoço. Por isso não descrevemos sobre sua aparência.

No que tange às obrigações do dia a dia como consultar médicos, realizar compras, pagamentos, receber salário, ela própria que faz. Ainda é independente, mas diz não muito. Possui *smartphone*, mas não computador. Quando perguntada sobre realizar tais obrigações de modo virtual ela reage dizendo: “[...] Deus me livre! [...]” e cai na risada.

Identifica-se demarcando seu tempo na história ao dizer “[...] eu sou do tempo do papel. Adoro os papeizinhos [...]”. Na vida só fez duas consultas médicas remotamente e enfatizou “[...] para nunca mais [...]”.

Ao que parece, lazer não tem. Relatou que atualmente enfrenta sequelas da Chikungunya e há dias em que não consegue abrir uma garrafa de café.

Recebeu o apelido de Dona Sincera por não titubear ou fazer ardeio quando perguntada sobre a velhice, traduzindo-a como “[...] uma desgraça! [...]” e sorrindo com a resposta. Talvez, isso possa ser reflexo de um envelhecimento não planejado, vislumbrando qualidade. Talvez não.

DE REPENTE 30

De Repente 30 ganhou esse apelido inspirado no filme com esse título. Apesar de já ter alcançado os sessenta e dois anos de idade se vê com trinta anos ainda. Rigoroso e

disciplinado em suas atividades físicas ao amanhecer, planeja conscientemente um envelhecimento com saúde e muita qualidade de vida. Com isso, quem sabe, de repente trinta?

Brincadeiras à parte, De Repente 30 ainda trabalha, tem três filhos, é engenheiro civil, casado e mora com três pessoas na zona leste da capital paraibana, João Pessoa.

Concedeu-nos a entrevista por telefone enquanto trafegava com um colega de trabalho pela cidade, por esse motivo não descrevemos sobre sua aparência.

Todas as obrigações do cotidiano ele mesmo resolve, seja de forma presencial ou remota/virtual, através de *smartphones* e computador. Seu lazer é a própria atividade física do dia, além disso considera as idas aos sábados e domingos à praia como seu lazer também.

O COROA

O Coroa é um homem bem resolvido com a velhice. Anda de mãos dadas com ela. Por essa razão, recebeu tal apelido, assumidamente “coroa”. Mora na região norte de João Pessoa onde também trabalha como funcionário público e foi lá, no local de trabalho, que pessoalmente nos encontramos para realizar a entrevista. Com setenta e um anos de idade, casado e pai de duas mulheres, mora atualmente com a esposa, uma das filhas e seu neto. Possui cabelos brancos e lisos, usa óculos de grau somente para ler de perto e não usa barba. Tem aproximadamente um metro e oitenta de altura e sob a perspectiva dos especialistas da saúde está um pouco acima do peso, o que não diz muito se a saúde e a qualidade de vida não estiverem comprometidas.

Às cinco e meia, seis horas desperta e toma café com a família. Em seguida faz sua higiene pessoal, incluindo a barba, se veste e sai para trabalhar. Ele mesmo que realiza as obrigações relacionadas a médicos, contas e compras, inclusive, é ele que verifica o que está faltando em casa. Resolve tudo e tão somente de forma presencial, ressaltando que ainda é do tempo antigo.

Não é muito de ter lazer, aliás, atribui isso a estar em casa com a família, vendo televisão e filmes... Vez em quando sai com os netos para ir a uma praça, para ir à praia, mas enfatiza que está sempre acompanhado da família.

6.2 Busca, acesso, uso e compartilhamento da informação pelas pessoas idosas

A ação de buscar, acessar, usar e compartilhar informação pelo indivíduo está incorporada ao modo como vive, inclusive, fora dos ambientes institucionalizados, onde

realizam-se atividades práticas muitas vezes sem reflexão pelo sujeito da ação, coisa que a ciência trata de observar e expô-las.

6.2.1 Busca de Informação

Para essa categoria destinamos duas questões do roteiro de entrevista, 4 e 7, que questionaram às pessoas idosas qual lugar ou fonte buscam informação no dia a dia e; informação sobre vacina contra o Covid-19, como e onde buscaram.

Ressalta-se que é unânime o gosto por se manterem informados. Todas as pessoas idosas que colaboraram com esta pesquisa demonstraram ser pessoas que apreciam informação, de acordo com o significado que cada um (a) atribui a esse fenômeno. Dona Sincera, por exemplo, perguntada sobre isso, afirma:

Muito, adoro notícia. Seja ela qual for, ruim ou boa, eu tenho que saber. [Risadas].
Me prevenir. [risadas] (Dona Sincera)

O Quadro 5 a seguir apresenta os canais onde os colaboradores da pesquisa buscam por informação na vida cotidiana e sobre vacina:

Quadro 5: canais de busca de informação

COLABORADOR	BUSCA DE INFORMAÇÃO NA PANDEMIA	BUSCA DE INFORMAÇÃO SOBRE VACINA CONTRA A COVID-19
Garoto Prodígio	<i>YouTube</i>	Posto de saúde
Menina Obediente	Televisão	Jornal, Televisão e Telefone
Senhora Atleta	Portais de notícias	Pessoa da secretaria de saúde
Seu Menino	Google e Internet	<i>Site, Google, Telefone, WhatsApp, UOL, Globo e Amigos, Redes sociais</i>
Dona Ansiedade	Carta Capital	<i>Globo News</i>
Dona Independência	Telefone e Televisão	Televisão, Pessoa que trabalha em hospital e Filha
Professor Matusalém	Televisão, rádio, internet e reuniões	Internet e Redes sociais
Dona Sincera	Televisão, Rádio, Telefone	<i>YouTube e Conversas</i>
De Repente 30	CBN, CNN, <i>podcasts</i> , Folha de São Paulo e jornal O Globo	<i>Sites e Governo do Estado</i>
O Coroa	Televisão e Internet	Televisão

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Como podemos perceber, esses canais são referenciais de informação e comunicação não só para as pessoas idosas, mas também para toda sociedade que habita o mesmo espaço e tempo e que fala o mesmo idioma, permitindo reconhecer e se identificar com ao menos um desses elementos, dentre os quais, o mais antigo é a televisão.

Assim, no que tange às pessoas idosas pesquisadas, a busca por informação se dá por meio de canais de comunicação informais que “[...] se caracterizam por contatos realizados pelos sujeitos emissores e receptores de informação [...]” (ARAÚJO, 1998, p. 30). De acordo com a mesma autora:

[...] esses canais desempenham funções muito importantes na produção do conhecimento pois através deles pode-se fazer verificações no sentido de retificar as informações geradas. Assim podemos dizer que os canais informais veiculam “informações em processo”, ou seja, informações relativas, principalmente, a práticas informacionais em andamento [...] (ARAÚJO, 1998, p. 30).

Mas também por meio de canais de comunicação eletrônica ou suprainformais, que estão atrelados ao “[...] uso das tecnologias de informação e comunicação – TIC’s [...]” (COSTA, 2008, p. 77), como exemplo a própria *Internet*.

De acordo com Araújo (1998, p. 30):

[...] tais canais podem ser conceituados como equipamentos que desempenham várias tarefas que envolvem com elemento principal o processamento e a transmissão de informação. Desta forma esses canais de comunicação têm como objetivo principal o estabelecimento de condições para a troca de informações dentro e entre grupos de indivíduos e organizações no contexto das redes de computadores [...] (ARAÚJO, 1998, p. 30).

Interessante notar que o significado de informação varia de indivíduo para indivíduo, às vezes se assemelha, às vezes difere e isso é possível de compreender ao considerar que os sujeitos agem no mundo conforme os resultados do processo interpretativo que realizam do objeto, fundamentando-se nos significados construídos ao seu redor.

Na primeira entrevista, diferentemente de Dona Sincera que entende informação como sinônimo de notícia, Garoto Prodígio quando questionado sobre onde e como se informa, retrata sua relação com a informação de maneira afetiva, apreciativa, contempladora. Para ele dizer que busca informação no *Youtube*, pois nesse canal estão as músicas e os artistas que o inspiram enquanto músico, compreende que a informação é interpretada com base nos seus valores, está diretamente ligada ao seu modo de “interessar-se por” e, ao citar uma figura nacionalmente conhecida no meio artístico (Dominginhos), está mostrando um de seus referenciais.

[...] Gosto, eu sempre gosto de..., de... é... assistir no YouTube É... é... os..., os grandes músicos: Dominginhos e outros mais. Eu gosto muito de ver [...] (Garoto Prodígio).

Por isso, Blummer (1980) afirma que o sujeito ao significar algo durante uma ação, primeiro interpreta esse algo de acordo com os significados produzidos em seu meio social e com os referências que o cerca. Por conseguinte, os significados podem ter resultados diferentes para pessoas distintas.

Na segunda entrevista, Menina Obediente, antes mesmo de ser questionada a respeito de onde e como busca de informação, ao falar sobre seu cotidiano já demonstra um perfil de telespectadora assídua de televisão. Realiza suas atividades diárias intercalando-as com a programação da TV ou vice-versa, que é seu meio de entretenimento e de informação, como detalha a seguir:

[...] aí é o tempo que chega a hora de eu ligar a televisão pra assistir Ana Maria Braga, aí depois vem o jornal local, que eu gosto de assistir, assisto o Jornal Nacional, não, não [...] Sete horas eu janto, mas aí eu assisto três novelas, e..., e o jornal [...] (Menina Obediente).

Quando chega a vez da pergunta sobre busca de informação, conseguimos compreender que os demais meios e canais de informação para ela, não possuem o mesmo valor que é transmitido pela televisão e seus jornais. O fato das pessoas na atualidade interagirem muito por meio do *WhatsApp*, por exemplo, a faz pensar que esse não é um meio seguro. Dessa maneira, orienta sua ação de informar-se com base na confiança adquirida ao longo de décadas pelo meio televisivo, que inclusive através de jornais esclarece e estabelece a verdade sobre falsas notícias de grandes repercussões.

Senhora Atleta é a terceira da rodada de entrevistas, clara e objetiva, responde que busca de informação nos portais de notícias. Seu Menino, por sua vez, disse que busca de informação sempre no *Google*, que noventa por cento de suas buscas por informação no dia a dia são feitas na *Internet*.

Dona Ansiedade, ao falar se utiliza *smartphone* ou computador para algo além das obrigações corriqueiras já responde onde busca informação:

[...] sou assinante de revista então Carta Capital eu leio no computador. [...] (Dona Ansiedade).

E complementa na pergunta feita especificamente sobre busca, que além da revista que é assinante, embora já tenha sido frequentadora de bibliotecas, hoje em dia compra o livro e lê em casa, além de assistir bastante televisão também. Ao citar Carta Capital como fonte de

informação, Dona Independência faz-nos identificar a existência de um elo que existe entre suas ideias e as matérias do jornalismo progressista, que é a visão dessa fonte.

A sexta entrevistada, Dona Independência, afirma que busca informação na televisão e no telefone celular, mas destaca seu pouco tempo para isso, conforme relato:

[...] é só mais telefone e TV [...] Como eu trabalho muito tem dia que eu fico cansada que não dá nem... nem TV [...] eu fico muito cansada e também tem muita coisa a fazer em casa, vou fazer tudo sozinha, varrer, lavar roupa, tenho plantas na frente da casa e atrás pra cuidar, aí chega uma, chega outra a minha casa sempre vem muita gente, sabe? [...] Tem pessoas que vem comprar e tem amigos que vem conversar e o meu tempo é pouco. Por exemplo, hoje até a hora do almoço, até doze horas hoje, eu já almocei uma hora. Porque eu não tive tempo. Entendeu? [...], mas, assim... é só o celular o mais que eu uso mesmo. E então o televisor [...] (Dona Independência).

Professor Matusalém, com ar de riso, responde que é claro que gosta de informação, que nós temos que estar informados. E mais precisamente sobre si se explica dizendo:

[...] eu gosto de estar informado em tudo pra poder, pra mim, é... solicitar alguma coisa, ver ou criticar ou não, né? Porque se a gente não for informado [...] somos desinformados. Então tem que tá participando dessas coisas. [...] Assisto televisão, assisto rádio, assisto internet, é... participo de reuniões... é... é... eu sou desse tipo de, de é de participação humana, né? Passar por é... ligado ao dia a dia. Porque cada dia é uma história [...] (Professor Matusalém).

De Repetente 30, normalmente busca informação em cinco *sites*: CBN (Central Brasileira de Notícias), CNN (*Cable News Network*), *podcasts*, a Folha de São Paulo e jornal O Globo. E O Coroa se informa na televisão ou na própria *internet*.

Esta exposição descritiva nos fornece um panorama a respeito da busca de informação pelas pessoas idosas em dias comuns.

Em contrapartida, a busca de informação sobre vacina durante o isolamento social muda um pouco a configuração desse panorama, surgindo novas palavras como: posto de saúde; pessoa da secretaria de saúde; *WhatsApp*; *Globo News*; pessoa que trabalha em hospital; filha; amigos; redes sociais e; Governo do Estado.

Figura 4: Busca de informação sobre vacina



Fonte: Dados da pesquisa, 2022/2023.

Nesse caso, há um fator contextual de busca de informação que é a vacina contra o Covid-19 e isso pressupõe um conhecimento socialmente definido por discursos em torno do assunto, cujas referências de vacina se encontram e permanecem em lugares como os postos de saúde, com pessoas que trabalham na saúde e nos hospitais, em jornais diários e afins.

No caso das pessoas idosas pesquisadas essa busca se estende também aos parentes próximos e amigos, os quais se tornam seus canais de informação também, devido à delicadeza e/ou importância do assunto, sentindo-se mais seguros e menos propensos a erros.

Mesmo em situação de isolamento social constatou-se que a busca de informação não cessou ou ficou prejudicada em razão disso; ao contrário, as práticas de informação permaneceram contínuas, como prática social que é, e o fator contextual (vacina contra o Covid-19) fez-nos perceber também uma alternância de buscas, completamente compreensivo, haja vista que os sujeitos ao indicarem para si o Covid-19, tipificam tal elemento e passam a considerá-lo de acordo com a relevância ou importância para sua linha de ação de busca, o que culmina no uso ou não da informação e, finalmente, na decisão final: vacinar-se ou não.

Garoto Prodígio, por exemplo, em dias comuns busca pelas informações que gosta no *Youtube*, porém, quando precisou saber sobre vacina contra o Covid-19 entrou em contato com o posto de saúde perto da sua casa.

Menina Obediente continuou se informando pela televisão, seu referencial de informação confiável, seja em dias comuns e seja em contextos atípicos.

Senhora Atleta manteve contato com a irmã de sua nora que trabalha na secretaria de saúde e através dessa pessoa mantinha-se informada sobre as vacinas. Além de uma profissional da saúde, estabelece certa familiaridade pessoal.

Seu Menino que todo tipo de informação buscava no *Google* e na *Internet*, especificou *sites* como UOL e G1, além de estender suas buscas, informando-se sobre vacina também por telefone, através de amigos, redes sociais e *WhatsApp*.

Dona Ansiedade só se informava na *Globo News* sobre Covid-19 e vacina, somente na *Globo News!* Que, segundo ela, trazia vários especialistas no assunto e representantes de órgãos como a ANVISA, o BUTANTAN, a FIOCRUZ¹¹, bem como informava sobre o tema das seis da manhã até o jornal das dez.

Dona Independência, muito ocupada, cuja busca de informação se dá por telefone e televisão, buscou informações sobre vacina durante o isolamento social à base da confiança na sua filha, bem como com seu neto que trabalhava em hospital.

Professor Matusalém que se mantém informado por televisão, rádio, *internet* e as reuniões sociais que participa, buscou por informação a respeito da vacina nas redes sociais e *internet*. É interessante sua fala, porque traz uma problemática que envolve “infodemia”, desinformação e notícias falsas (*fake News*):

[...] pela internet, às vezes pelas redes sociais, mas foi uma coisa sem quase..., assustadora, né? Porque foi muitas informações. Um dizia que era bom, outro dizia que não era e era aquela mistura de, de, aí a gente ficou meio indeciso, mas terminou se vacinando, né? [risos]. —Olhe, eu, eu [palavra inaudível] devido a muitas informações assim visuais, eu busquei, eu fui na secretaria mesmo. Eu pessoalmente pedi informação, como é que era o certo. Porque cada pessoa tinha uma história diferente, né? E aquela história assustadora, dizia que era pra matar velho, outro dizia que era num, num matar velho, não sei o que. Essas co..., houve essas coisas, né? Aí eu sou mei... Vou direto saber como é as coisas, tudo que eu quero eu vou lá. [...] (Professor Matusalém).

Ao viver a experiência de buscar informações sobre vacina na *internet* e às vezes nas redes sociais, Professor Matusalém revela barreira encontrada, que esses meios não surtiram efeitos positivos devido ao estágio de confusão em que ficou, consequência da epidemia de desinformação instalada nos canais de comunicação eletrônica por internautas, anônimos e não-anônimos e, até mesmo por robôs que estão a serviço de pessoas e interesses escusos, trazendo à tona o fenômeno da pós-verdade muito presente na atualidade, cujo principal

¹¹ A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), é uma agência reguladora vinculada ao Ministério da Saúde do Brasil e sua finalidade é fiscalizar a produção e consumo de produtos submetidos a vigilância sanitária como medicamentos, agrotóxicos e cosméticos. Também é responsável pelo controle sanitário de portos, aeroportos e fronteiras. O BUTANTAN é o instituto maior produtor de vacinas e soros da América Latina e o principal produtor de imunobiológicos do Brasil. A Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) vinculada ao Ministério da Saúde é a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina.

objetivo é “[...] desorientar o leitor no seu processo de formulação de conhecimento e de formação de opinião [...]” (PAULA; SILVA; BLANCO, 2018, p.96).

No caso do Professor Matusalém, o que estava em xeque era o discurso em torno da vacina e como bem coloca expressamente na sua fala: uns diziam que a vacina era para matar velho, o que consiste em uma notícia falsa (*fake News*) e, por isso, evidencia um problema social bastante preocupante nos tempos de hoje.

Paula, Silva e Blanco (2018) alertam que:

[...] as *fakes News*, nesse sentido, têm um relacionamento intrínseco com a pós-verdade. Elas podem ser consideradas conteúdos que buscam evocar os sentimentos do leitor e com frequência fabricar uma revolta relativa à entidade/pessoa que está sendo deslegitimada [...] (PAULA; SILVA; BLANCO, 2018).

A todo tempo, por diferentes meios, canais e ferramentas, é divulgado incessantemente que as mídias sociais e digitais não são em sua amplitude canais confiáveis e seguras de informação, haja vista que a facilidade de acesso por quaisquer pessoas em posse de um celular e/ou computador provido à *internet*, podem “sem limites” corroborar para a produção e divulgação de conteúdos de qualquer natureza, principalmente aqueles mais preocupantes, como as *fake News* (notícias falsas), os *hate speeches* (discursos de ódio), teorias conspiratórias, dentre outros.

Exposto a esse cenário, Professor Matusalém tomou a iniciativa de buscar informação em uma fonte confiável, pois embora utilizasse meios de informação contemporâneos, sua atenção relativa ao Covid-19 correspondia a uma indicação/representação que se origina da interpretação desse mesmo elemento, e a partir de sua observação o fez mudar sua ação de buscar informação sobre vacina, dessa vez, indo à secretaria de saúde de sua cidade, órgão este empenhado a combater o vírus.

Dona Sincera que se informa por meio do canal de televisão, telefone e *Youtube*, buscou informação sobre vacina neste mesmo canal. De Repetente 30 generalizou sua busca de informação de vacina contra o Covid-19, afirmando que as buscas se deram em *sites* e salientou o papel do Governo do Estado, através do qual também se informava. O Coroa que normalmente se informa pela televisão e às vezes pela *internet*, buscou informação sobre a vacina apenas na TV.

6.2.2 Acesso à Informação

Para essa categoria destinamos uma parte da questão 7 do roteiro de entrevista, indagando às pessoas idosas se ao buscar por informação sobre vacina contra a Covid-19 tiveram acesso ao que gostariam, se sentiram dificuldade para encontrar a informação e como a informação lhes ajudou.

Antes de tudo, faz-se necessário informar o conceito de acesso adotado nesta pesquisa: “[...] parece refletir um desejo de mudança e a busca a algum objetivo. Acesso parece significar o processo para atingir algo [...]. (MANZINI, 2005, p. 31). Dessa maneira, entendemos que ao buscar informação sobre vacina as pessoas idosas tinham como objetivo fim se vacinarem com o intuito de proteger-se contra a doença.

Então, cem por cento dos(as) colaboradores(as) da pesquisa responderam que tiveram acesso à informação que precisavam, na fonte, no canal ou no lugar onde realizaram buscas individuais e conforme suas preferências. Em relação a essa ação, Professor Matusalém *a priori* não teve acesso ao que gostaria, relatando as dificuldades e explicando o porquê. Mas, quando seu processo interpretativo chegou a uma conclusão, reorientou a busca, superou a barreira informacional e assim teve acesso à informação que procurava na secretaria de saúde, ignorando definitivamente as opiniões infundadas por internautas nas redes sociais e na *Internet*. A propósito, ele está “bem vivo” e à espera da quinta dose da vacina.

A esse respeito, Araújo (1998, p. 31) afirma que:

[...] qualquer que seja o canal utilizado, sempre existirão barreiras para dificultar o trânsito da informação entre os indivíduos. Outro aspecto ressaltado [...] é que o avanço das novas tecnologias de informação, está fazendo com que as barreiras de natureza física diminuam. Entretanto, as barreiras de natureza psicológica ainda persistem. Tais barreiras são inerentes à própria natureza dos sujeitos sociais uma vez que envolvem questões emocionais e de limitações mentais dos seres humanos [...] (ARAÚJO, 1998, p. 31).

Recortamos um trecho que Dona Ansiedade falou a respeito de como a informação lhe ajudou quando precisava saber sobre a vacina contra o Covid-19:

[...] tudo que eu queria saber eu consegui saber na *Globo News* mesmo. Com a quantidade de especialista que eles traziam praticamente toda noite, eles tinham especialista ali na, na, nos jornais, né? Não sei se você acompanha. Tem jornal na *Globo News* de seis da manhã até dez da noite [...] olhe, na verdade, na verdade, quando começaram a falar que ia, que estava em desenvolvimento da vacina, que aqui já tinha sido testada, que a ANVISA já tinha é... liberado a vacina, eu não procurei mais nem me informar de absolutamente nada, porque já tava, já tinha escutado tanto, desde a FIOCRUZ, O BUTANTAN, né? Falando sobre a vacina, como é que tinha sido desenvolvida, a segurança da vacina... Eu não tive nem problema, nem dúvida nenhuma [...] (Dona Ansiedade).

Em suma, a informação ajudou as pessoas idosas entrevistadas dentre outras, a: entender e acompanhar o processo de vacinação por idade; a saber o dia e o local a ser vacinado(a); quais lugares havia menos pessoas na fila; a manter todas as vacinas em dia, não só a da Covid-19 e; a confiar na qualidade e eficácia da vacina. Estas, pelo menos, foram as leituras que fizemos e as impressões que absorvemos dos(as) colaboradores(as) que discorreram sobre esse aspecto.

A questão da confiabilidade da informação além de sempre atual é um assunto muito discutido na Ciência da Informação, que prima por uma mudança urgente na forma como a sociedade está lidando com a informação, sobretudo quanto à utilização da *web* e das redes sociais enquanto canais de informação e disseminadoras de conteúdo, em torno das quais sempre permanece a dúvida do quanto uma informação é confiável ou não (LEITE; ARDIGO, 2018).

No Brasil, para ter uma noção da importância da discussão em torno da confiabilidade da informação, inserida nesse contexto de busca pela precisão de informações divulgadas na *internet*, existem hoje *sites* como: *boatos.org*, o *e-farsas.com* e o *aosfatos.org* (LEITE, ARDIGO, 2018). Além disso, já foi aprovado pelo Senado e agora tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 2630, de 2020, conhecido popularmente como Lei das *Fakes News* que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na *Internet*.

Segundo reportagem e edição de Haje e Triboli (2020), respectivamente, “[...] o texto cria medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, e nos serviços de mensagens privadas, como *WhatsApp* e *Telegram*, excluindo-se serviços de uso corporativo e *e-mail* [...]”.

6.2.3 Uso da Informação

Usar informação implica dizer que uma demanda do sujeito informacional foi satisfeita. Uso da informação, depende, pois, de etapas que antecedem essa fase, como o acesso, por exemplo. Além disso, é preciso que haja organização das informações para que se promova o acesso. No caso de Dona Ansiedade, mencionado anteriormente, o uso que ela fez da informação resolveu as necessidades informacionais que possuía, a tal ponto de não sentir mais nenhuma dúvida/necessidade a respeito. A confiança e a segurança nas entidades referências como o BUTANTAN e a FIOCRUZ a fez estar certa que a vacina seria o melhor caminho.

Professor Matusalém é outro exemplo claro, pois enquanto a (des)informação e *fake News* lhe causava confusão, ele não satisfeito, procurou um serviço de saúde e finalmente pode sentir sua demanda atendida e usou a informação a seu favor, em prol de sua proteção contra o Covid-19.

Os(as) demais colaboradores(as) concordaram que a informação lhes ajudou quando precisaram saber sobre a vacina, mas não quiseram detalhar.

Diante do exposto, inferimos que as práticas sociais, dentre as quais, estão aquelas relacionadas ao fenômeno informação, se dão no mundo onde e que oferece os significados coletivamente construídos, provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. O processo interpretativo é decisivo para os sujeitos informacionais, ao se relacionarem com os elementos com que entram em contato, ou seja, os significados do objeto “informação” não partem da natureza do objeto em si, mas correspondem à manipulação e/ ou modificação interpretativa de cada indivíduo em contato com.

6.2.4 Compartilhamento de informação

A conversa com as pessoas idosas que colaboraram com esta pesquisa foi muito agradável e interessante. Particularmente, havia muita expectativa da nossa parte em torno das questões que envolvem o excesso de informação na sociedade contemporânea, a desinformação que atrapalha a vida prática das pessoas e as *fake News* que deturpam fatos, espalham mentiras e preocupam os cientistas da informação, sociais, de diversas outras áreas do conhecimento, bem como afeta a sociedade civil como um todo, de alguma maneira, principalmente em meio a um cenário de pandemia no qual a vida das pessoas idosas corria maiores riscos em virtude das condições fisiológicas de seus organismos que podem sofrer sérias e fatais complicações.

Por um lado, foi de grande alívio entrar em contato com a realidade das pessoas idosas, embora que de forma indireta, pois os dados extraídos das entrevistas afastaram a hipótese (do nosso imaginário) de que essas questões têm íntima relação com pessoas na terceira idade, que essas questões são fortemente presentes no cotidiano e no contexto da velhice, que velho(a) não sabe o que está fazendo, não sabe se proteger de *fake News*. Talvez, outras pesquisas tenham nos deixados impressionadas. Ou tenhamos, assim como quase toda sociedade faz, subestimado a sabedoria dos(as) velhos(as).

Por outro lado, ficamos pensando: mas e agora, o que dizer!? Coube-nos apenas uma saída bem óbvia: cumprir o nosso papel de pesquisadoras que somos e expor os resultados obtidos.

Sendo assim, retomando a questão que Professor Matusalém levantou, mas que estava prevista no nosso roteiro, indagamos os sujeitos(as) informacionais se em algum momento perceberam ou sentiram se havia um excesso de informação sobre a pandemia da Covid-19; se durante o isolamento social houve alguma situação em que foram vítimas de desinformação; se em algum momento da pandemia receberam ou enviaram informações que posteriormente tomaram conhecimento de que não eram verdadeiras; se comumente averiguam se as informações (notícias) que recebem, buscam e compartilham são verdadeiras; como fazem para checarem; se há alguma motivação para que compartilhem, salvem, curtam e cliquem para ler as informações; se utilizam algum critério para realizarem compartilhamento de informações em grupos e/ou com pessoas e; como se sentem compartilhando alguma informação.

Para analisarmos os dados referentes a essas questões não nos fixamos apenas nas respostas a elas dadas, mas confrontamos com outras respostas às perguntas 2, 3 e 5, nas quais pedimos para nos contarem como são suas rotinas em um dia comum; com relação às obrigações do dia a dia, como consultar médicos, realizar compras, pagamentos de contas e receber salário, se são eles e elas que fazem ou se tem alguém para fazê-las; se utilizam *smartphone* ou computador para fazê-las (ex.: aplicativos como *internet banking*, *iFood* e etc.); se além dessas obrigações, no seu dia a dia; se utilizam *smartphone* ou computador para algo mais, qual mais utilizam e para qual finalidade (ex.: escrever algum conteúdo, comentar em *sites*, bater papo, ver vídeo, texto, imagens), em caso positivo, se o idioma é uma barreira e; se mantem contato com familiares e amigos de forma presencial e também virtual.

Essa estratégia foi salutar para comprovar coerência nas falas, avaliando em que medida, inclusive, possuem autonomia para realizarem certas atividades, bem como aquelas ligadas às tecnologias.

Para a questão do excesso de informação sobre a pandemia da Covid-19, com a exceção de Professor Matusalém, nenhuma pessoa idosa detectou essa situação e a razão disso pode ser atribuída de diferentes maneiras, conforme cada caso:

a) Garoto Prodígio mantém contato com familiares e amigos de forma presencial, raramente o faz de forma virtualizada, utiliza muito pouco o *smartphone*, não possui computador e mesmo às vezes em que ligava a televisão, escutava (nas palavras dele): “[...] morreu dez.... [...] tem não sei quantos amarrados pra morrer [...]”. Ao ouvir isso ele

imediatamente desligava o aparelho. Ao que parece não era o excesso de informações, mas sim o excesso de mortes que o incomodava.

b) Menina Obediente, também tem contato presencial com familiares e amigos, bem como à distância, porém somente através de ligações telefônicas convencionais e, apesar de ser uma telespectadora assídua de programas televisivos, não viu ou sentiu excesso de informação sobre a pandemia, reconhecendo que:

[...] a imprensa deu muita assistência, informou muito, quem assistia sabia dialogar com alguém e informar que a vacina tinha que ser...., mas outras pessoas que não valorizava, a começar do nosso Presidente da República, que eu acho que ele foi muito omissivo a isso, mas...[...] (Menina Obediente).

c) Senhora Atleta interage com familiares e amigos das duas formas: presencial e virtual e, avalia a circulação de informações sobre a pandemia como suficiente, afastando a hipótese de excesso. Pelo fato de realizar busca ativa somente nos portais de notícias, conforme seu tempo e suas necessidades, conseguimos constatar coerência na sua fala também.

d) Seu Menino da mesma forma, interage pessoalmente e virtualmente (*WhatsApp*) com familiares e amigos. Avalia que não houve excesso de informação sobre a pandemia da Covid-19, porém, identificou “[...] que havia muito *fake News* [...] tinha que procurar filtrar [...] (Seu Menino)”. Evoca-se o que ele disse sobre suas buscas, que eram feitas quase que totalmente pelo *Google* e na *Internet*. Seu caso possui semelhanças com o do Professor Matusalém.

e) Dona Ansiedade, mantém contato presencial com amigos e familiares e por meio do *WhatsApp* interage também com os seus. Sua fonte de informação sobre vacina e Covid-19 era a *Globo News* e também não via excesso de informação sobre o assunto, argumentando que:

[...] informação nunca é demais. Eu acho que ela nunca é demais. E assim, o Governo Federal fez tanta confusão, mais tanta confusão com esta bendita vacina, que o pessoal tinha que informar mesmo. Tinha que ser direto. Porque senão.... [...] Porque senão, meu amigo, se não tem feito..., eles fizeram aqui e ficaram sem se vacinar, imagina se não tivessem feito. Então [...] eu acho que não foi demais não [...] (Dona Ansiedade).

f) Dona Independência da mesma forma que a maioria, não considera que houve excesso de informação, mas não se sentia bem ao ouvir tantas notícias negativas. Segundo ela, procurava informações na televisão de modo que não se aperreasse tanto e quando notava que

estava demais para ela, desligava o aparelho televisor e ia trabalhar ou fazer alguma coisa para esquecer. Relaciona-se com familiares e amigos de modo presencial e também pelo *WhatsApp*.

g) Professor Matusalém, que se antecipou à pergunta e já deu o mote que a conversa ia seguir, quando perguntado sobre o excesso, frisa que no começo foi muito estranho, mas com o decorrer do tempo foi vendo que o caminho certo era a vacina, prejudicando-se ou não, a decisão pela vacina estava tomada. Mantém contato de forma presencial com todo mundo, mas de forma virtual ressalta que interage apenas com pessoas de elevada consideração, que não gosta muito das redes sociais não, “[...] que às vezes tem muita bobagem, tem muita informação que não combina com a vida humana [...]” (Professor Matusalém).

h) Dona Sincera, também possui contato presencial com amigos e familiares e de forma virtual assinala que pouco, mas sim. Questionada sobre sentir ou ver excesso de informação na pandemia diz procurar ter calma diante dos fatos, parar e analisar, pensar corretamente para não se prejudicar. E para que nos respondesse com maior objetividade, indagamos ela novamente, que respondeu confirmando “[...] pois é, meu fi, porque com o presidente que a gente teve não era possível pegar qualquer coisa. [risadas] [...]” (Dona Sincera). Na nossa leitura, a ponderação era necessária, em virtude de termos um Presidente da República que no contexto da pandemia turbinava discursos contrários à vacina e a gama de informações *fakes* que circulavam não podiam ser tomadas como verdade sem qualquer análise e reflexão.

i) De Repente 30, semelhantemente à Dona Sincera, interpretou a pergunta sobre excesso de informação atribuindo a necessidade do cuidado com as informações em virtude das distorções que o Governo Federal, mais especificamente na pessoa do Presidente da República, fazia com relação ao vírus e à eficácia da vacina. Então, buscava, via, lia e acompanhava através de canais que considerava mais seguras as informações diárias, como, por exemplo, o quantitativo de obtidos “[...] por falta de vacina, por falta de assistência, por tudo [...]” (De Repente 30). Para ele, essa era a realidade, pois em sua volta estava morrendo pessoas próximas, como citou a madrasta e dois colegas e, em razão disso, não tinha como “[...] deixar passar uma informação, de ter cuidado com ela [...]” (De Repente 30). De Repente 30, vale lembrar, sentiu no contexto da pandemia que havia muita *fake News*, ele que recebia mensagens por *WhatsApp* de conhecidos(as) e fazia questão de averiguar o que lia, muitas vezes enviando para o remetente da mensagem o *link* com e da informação verídica. Como se percebe, mantém contato com familiares e amigos de forma virtual e confirma que de modo presencial também.

j) O Coroa que se informava sobre vacina e a pandemia por meio da televisão não sentiu excesso de informação, quanto a esse quesito para ele “[...] estava tudo normal, era só pra se cuidar [...]” (O Coroa). A respeito da interação presencial e virtual com familiares, revela como a pandemia influenciou nas suas relações, tendo que se afastar fisicamente da família, mas que a ligação entre ele e as irmãs continua forte e que ainda se falam pelo *WhatsApp*, mas enfatiza, que nesse modo virtual é só com a família que ele interage,

Para a questão de desinformação durante o isolamento social, todos e todas responderam que não houve nenhuma situação e isso se explica pelo fato de se informarem antecipadamente a qualquer tomada de decisão.

O conceito de desinformação pode ser empregado de várias maneiras, por isso que optamos em considerar no momento da entrevista a definição de “[...] ruído ou ausência de informação [...]” (PINHEIRO; BRITO, 2014, p.1), com o intuito de facilitar a compreensão por parte das pessoas idosas.

Para a questão de informações/notícias falsas (*fakes News*), nem todos(as) comumente averiguam se as informações (notícias) que recebem e compartilham são verdadeiras e isso ocorre por algumas razões aparentes: a) não se importam com o que recebem, ou seja, veem, mas ignoram, não compartilhando/repassando adiante nada; b) Só compartilham conteúdos de cunho cômico, religioso, de esporte e ideológicos cientes de que não vão chatear ninguém, ao contrário, acreditam levar algo bom para os seus próximos; c) Utilizam pouco ou quase nada os aplicativos, as redes sociais e computador e, praticamente, não se engajam nessas *vibes* (vibrações). Por outro lado, aquelas e aqueles que o fazem com alguma frequência possuem o hábito de confrontarem a informação vendo-a em outros canais, sejam mídias ou pessoas, averiguando e concluindo a respeito da (in)veracidade da informação. Apenas uma pessoa idosa (um homem) tem o hábito de não só checar a informação, mas encontrar a informação verdadeira e devolver para quem o enviou.

Para a questão sobre se há motivação para que compartilhem, salvem, curtam e cliquem para ler as informações, dos (as) dez colaboradores(as), oito responderam que são motivados.

No caso do Garoto Prodígio é o gosto musical que o faz querer compartilhar informações com seus colegas músicos, mas somente de forma presencial. Já pelo *WhatsApp*, as poucas vezes que utiliza, o que lhe motiva a compartilhar são vídeos engraçados que recebe e, por puro divertimento, envia todos para o grupo, a fim de que seus familiares também se divirtam ao assistirem.

Para Menina Obediente, o que lhe motiva a curtir informação é “[...] divulgar o que é certo [...]” (Menina Obediente), exemplificando que a vacina tem muito valor na nossa vida, que se sabe que não imuniza cem por cento, mas devido a sua eficácia é um dever divulgar. No caso dela, compartilha informações presencialmente ou por telefone, haja vista que é aversa ao uso de *smartphones*, por exemplo.

Senhora Atleta se sente motivada a compartilhar, curtir, ler e salvar informações ligadas à religiosidade e ao esporte, afirmando que curte bastante esses temas.

A motivação do Seu Menino tem relação com o trabalho e ele explica: “[...] quando eu recebo uma informação vamos dizer tipo, saiu uma informação no *site*, no G1 e diz que o STJ modificou uma súmula, eu vou lá no *site* do STJ vejo se foi modificado aquela súmula, se foi eu replico pra os meus amigos que trabalham na área [...] (Seu Menino)”.

Dona Ansiedade adora política e esse tema é o que lhe motiva a ler, curtir e compartilhar informações.

Já Dona Independência não tem nada que lhe motive ou ao menos nada em específico.

Professor Matusalém se sente motivado com informações pertinentes à qualidade de vida. Ele afirma que as pessoas devem fazer avaliações de momentos, diálogos e trocas de experiências, ressaltando que não são obrigadas a aceitarem nada, mas tem obrigações de se empenharem a pesquisar sobre formas de melhorar a própria vida e a de todos.

Dona Sincera é motivada pelo gosto de ver outras pessoas informadas, mas menciona a desmotivação que sente com as pessoas que preferem ficar na ignorância e, nesses casos, ela desiste, preferindo insistir.

De Repente 30 diz que sempre há motivação para ler, curtir, compartilhar e salvar informações, conteúdos e notícias., mas não dá detalhes.

E O Coroa, por quase sempre não dar atenção às informações que recebe pelo *WhatsApp*, não compartilha nada e não tem motivações para tal.

A respeito da questão da utilização de algum critério para realizarem compartilhamento de informações em grupos e/ou com pessoas é preciso considerar que dos dez, dois não compartilham nada e, portanto, não possuem critério. Dos oito que compartilham algo, apenas Senhora Atleta e De Repente 30 responderam que sim e o critério é a veracidade da informação, ou seja, compartilham somente se estiverem certos que a informação não é falsa ou mentirosa. Dos seis restantes, uma resposta se apresentou inteligível, não sendo possível a compreensão, outra ficou em branco, isto é, não foi respondida, restando somente quatro, cujos critérios inferidos por nós são: informação cômica compartilhada em grupo; identificação ideológica, informação compartilhada somente com

pessoas que comungam das mesmas ideias; informação geral a depender da vontade de compartilhar; informação positiva compartilhada indistintamente.

[...] na contemporaneidade, hodiernamente, os sujeitos se deparam com infinitas possibilidades para criarem, comentarem e compartilharem informações. Todas essas possibilidades estão ali, na palma da mão, liberadas ao se desbloquear a tela do celular e se conectar à Internet. São, assim, infinitas práticas ou ações informacionais possíveis, infinitas possibilidades de compartilhar representações sociais e representações do eu, nos mais diversos formatos (texto, áudio, imagem, vídeo, animação, enquete, comentário etc.), que se abrem ao sujeito informacional. É devido a essas infinitas possibilidades de compartilhamento de informações e à importância dada aos sujeitos ao hábito de compartilhar informações com os amigos, familiares, colegas e desconhecidos – desconhecidos no mundo físico – (qualquer levantamento estatístico sobre o intenso uso de mensageiros instantâneos e de aplicativos de redes sociais comprovam isso), que a associação entre os conceitos de práticas informacionais, representações sociais, representação do eu (fachada) e sujeitos informacionais parece adequada[...]. (CRUZ, 2021, p.142).

Nesse item percebe-se os critérios que os sujeitos informacionais criam por e para si mesmos, determinando livremente suas ações. Cada sujeito informacional ao interpretar uma informação determina como proceder e decide se usa ou não, se compartilha ou não, se ler ou não, se curte ou não. Se compartilha também decide o que compartilha, com quem compartilha, como compartilha e porque compartilha. Da mesma forma que, cada sujeito ao compartilhar, ao indicar a informação para si, ao passar pelo processo de interpretação, se sente ou não motivado, logo, não há regras ou normas que os digam o que fazer, senão aquilo que resulta de suas interpretações.

Em síntese, conforme afirmam Berger e Luckmann (1985, p. 35): “[...] a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente [...]” (BERGUER, LUCKAMN, 1985, p. 35).

Suas interpretações, alicerçadas em seus conhecimentos, vivências, impressões e valores são considerados nessa decisão. Assim, os sujeitos informacionais dizem a si mesmos os métodos que devem utilizar e como devem se comportar diante do objeto. Daí considerarmos como fatos sociais essas realizações práticas e contínuas de cada sujeito informacional atuando na realidade. Em outras palavras, para que uma ação seja realizada é preciso um compêndio de procedimentos, os quais são realizados na operacionalização da vida cotidiana dos sujeitos (GARFINKEL, 1984).

Além disso, questionamos sobre a sensação/sentimento de cada um(a) em relação a ação de compartilhar alguma informação. Dos dez, nove responderam inteligivelmente.

Desses nove, O Coroa por nada compartilhar não pode expressar o que sente, três responderam que se sentem bem, dois se sentem úteis, outros dois consideram que o que compartilham é bom, então se julgam fazendo bem a outras pessoas, um se sente muito feliz e o outro apesar de não detalhar o que sente e como se sente, fala que quando, por exemplo, compartilha “[...] informações relativas a programas de saúde, *lives* de saúde, acha interessante pra que as pessoas [...] tomem conhecimento [...] de algumas coisas que elas podem ser utilizadas pra melhorar a vida [...] (De Repente 30)”, assim, entendemos que o mesmo se sente útil e bem por compartilhar esse tipo de informação.

O isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 influenciou a vida cotidiana de muita gente, sobretudo aqueles e aquelas que ainda trabalham. Já o isolamento social imposto não pelo envelhecimento, mas principalmente pelos mecanismos capitalistas de opressão também influenciam a vida cotidiana dos sujeitos, sobretudo daqueles(as) que mais acumulam sabedoria, as pessoas idosas.

Diante desses contextos de isolamentos, questionamos as pessoas idosas se o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 mudou seus cotidianos, de que forma e pedimos que descrevessem hábitos que tinham antes e depois do isolamento social. Sendo assim, Menina Obediente disse que esse isolamento influenciou muito seu cotidiano, porque ficou isolada realmente, com o intuito de se prevenir. Isso a fez cultivar sintomas de preguiça, principalmente de sair, ficando acomodada. Após o isolamento, com todo esforço sai muito pouco e mais porque pegou Covid recentemente, após vacinada com quatro doses. Antes do isolamento social ela tinha o hábito de viajar para visitar as filhas que moram em Manaus, Aracajú e Tocantins. E depois do isolamento, até o presente, não retomou mais esse hábito.

Nessa mesma linha, Seu Menino comenta. Diz que seu cotidiano mudou muito, tendo que ficar recluso em casa devido à idade, mas que não influenciou no trabalho, pois pode desenvolver suas atividades remotamente. E acrescenta:

[...] durante a pandemia eu fiquei recluso. Eu passei quase seis meses sem sair do apartamento e agora eu vou ter a mesma rotina de fé. Saindo mais, sem problema nenhum [...] (Seu Menino).

Dona Ansiedade, por sua vez, além de afirmar que teve a vida muito influenciada pelo isolamento social imposto pela pandemia, fala da sua dificuldade em manter seu marido em casa, que “[...] foi assim..., assombrosamente difícil [...]” e que ele passou a pandemia inteira correndo atrás da Covid e a Covid não quis saber dele [e cai na risada]. Continua falando:

[...] se tem uma pessoa que correu atrás da Covid foi Jonas. Ela não quis ele de jeito nenhum. [...] era um aperreio pra mantê-lo em casa. [...] aí você se estressa, né? Aí você fica, aí não pode sair, aí não pode ir na casa dos outros, aí só sai com medo. Ah, minha filha, saúde mental eu acho que abalou todo mundo [...] antes do isolamento eu tinha determinados hábitos, aí depois do isolamento que aquele hábito foi embora, deixei de praticar... Então, eu não diria nem que foi um hábito. Antes do isolamento eu fazia parte ali do, de um grupo no... na universidade mesmo. De artesanato na universidade. E a gente ia dois dias por semana. E depois do isolamento, passou a ser só um dia, que eu ainda não descobri o porquê. E acabou que eu deixei de ir. [...] Vou ver se próximo período eu recupero [...] (Dona Ansiedade).

Ao falar em saúde mental prejudicada durante o isolamento social na pandemia, Dona Ansiedade levanta uma questão suscitada nesse contexto, o aumento global de distúrbios como ansiedade e depressão, conforme estudo publicado no periódico científico *The Lancet*, segundo matéria da CNN Brasil (ROCHA; LOPES, 2021).

De Repente 30, por outro lado, fala que o isolamento social da pandemia não mudou sua rotina, pois não deixou de trabalhar, continuando normalmente. Explica que para isso tomou alguns cuidados, dentre os quais, mantinha as janelas abertas, sem ligar o ar-condicionado da sala, levava a máscara e quando queria fazer alguma coisa ficava bem distante dos outros. A pergunta indagava exatamente nesse sentido, se o isolamento social influenciou seu cotidiano, o fato dele não ter ficado isolado não significa dizer que não recebeu as influências do contexto, afinal passou a ter outros hábitos e a perceber que assim como ele, outras pessoas também. Mais adiante, quando reitera que sua vida não mudou, de sobressalto diz:

[...] quer dizer, mudou, por exemplo, atividade física eu deixei de fazer, né? [...] Aí eu fiquei praticamente sem fazer atividade física mesmo. É porque em casa sozinho dá preguiça [risada] [...] (De Repente 30).

Como podemos ver ao longo desse estudo, umas pessoas idosas se mantêm ativos no mercado de trabalho, outros não mais, vivendo da aposentadoria, pensão ou de rendas complementares. Uns se inserem em grupos sociais para trocar e viver novas experiências, outros compartilham as velhas experiências em seus próprios lares e/ou desfrutam da vida solitária, isolados do mundo, em seu mundo particular, no cenário da velhice. Umas pessoas idosas são totalmente independentes e autônomos, outros são parcialmente autônomos, mais dependentes. Uns possuem mais idade e são proativos, outros são pouco atarefados e têm menos idade.

Tudo é muito relativo e heterogêneo na terceira idade, enquanto uns passam grande parte do tempo se dedicando às atividades domésticas, outros ainda trabalham para o sustento da família e/ou de si mesmo, enquanto o espaço físico e social mais presente de uns são a casa e a família, os de outros são o trabalho, os colegas e quando retornam à casa, a família. Com as atividades físicas há pouco envolvimento de maneira geral e a pandemia contribuiu ainda mais para isso. As atividades de lazer, muitas vezes, são passivas como: assistir TV e filmes por exemplo, ou se confundem com o espaço físico da casa, do trabalho e/ou com o convívio social de familiares, conhecidos e colegas.

Diante do exposto, afirma-se que:

[...] o modo como o indivíduo utiliza seu tempo possui uma variedade de determinantes, incluindo oportunidades ambientais, personalidade, eventos particulares e saúde funcional, fazendo-os considerar o uso do tempo como um indicador de estilo de vida de uma pessoa ou grupo. Portanto, a descrição da estruturação da vida diária dos idosos, em função do uso do tempo, e a influência de outras variáveis (idade, sexo, escolaridade, renda, por exemplo) sobre o engajamento nas atividades cotidianas, fornecem um primeiro vislumbre sobre a competência diária destes indivíduos, reflete diferenças em termos de estilos de vida e pode fornecer a chave para a melhoria na qualidade de vida [...]”. (VAAN DEN HOMBERGH *et al.*, 1995 *apud* DOIMO; DERNTL; LAGO, 2006, online).

A relação, a interação e o uso das novas tecnologias por parte das pessoas idosas da pesquisa, por sua vez, apontam para o entendimento de que depende de idade, entretanto, estão e podem estar mais fortemente atreladas às necessidades, ao estilo e modo como cada indivíduo utiliza seu tempo e em conformidade com as preferências individuais.

No roteiro de entrevista havia um item reservado para que os(as) colaboradores(as) se pronunciassem a respeito do que quisessem, fosse sobre si, ou sobre a Covid-19, ou ainda sobre desinformação, notícias falsas, ou qualquer outro assunto. Nesse sentido, categorizamos as falas daqueles e daquelas que se pronunciaram:

Menina Obediente, 72 anos de idade, leiga em tecnologia digital, mas com valores inegociáveis como a verdade, faz um alerta:

[...] só dizer que por mais informação que repassem, as pessoas, muita gente, só se liga no celular, o que vem notícia do celular, nas redes sociais, acha que tudo é verdade. E a maioria não é. Então [...] a gente tem que ver direitinho, porque muitas vezes você compartilha uma coisa, repassa sendo *fake News* [...] (Menina Obediente).

Esse alerta também perpassa, de repente, por aquilo que Dona Ansiedade pontuou, ou seja, a ignorância, a falta de conhecimento sobre determinado assunto muitas vezes

impulsionam notícias falsas, informações inverídicas e que às vezes nem é intencional, mas pelo fato de não ver “direitinho”, não pesquisar, não se inteirar do que está vendo e lendo, passa adiante algo que nem mesmo aquele(a) que repassa tem conhecimento do objetivo escuso da mensagem e, por isso também, não exercita uma reflexão ou menos que isso, não está situado no tempo e espaço histórico-político que vive:

[...] ah, assim, me chateia muito quando eu vejo, quando eu vejo alguém com uma notícia falsa, que é uma notícia falsa, certo, compartilhar aquela notícia. Não é nem o fato de ser falsa, é a falta de conhecimento daquele assunto, que às vezes leva você a compartilhar uma notícia falsa. [...] eu fico chateada, [palavrão/força de expressão] fulaninha deveria saber disso, sabe? Um dia desse foi muito interessante, compartilharam pra mim uma notícia assim: é que... Renan Calheiros estava, tinha colocado uma matéria no, no Senado, pra discussão no Senado, nas carreiras, pra passar essas matérias. Eu digo [palavra/força de expressão] o camarada não sabe que Renan Calheiros não é mais presidente do Senado!? E sem ser presidente do Senado ele não pode fazer isso. Só quem pode passar, botar as notícias, as matérias pra ser votada é Rodrigo Pacheco. Faz quatro anos que Renan Calheiros não é mais é..., é... do Senado, né? [...] aí o cara vai passa uma notícia dessa pra frente, porque aí já passa condenado o outro partido político. Eu digo é de lascar um negócio desse [...] (Dona Ansiedade).

Da mesma forma Senhora Atleta comenta, mais especificamente notícias falsas que envolvem a vida das pessoas de uma forma assustadora:

[...] é exatamente essa questão dos..., das *fake News*, né? Com a vida das pessoas que o pessoal vive soltando *fake News* e realmente isso assusta, porque envenena as pessoas, né? [...] (Senhora Atleta)

Com relação ao outro tema que surgiu espontaneamente da fala dos(as) colaboradores(as), isto é, Covid-19, De Repente 30 que perdeu a madrastra e dois colegas na pandemia, registra sua impressão e constatação:

[...] eu acho que é um..., é um fato que a gente, que eu acho que [...] a ciência já conseguiu controlar, né? Já tá controlado. A gente já vê que a quantidade de pessoas que morrem está bem reduzida. A gente já vê que o pessoal, se realmente se vacinou, os sintomas não vão ser tão graves, né? A gente está vendo isso [...] (De Repente 30).

Interessante prestar atenção nas falas, em especial, do colaborador De Repente 30, que ele está/esteve a todo tempo atento ao que acontece/acontecia ao seu redor e a partir disso confrontava e ainda confronta sua realidade com as informações “destoantes” que apresentava, segundo ele, o Governo Federal, obviamente representado pelo ex-Presidente da República.

Sobre o fim da pandemia e sobre a quinta dose da vacina, O Coroa emite sua opinião com base em informações recebidas através do meio de comunicação em massa que assiste, ao mesmo tempo que cobra das autoridades providencias quanto à quinta dose da vacina:

[...] é o seguinte, quem tá esperando pelo fim do Covid diz que já terminou, já, né? Mas, continua. Hoje vi no noticiário na China que tá começando tudo de novo e a gente tá esperando a quinta dose e não tem nenhuma informação é... sobre essa quinta dose pra gente tomar, né? [...] não tem informação da mídia não. É..., é que a gente tá vendo, né, que não acabou cem por cento não. Minha filha trabalha no hospital, de vez em quando diz painho, está morrendo gente ainda. É sequela da Covid. Sequelas, né? [...] (O Coroa).

Como se pode ver, de tudo o que foi perguntado e de toda possibilidade que tinham a falar algo, *fake News* e Covid-19 foram os temas comentados.

6.3 A autoindicação da velhice: esse lugar de fala é delas

Jodelet (1989) afirma que nós seres humanos vivemos a buscar símbolos que representem a realidade que criamos, pois concretamente ela não existe. Saber é uma necessidade humana, que se constrói a muitas mãos ao longo do tempo. O tempo e o espaço, no entanto, nunca são os mesmos. Os contextos são dinâmicos, assim como a vida, as pessoas e o próprio conhecimento, pois até aquele saber que hoje não serve mais, ainda assim serve para nos conduzir adiante, na produção de novos conhecimentos. A história pode ser escrita e através da linguagem representada e compreendida. Mas pode ela não mais representar os sujeitos no agora, haja vista que os sujeitos são outros, imbuídos de elementos socioculturais distintos, embora continuem a ser os mesmos – seres humanos. Os “velhos” representados na obra de Bosi (1979), por exemplo, diferenciam-se das pessoas idosas colaboradoras desta pesquisa.

Se antes a placa de trânsito que indicava vaga prioritária representava a pessoa idosa por meio de um corpo desvalido apoiado em uma bengala, na atualidade ganha nova representação, conforme Figura 5:

Figura 5¹²: nova representação da pessoa idosa

¹² Símbolo representativo atualizado da pessoa idosa, que foi aprovado pela Câmara dos Deputados por meio do Projeto de Lei do Senado nº 126/2016, o qual dispõe sobre o uso de símbolos desprovidos de caráter pejorativo na identificação de pessoa idosa.



Fonte: *Google Imagens*, 2023.

Na contemporaneidade, por meio da interpretação das pessoas idosas colaboradoras deste estudo, a autoindicação do elemento “60+” (anos de idade) não significa sinônimo de velhice ou de estar/sentir-se velha ou até mesmo idosa, o que diverge das representações construídas e partilhadas socialmente há muito tempo. Além disso, atualmente se presta bastante atenção no lugar de fala¹³ de onde partem os discursos, os quais tem a ver com a realidade social, financeira e pessoal do enunciador.

Devemos lembrar que assim como as palavras, os significados são construídos por nós seres humanos ao passo que ansiamos representar o mundo e seus objetos, unindo e separando, igualando e diferenciando, integrando e desintegrando numa tentativa de nos conduzir física ou intelectualmente (JODELET, 1989). Infelizmente grande parte das representações são criadas com base em estereótipos, que embora seja um elemento válido, não congrega os demais elementos tão ou mais importantes quanto. Felizmente outra parte das representações sociais se transformam e surgem com novos aspectos (MOSCOVICI, 1984).

Sendo assim, diríamos que não há esforços, nem tampouco equívocos, para representarmos os sujeitos informacionais aqui considerados, quando são eles próprios, por meio da autoindicação que realizam do objeto e através de suas interpretações (BLUMER, 1980) tratam de fazê-lo.

Nesses termos, ao situarmos os sujeitos informacionais na fase da vida em que estão atualmente, conhecida socialmente como velhice, indagamo-los o que isso representa e significa para eles e se ser uma pessoa idosa é sinônimo de ser uma pessoa velha. Vejamos as suas respostas no Quadro 6 a seguir:

¹³ Este termo ganhou popularidade no Brasil com o livro da escritora Djamilia Ribeiro e remete o conceito ao local de fala do enunciador, à sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema.

Quadro 6: Representação da velhice pelas pessoas idosas:

<p>[...] é o seguinte: eu não sou velho. Eu sou usado. Velha é a estrada. É... velha é a estrada. Eu sou usado. [...] graças a Deus, eu me sinto muito bem nessa minha idade, já idoso, setenta e um anos. Mas graças a Deus [...] eu ando com meus pés, eu como com minhas mãos, eu sei, tô bem, raciocino bem, sei o que tô fazendo, dirijo, faço tudo. Graças a Deus. Eu gosto muito de dizer: eu não sou velho, eu sou usado. Velha é a estrada. Aquela estrada do cariri [...] (Garoto Prodígio).</p>
<p>[...] eu não me sinto velha [gargalhada]. Apesar dos meus problemas de saúde, que são muitos... [...] tenho problema de saúde há sessenta anos [...] (Menina Obediente).</p>
<p>[...] eu não me sinto idosa, faço atividades físicas, tenho três netos, duas meninas e um menino, um recém-nascido, me sinto super jovem, pelo menos a cabeça, eu tô com sessenta e um, mas eu tenho uma cabeça de quarenta e gosto muito de me divertir [...] eu procuro muito ser simpática, ter empatia pelas pessoas e de ser solidária e me sinto muito bem [...] não, realmente eu não me sinto idosa. Eu acho que essa minha fase aí vai chegar lá pra os noventa [gargalhada] [...] (Senhora Atleta).</p>
<p>[...] ser idoso é sinônimo de ser bem assim, ser o melhor da idade, é aquilo que nós alcançamos e a experiência que nós acumulamos. Isso é ser idoso [...] (Seu Menino). O senhor se sente velho na fase idosa? (Pesquisadora) [...] de modo algum, pareço um menino de vinte e um anos [...] (Seu Menino).</p>
<p>[...] eu não vou pros clichês não, de sabedoria não [...] a gente nasce sem ela e volta sem ela. [...] Eu acho que é preocupação [...] E a gente acha que só tem quando é nova e vai ficando mais velho a gente vai ficando mais preocupado. E quando eu ficar assim assada, quando eu ficar mais velha, quando eu não puder fazer mais isso, quem é que vai fazer pra mim? [...] (Dona Ansiedade).</p>
<p>[...] eu não me acho. Eu não me acho [...] sempre trabalhei muito, graças a Deus me relaciono muito bem [...] não me sinto, não me sinto velha, desgarrada como diz. [...] ainda ando sozinha pra qualquer canto [...] (Dona Independência).</p>
<p>[...] ser velho é ser um professor. É um professor de história da vida [...] porque você só aprende o dia a dia com as histórias da vida se você procurar, você aprender, porque nós somos a matemática de história de vida [...] o tempo da validade do físico da pessoa, da mente, tudo vai ficando cansado, né? [...] mas o espírito, o coração, aquela vontade de [palavra inaudível] todo dia sou jovem [...] agora se você se achar idoso e não aceitar ser idoso e, e recuar, ficar trancado porque é idoso, aí é idoso mesmo. Aí adoeceu, pronto. [gargalhada] [...] (Professor Matusalém).</p>
<p>[...] é uma desgraça, né? Porque dói aqui, dói acolá. E a gente tem que aceitar, eu digo Meu Deus, como é que eu com a cabeça dessa eu sinto tudo isso? [risada] [...] (Dona Sincera).</p>
<p>[...] pois é, eu ainda não me adaptei, me acostumei a essa ideia não sabe? Eu vivo nessa fase achando que ainda tenho trinta anos. E busco fazer todas as atividades que eu posso no dia a dia [...] pra manter esse meu vigor físico e espiritual, né? Que eu acho que são os dois pontos importantes na vida (De Repente 30). Na opinião do senhor ser idoso é sinônimo de ser velho? (Pesquisadora). É nada. É não [risadas]. É diferente. O que a gente tem que buscar é exatamente isso. É..., porque você pode ficar idoso né e não ficar velho. Agora, é evidente que você, por exemplo, tem que buscar chegar numa idade avançada com saúde, né? Porque também não adianta aquela pessoa, por exemplo, chegou com oitenta anos, mas o camarada não se alimenta muito sozinho, tem que andar com uma pessoa, tá? Toma uma gama muito grande de remédios, entendeu? O que eu busco é ver se eu chego a uma idade mais avançada, mas com condição de estar fazendo as coisas que eu faço em meu dia a dia sozinho, sem precisar de ajuda de ninguém [...] só em poder comer sozinho, se alimentar sozinho, ir ao banheiro sozinho, tomar banho sozinho, são três habilidades que se você conseguir fazer isso já, na velhice já é muito bom [...] (De Repente 30).</p>
<p>[...] eu acho muito bom, eu acho que [...] com saúde né? Graças a Deus eu não tenho uma dor de cabeça. Se Deus me permitir chegar a cem anos, cento e vinte com saúde eu quero chegar lá, porque viver é bom demais [...] gente que é idoso com cabeça de jovem ainda e tem jovem com cabeça de idoso, não é? Mas isso é da natureza da pessoa [...] (O Coroa).</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Dona Ansiedade disse que a gente vem sem saber de nada e volta sem saber de nada, e que ela me permita a petulância inerente aos meus 34 anos de idade, mas se sabe muito, acumulou-se muito, continua ainda a experienciar muito e, como Seu Menino expôs, está em posse de muito saber e o melhor ainda poder se sentir como nos 20 anos.

Velhice traz doenças? Menina Obediente diz que já na infância...

Velhice traz dependência? Dona Independência diz o contrário....

Velhice oprimida? Garoto Prodígio “toca” (a) liberdade....

Velhice obsoleta? Desde quando aquele que ensina, para de aprender, não é mesmo Professor Matusalém?

Os sujeitos informacionais desta pesquisa têm, sem dúvidas, coisas muito importantes a dizer do ponto de vista humano e do ser humano enquanto ser socializável. Esses sujeitos resistem ao esquecimento, resistem ao isolamento, resistem às *fake News*, resistem ao vírus, resistem aos mecanismos de opressão defendidos em 1979 por Bosi e insistem em ensinar o que aprenderam: que velha é a estrada, que não se trata de ser velho, mas de ser usado (Garoto Prodígio); que problemas de saúde há quem tenha desde a infância e apesar deles é possível ter autonomia e independência aos 72 anos (Menina Obediente, 2023); que ser idosa tem suas fases e que a velhice não é determinada pelos 61 anos de vida (Senhora Atleta, 2023); que ser uma pessoa idosa é o melhor das idades, porque tem acumulado em si todas as experiências de uma vida e com o bônus de ainda se sentir um menino (Seu Menino); que a ansiedade não é pertinente somente a juventude, na velhice pode ser tão presente quanto (preocupação) (Dona Ansiedade); que sorte não é chegar por chegar aos 81 anos de vida, mas de precisar ajudar as outras pessoas e se sentir feliz por isso (Dona Independência); que ser velho é um professor de história da vida, é a matemática da história de vida (Professor Matusalém); que idosa e velha são coisas diferentes, porque se pode ser uma pessoa idosa sem ser velha e se pode ser uma pessoa velha ainda que seja jovem (Dona Sincera); que a velhice é uma questão de adaptação e planejamento e que viver muito é preservar a própria autonomia por mais tempo (De Repente 30) e por fim; que ser velho ou ser jovem é da natureza da pessoa, interessa mais e vive-se bem estando com saúde (O Coroa). Tais argumentos concordam com a afirmação de Bosi (1979) ao afirmar que a velhice não existe para si, mas somente para o outro.

Ao longo da vida, portanto, assumimos e desempenhamos vários papéis definidos pelas construções sociais em seus processos civilizatórios, seja como filhos, como pais, tios, irmãos, sobrinhos, avós, profissionais, acadêmicos, enfim e, dentro de cada núcleo ao exercitarmos tais papéis recebemos as influências sobre o vivenciar, que também são contextuais.

O ser humano, como dizia Jodelet (1989) erra ao partir para os generalismos, pois os seres humanos são fenômenos complexos que não admitem generalizações. Nesse sentido,

quem melhor poderia representar os sujeitos informacionais desta pesquisa, senão eles(as) mesmos(as)?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado ao fim deste trabalho, podemos fazer algumas considerações importantes, a começar pela relevância do conceito de Práticas Informacionais para a realização deste estudo, através do qual fez-se possível compreender as práticas de informação das pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19.

Em segundo lugar, sublinhar o que outros(as) autores(as) do subcampo Estudos sobre os Sujeitos da CI vêm afirmando a respeito da combinação desse conceito com teorias das Ciências Sociais. Esse movimento de trazer para o campo da CI justamente essa possibilidade de pensar como é que as práticas desses sujeitos, situadas em contextos, se dão a partir do momento que são capazes de uma interpretação primeira de suas ações, como uma espécie de conhecimento tácito, é sem sombra de dúvidas um grande avanço paradigmático.

Adicionar Interacionismo Simbólico, Etnometodologia e Representações Sociais, neste caso, facilitou muito o processo de compreensão e de reconhecimento das práticas de informação das pessoas idosas, o que levou aos resultados aqui apresentados e não a outros.

Em terceiro lugar, ratificar a finalidade da pesquisa de explorar o espectro das diferentes significações/representações a respeito dos assuntos em foco, como: vida cotidiana, obrigações, lazer, tecnologias digitais, vacina contra Covid-19, isolamento social, informação, excesso de informação, desinformação, *fake News* e velhice, maximizando a oportunidade de compreensão das distintas e desiguais posições assumidas pelos sujeitos sociais e informacionais no cotidiano sociocultural que atuam.

Além disso, salientar que o estudo foi profícuo para perceber que as práticas de informação das pessoas idosas não receberam fortes influências do isolamento social, mas algumas atividades sim, como deixar de praticar exercícios físicos, não poder ir trabalhar ou passar a trabalhar remotamente, ou aderir a hábitos como manter janelas abertas enquanto trabalha, não ir visitar e/ou receber visitas de parentes e amigos, não ir às reuniões sociais e grupos de tarefas artesanais, por exemplo.

Ademais, ressaltar também que no que concerne à busca de informação na vida cotidiana, as pessoas idosas costumam realizá-la em canais informais e suprainformais, ou seja, por meio de televisão, rádio, telefone, pessoas, como também por meio da *Internet* e os aplicativos de mensagens instantâneas, as redes sociais e afins, que dela dependem. Da mesma forma ocorre em uma situação específica, como o caso da busca de informação sobre vacina. Entretanto, acontecem poucas, mas curiosas modificações e acréscimos nesse panorama e isso se justifica pelo fato de cada sujeito informacional indicar a si mesmo a

relevância, importância e representação da vacina contra a Covid-19, que ao interpretarem tal objeto, orientam sua ação em direção à outras fontes, com vistas a suprirem suas demandas, desejos, necessidades e problemas.

A aliança dos modernos meios de comunicação de massa com a informação, muito presentes na vida dos sujeitos deste estudo, ratifica a força poderosa da informação de transformar o ser humano, a sociedade e a própria humanidade (ARAÚJO, 1994).

Aquelas pessoas idosas que fazem uso das tecnologias digitais e praticam compartilhamento de informações têm consciência que as *fake News* estão por toda parte, por essa razão se mostram em estado de permanente vigilância e criam suas próprias estratégias e métodos de verificação, prevenindo-se e às vezes combatendo-as. A esse respeito, realçamos as lentes da etnometodologia que permitem compreendermos que os atores sociais utilizam modos procedimentais mesmo sem saber.

Por outro lado, aquelas pessoas idosas que não compartilham informações que recebem virtualmente/eletronicamente, contribuem para a não propagação de possíveis notícias falsas. Menos susceptíveis, obviamente, estão aquelas pessoas idosas que não ou pouco utilizam os canais de comunicação eletrônica, dispositivos e aplicativos digitais.

Não realizar pesquisas de caráter como este, pode gerar consequências negativas para o campo da CI e também para a sociedade, que por si só estigmatiza as pessoas idosas, quando na verdade pode promover reflexões a partir de estudos que enalteçam esses sujeitos, ao invés de permitir generalizações como o caso das *fake News* relacionadas às pessoas idosas.

As tecnologias digitais corroboram para a otimização da autonomia e da independência das pessoas idosas à medida que utilizam os canais de comunicação eletrônica no cotidiano para realizarem tarefas ligadas às obrigações e ao trabalho, bem como para se informem sobre o que lhes convém, além de se comunicam também.

Dos tipos de canais de comunicação eletrônica mais utilizado pelas pessoas idosas, destaca-se o *WhatsApp* e a *Internet*, que independentemente da pandemia, aproximam as pessoas idosas dos seus familiares, parentes, amigos e de tudo que lhes interessa saber, aprender, incorporar às práticas, ao meio, ao ambiente, enfim, ao seu cotidiano.

Finalmente, podemos assegurar que descrevemos e reconhecemos o fenômeno das práticas informacionais das pessoas idosas, sobreviventes da pandemia da Covid-19 (ainda em curso) e, com isso alcançamos o principal objetivo da pesquisa que foi compreender tais práticas nesse contexto, através de determinadas categorias, como: busca, acesso, uso e compartilhamento de informação.

Concluiu-se que as práticas informacionais analógicas e/ou digitais desenvolvidas pelas pessoas idosas se dão em virtude, principalmente, das necessidades de cada uma em seu cotidiano, de acordo com suas preferências, valores, interpretações, significações, referenciais e conhecimentos, o que corrobora a ação simbólica de Blumer (1980), não esquecendo de salientar que o universo da pessoa idosa é bastante heterogêneo e os papéis sociais que assumem nessa fase são bastante variados.

Mesmo enfrentando dificuldades, dada a carência de ferramentas ou modelos que poderiam nos auxiliar, o estudo de práticas informacionais nos desafiou, estimulando o pensamento inovador que não se construiu facilmente, haja vista que elaborar uma pesquisa exequível diante do pouco tempo e de tamanha envergadura, exige clara definição e identificação do objetivo principal. Além disso, requer elaboração de etapas a serem percorridas, muita disciplina e cronograma, de modo que se possa enxergar o propósito das ações de forma mais célere.

Outrossim, olhar todos os aspectos do objeto de estudo de forma mais questionadora, permite pensar em maneiras de melhorar a pergunta que se deseja fazer à realidade para que o objeto enfim comece a ser desmitificado.

Ademais, não desperdiçar dados e informações fornecidos pelos catedráticos e obtidas através de exercícios e leituras durante as preleções é primordial, por prescindir as fontes de ideias e *insights*.

Agregar valor é uma premissa que não pode ser esquecida em nenhuma etapa do desenvolvimento do estudo, por isso, ao mostrar com argumentos que a incorporação de um novo olhar pode trazer aos resultados uma teorização inovadora, decerto, merece receber todo o aval necessário para implementá-la.

Dito isto, perante a importância dessa temática e da representatividade dos modelos trazidos nesta dissertação, como pesquisas futuras e complementares, sugere-se o delineamento de um modelo de práticas informacionais de pessoas idosas na pandemia do novo coronavírus, verificando minuciosamente a interação dos sujeitos nos ambientes sociais, eletrônicos e digitais pelos quais transitam cotidianamente sob o domínio da vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 38, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000300013. Acesso em: 21 set 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/43724>. Acesso em: 14 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O sujeito informacional no cruzamento da ciência da informação com as ciências humanas e sociais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 14, 2013 Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: ENANCIB, 2013. Disponível em: <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-03/2-uncategorised/161-gt03-anais-digitais-xiii-enancib>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 16, 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...] João Pessoa: ENANCIB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2981/104>. Acesso em: 14 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, v. 1, n. 1, p. 61-78, jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são "práticas informacionais"? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v.2, n. esp., p.218-236, out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA. 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Dos estudos de usuários da informação aos estudos em práticas informacionais e cultura: uma trajetória de pesquisa. **Informação em Pauta**, v. 4, n. esp., p. 121-135, maio 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41209>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da ciência da informação. *In: ALVES, Edvaldo Carvalho et al. Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em:

<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/769/863/6761-1?inline=1>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 28, n. 2, p. 155-167, maio 1999. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a08.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BELKIN, Nicholas J. Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. **Canadian Journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BLUMER, Hebert. A natureza do interacionismo simbólico. *In*: MORTENSEN, C. David. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980, p. 119-138.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus**. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus>. Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atendimento e fatores de risco**. 2021b. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/atendimento-tratamento-e-fatores-derisco#:~:text=Doen%C3%A7a%20cerebrovascular%3B,3%2C%204%20e%205\)%3B](https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/atendimento-tratamento-e-fatores-derisco#:~:text=Doen%C3%A7a%20cerebrovascular%3B,3%2C%204%20e%205)%3B). Acesso em: 10 mai. 2022.

BUCKLAND, M. K.; LIU, Z. History of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 30, p. 385-416, 1995. Disponível em: <https://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/histis98.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CALVA GONZÁLEZ, Juan José. La investigación sobre las necesidades de información en comunidades de usuarios. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, [S.l.], v. 18, n. 37, jul. 2004. ISSN 2448-8321. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/4057>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: ANCIB, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução.** Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COSTA, Luciana Ferreira. **Usabilidade do Portal de periódicos da CAPES.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2008.

COULON, Alain. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. **La Etnometodologia.** 3 ed. Madrid: Cátedra, 2005.

CRUZ, Ruleandson do Carmo. Práticas informacionais e representações sociais: a informação na construção da identidade dos sujeitos informacionais. *In:* TANUS, Gabrielle Francinne de S. C.; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey (Orgs.). **Práticas informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas.** Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 137-147.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação.** São Paulo: Atlas, 2015.

DERVIN, Brenda. An overview of sensemaking research: concepts, methods and results to date. *In:* ANNUAL MEETING OF THE INTERNACIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 1983. **Anais [...]** Dallas: International Communication Association, 1983. Disponível em: <http://faculty.washington.edu/wpratt/MEBI598/Methods/An%20Overview%20of%20Sense-Making%20Research%201983a.htm>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 31 – 60.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de Velho.** 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/velho/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de Compartilhar.** 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/compartilhar/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

DOIMO, Leonice Aparecida ; DERNTL, Alice Moreira.; LAGO, Olival Cardoso do. Uso do tempo no cotidiano de idosos: um método indicador do estilo e modo de vida na velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 37-54, 2006. Disponível em: . Acesso em: 01 fev. 2023.

ESTABEL, Lizandra Brasil; LUCE, Bruno Fortes; SANTINI, Luciane Alves. Idosos, *fake News* e letramento informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação;**

v. 16, p. 1-15, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136587>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FERREIRA, Sueli. Novos paradigmas e novos usuários da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 25, n. 2, p. 217-223, maio/ago. 1995.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza. O streaming e a virtualização dos serviços de informação: uma análise sobre a adaptação das bibliotecas frente à pandemia de covid-19. **Revista ACB**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 1-20, jul. 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1741>. Acesso em: 09 maio 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Monitora Covid-19**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/monitora-covid-19>, Acesso em: 03 mar. 2023.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis, RJ: Vozes 1997.

GANDRA, Tatiane Krempser; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Estudos de usuários na perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.3, p. 13-23, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_72ca96c34f_0000011953.pdf. Acesso em: 29 mar. 2022.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, D.F., v. 29, n. 4, 2020186, set. 2020. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167949742020000400001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 set. 2022.

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice Hall, 1967.

GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODMAN, L. A. **Snowball Sampling**. The Annals of Mathematical Statistics, v. 32, n. 1. p.148-170, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2237615>. Acesso em: 28 mar. 2022.

GOMES, Jesiel Ferreira. **Práticas informacionais e velhice: análise do fluxo informacional dentro de asilo na cidade de Cuité e sua contribuição para inclusão da pessoa idosa**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3914?locale=pt_BR. Acesso em: 20 set. 2021.

GONDIM, Linda. M. P; LIMA, J. C. **A pesquisa como Artesanato Intelectual: considerações sobre método e bom senso**. São Carlos: EdUfscar, 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um

conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 22, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Acesso em: 4 out. 2022

GONZÁLEZ TERUEL, Aurora. **Los Estudios de necesidades y usos de la información: fundamentos y perspectivas actuales**. Gijón: Treas, 2005.

GOULART, Andrea Heloiza; KAFURE, Ivette. Estudos de usuários da informação sob a perspectiva das práticas informacionais. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín (Colombia) v. 44, n. 3, sept./dic. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1790/179070137005/html/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HAJE, Lara; TRIBOLI, Pierre. **Projeto do Senado de combate a notícias falsas chega à Câmara**. Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 20-34, jan./jun. 2008.

JODELET, Denise. Representação Social: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61.

LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEAL, A. Jovens e velhos: representações sociais cruzadas: o contributo da animação socioeducativa na reconfiguração das representações sociais entre jovens e velhos: o projeto ‘Entre Nós: Os Livros. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 295-312, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/118144>. Acesso em: 13 set. 2021.

LEGIS WEB. **Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022 que altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14423.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.423%2C%20DE%2022,%E2%80%9Cpessoas%20idasas%E2%80%9D%2C%20respectivamente.. Acesso em: 11 fev. 2023.

LEGIS WEB. **Decreto nº 40.128, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Novo Coronavírus), bem como sobre recomendações aos municípios e ao setor privado estadual. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390843>. Acesso em: 16 mai. 2022.

LEGIS WEB. **Projeto de lei n. 3.646-A, de 2019**. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para atualizar sua denominação para Estatuto da Pessoa Idosa; tendo parecer da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, pela aprovação (relatora: DEP. LÍDICE DA MATA). Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1796056. Acesso em 11 de fev. 2023.

LEITE, L. R. T.; ARDIGO, J. D. Confiabilidade informacional nos conteúdos *online*: perfil dos estudantes de biblioteconomia da UDESC. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 23, n. 2, p. 267-288, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73623>. Acesso em: 02 fev. 2023.

LIMA, Artur Gomes Dias. **A Terceira Idade, o envelhecimento do Sistema Imune e os problemas de saúde**: imunossenescência. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. 2016. Disponível em: <https://www.isaude.com.br/noticias/detalhe/noticia/a-terceira-idade-o-envelhecimento-do-sistema-imune-e-os-problemas-de-saude-imunossenescencia/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MANZINI, Eduardo José. (2005). Inclusão e acessibilidade. **Revista da Sobama**. v. 10, n.1, p. 31-36, 2005. Disponível em <http://fio.edu.br/site2013/images/NAU/001d-%20manzini%202005%20acessibilidade.pdf>. Acesso em: 13 de. 2022.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v.24, n.1, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000000810/7a0cb81963a4bbfe41e9b1dd8b0a3d8f/>. Acesso em 23 mar. 2022.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/00220410310457993>. Acesso em: 02 mai. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14.ed.São Paulo: Hucitec, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. de; COSTA, Antônio Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MOREIRA, Icléia Caires *et al.* O entre-lugar do sujeito idoso no processo de transformação urbana do município de Três Lagoas. **Policromias**: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 3, n. 2, p. 80-100, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/18599>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2015.

MOSCOVICI, Serge (org). Pensamiento y vida social. Barcelona/Buenos Aires/México: **Paidós**, Psicologia Social, 1984.

MOSCOVICI, Serge. *On social representation*. In: **FORGAS, J.P.** (Ed). *Social Cognition perspectives on everyday knowledge* (pp.181-209). London: Academic Press, 1981.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) BRASIL. **OMS classifica novo coronavírus**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/Yhf1qyVfmRg>. Acesso em: 14 jan. 2023.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD (OPAS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

PAULA, Lorena Tavares de; SILVA, Thiago dos Reis Soares da; BLANCO, Yuri Augusto. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre *fake news*. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 1, p. 93-110, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71135>. Acesso em: 02 fev. 2023.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8068>. Acesso em: 10 dez 2022.

PINTO, Flávia Virgínia Melo. **Práticas informacionais na organização político- sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2061>. Acesso em: 10 abr. 2022.

REGLY, Tainá; CARVALHO, Priscila Ramos; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Registro e visualização da pandemia no Brasil: relato e autorreflexão sobre a produção de uma linha do tempo sobre a Covid-19 no país. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], v. 6, p. 01-26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/27317>. Acesso em: 08 mai. 2022.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios**, n. 68, p.96-109, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1562-47302017000300007. Acesso em: 05 abr. 2022.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; GANDRA, Tatiane Krempser. Práticas Informacionais: elementos constituintes. Londrina, **Informação & Informação**, v. 23, n. 2, p. 566 – 595, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44992>. Acesso

em: 11 abr. 2022.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, jan/abr. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014/39098>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ROCHA, Lucas; LOPES, Léo. **Pandemia de Covid-19 provoca aumento global em distúrbios de ansiedade e depressão**. CNN BRASIL, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-de-covid-19-provoca-aumento-global-em-disturbios-de-ansiedade-e-depressao/> Acesso em 7 jan. 2023.

ROLIM, Elizabeth Almeida; CENDÓN, Beatriz Valadares. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero**, n. 2, v. 14, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7692>. Acesso em: 03 mar.2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, v. 17, p.259-294, 1995. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0740818895900489>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/517840>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SENADO FEDERAL. **Símbolo para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH**. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/25/simbolo-para-identificacao-de-idoso-nao-pode-ser-pejorativo-preve-projeto-aprovado-na-cdh>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SILVA E SILVA, M. da G. Idosos aposentados: representações do cotidiano. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4655>. Acesso em 13 set. 2021.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar; 1979.

SCOPUS. **O que é a Visualização do Scopus?**. 2022. Disponível em: https://service.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/15534/supporthub/scopus/#tips. Acesso em: 16 jan. 2023.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, 1977. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/04/pdf_dde99ac1c9_0009749.pdf. Acesso em 18 mar. 2022.

TALJA, Sanna; NYCE, James M. The problem with problematic situations: differences between practices, tasks and situations as units of analysis. **Library & Information Science Research**, Amesterdã, v. 37, n. 1, p. 61-67, 2015.

TALJA, Sanna.; TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. "Isms" in information science: constructivism, collectivism and constructionism. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 61, p. 79-101, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249366208_Isms'_in_information_science_Constru ctivism_collectivism_and_constructionism. Acesso em: 30 mar. 2022.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey (org.). **Práticas informacionais em diálogo com as ciências sociais e humanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 137-147.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. 2, p. 144-173, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/206>. Acesso em: 30 mar. 2022.

TAYLOR, Robert. **Valueadded processes in information systems**. Norwood: Ablex, 1986.
TALJA, S.; TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. "Isms" in information science: Constructivism, collectivism and constructionism. **Journal of documentation**, Bingley, v. 61, n. 1, p. 79-101, 2005.

WILSON, Tomas Daniel. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v.37, n.1, p.0315. 1981. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/769/863/6761-1?inline=1>. Acesso em: 07 maio 2022.

WILSON, Tomas Daniel. Information behaviour: an interdisciplinary perspective. **Information processing & management**, v. 33, n. 4, p. 551-572, 1997. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/769/863/6761-1?inline=1>. Acesso em: 07 maio 2022.

YEOMAN, A. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. **Information Research**, v. 15, n. 4, 2010. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/15-4/paper444.html> Acesso em: 07 maio 2022.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

1. Qual sua idade? Qual a sua profissão? Qual sua escolaridade? O (a) senhor (a) ainda trabalha? É aposentado? É casado (a)? Tem filhos (as)? Quantas pessoas moram com o senhor (a)?
2. Pode nos contar como é sua rotina em um dia comum? Com relação às obrigações do dia a dia, como consultar médicos, realizar compras, pagamentos de contas e receber salário, o senhor pode nos dizer se é o senhor ou alguém que faz? Utiliza smartphone ou computador para fazê-los? (ex.: aplicativos como internet banking, iFood e etc.) E quanto ao lazer, o que o senhor costuma fazer?
3. Além dessas obrigações, no seu dia a dia, utiliza smartphone ou computador para algo mais? Qual mais utiliza e para que? (ex.: Escrever algum conteúdo, comentar em sites, bater papo, ver vídeo, texto, imagens - o idioma é uma barreira?).
4. O (a) senhor (a) gosta de se manter informado? Busca informação em algum lugar ou fonte? Qual? (Ex.: biblioteca, serviços de referência, televisão, rádio, smartphone, telefone, livros, computador, revistas, internet, YouTube, redes sociais como WhatsApp, face book, Instagram).
5. Mantem contato com familiares e amigos de forma presencial? E fazendo uso de algum desses meios e aplicativos, troca/recebe/envia mensagens de texto, de áudio, chamavas de vídeo interagindo com eles?
6. Na opinião do senhor, o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 mudou seu cotidiano? De que forma? (Se influenciou no trabalho, no lazer, na relação com amigos e familiares). Descreva seus hábitos antes e depois do isolamento social.
7. Durante o isolamento social em que o senhor precisou de informação sobre vacina contra a Covid-19, como e onde o senhor buscou por informação? Teve acesso à informação que gostaria? Sentiu dificuldade para encontrar a informação? Como a informação lhe ajudou quando o senhor necessitou saber sobre a vacina contra a Covid-19?

8. Em algum momento o senhor percebeu ou sentiu se havia um excesso de informação sobre a pandemia da Covid-19?

9. Durante o isolamento social houve alguma situação em que o senhor foi vítima de desinformação? (Ex.: 1. devido à desinformação o senhor foi impedido de obter o que gostaria em virtude do serviço público ou privado procurado estar sendo prestado à distância; 2. Ter se conduzido a algum local de vacinação onde só se vacinava pessoas agendadas por meio de aplicativos).

10. Em algum momento da pandemia o senhor foi vítima de notícias falsas? Recebeu ou enviou informações que posteriormente tomou conhecimento de que não era verdadeira?

11. Comumente o senhor averigua se as informações (notícias) que recebe/busca/compartilha são verdadeiras? Como faz pra saber se as informações são falsas ou verdadeiras? Há alguma motivação para que o senhor compartilhe, salve, curta e clique para ler as informações? Utiliza algum critério para realizar compartilhamento de informações em grupos e/ou com pessoas? Como se sente compartilhando alguma informação?

12. Há algo a mais que o (a) senhor (a) queira falar? Seja sobre o senhor, ou sobre a Covid-19, ou ainda sobre desinformação, notícias falsas, ou qualquer outro assunto?

13. O senhor está em uma fase da vida conhecida por todos nós como “velhice”. Mas, gostaríamos de saber o que isso representa e significa para o senhor? Conte-nos como é estar “velho”. Ser idoso é sinônimo de ser “velho”?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor (a), convido-lhe a participar da pesquisa intitulada “Práticas Informacionais: um estudo com idosos no contexto da pandemia da Covid-19”, coordenada por Prof.^a Dr.^a Eliane Bezerra Paiva. O objetivo deste estudo é compreender as práticas informacionais das pessoas idosas no contexto da pandemia da Covid-19, ou seja, como se configuram suas ações de busca, acesso, uso e compartilhamento de informação durante a pandemia da Copvid-19.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar, terá que responder a algumas questões sobre como age em busca de informação no seu cotidiano, isto é, como usa, acessa, se apropria e compartilha informações no dia a dia. A entrevista tem teor científico, com tema e roteiro definidos, o que deve dispende cerca de uma hora e trinta minutos no máximo. Além disso, será realizada gravação de voz.

Riscos e Benefícios

Com sua participação nesta pesquisa, o(a) senhor(a), estará exposto a poucos riscos relacionados à sua participação na pesquisa, apenas o de que o (a) senhor (a) se sinta constrangido(a) durante a condução da entrevista ou desconfortável em responder alguma das questões e, caso eles venham a ocorrer, o (a) senhor (a) tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre o mesmo, por obséquio, contate-me pessoalmente ou através do telefone ou *e-mail* informados ao final deste Termo.

Esta pesquisa tem como benefício contribuir para o fortalecimento do papel social da Ciência da Informação, principalmente no que toca seu compromisso com os mecanismos de inclusão, uma vez que, busca evidenciar os idosos - partícipes de um grupo muitas vezes esquecidos, silenciados e ignorados socialmente. Além disso, pode trazer benefícios quanto ao aprofundamento e ampliação das discussões acerca do contexto da pandemia da Covid-19, vivenciado pelos indivíduos nos últimos dois anos e que ainda é muito pouco explorado no campo.

Sigilo, Anonimato e Privacidade

O material e informações obtidas podem ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos, sem sua identificação.

Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição individualizada dos dados da pesquisa. Sua participação é voluntária e

o(a) senhor(a) terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza.

Autonomia

O(a) senhor(a) também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo. É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, e garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Se com a sua participação na pesquisa for detectado que você apresenta alguma condição que precise de tratamento, você receberá orientação da equipe de pesquisa, de forma a receber um atendimento especializado. Você também poderá entrar em contato com os pesquisadores, em qualquer etapa da pesquisa, por e-mail ou telefone, a partir dos contatos dos pesquisadores que constam no final do documento.

Devolutiva dos resultados

Os resultados da pesquisa poderão ser solicitados a partir de março de 2023, desde que solicitado via *E-mail*, cuja devolutiva será enviada também por *E-mail*. Ressalta-se que os dados coletados nesta pesquisa via gravação de voz somente poderão ser utilizados para as finalidades da presente pesquisa, sendo que para novos objetivos um novo TCLE deve ser aplicado.

Ressarcimento e Indenização

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que o(a) senhor(a) não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa. De igual forma, a participação na pesquisa não implica em gastos a(o) senhor(a). Se ocorrer algum dano decorrente da sua participação na pesquisa, o(a) senhor(a) será indenizado, conforme determina a lei.

Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação em todas as páginas e no campo previsto para o seu nome, que é impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e a outra via com o(a) senhor(a).

Consentimento de Participação

Eu _____ concordo em participar, voluntariamente da pesquisa intitulada “Práticas Informacionais: um estudo com idosos no contexto da pandemia da Covid-19” conforme informações contidas neste TCLE.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Pesquisador (a) responsável (orientador (a)): Andreza de Morais Batista

E-mail para contato: aandreza@live.com

Telefone para contato: (83) 9 9859-4272

Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável: _____

Outros pesquisadores:

Nome:

E-mail para contato:

Telefone para contato:

Assinatura do (a) aluno (a) pesquisador (a): _____

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante sejam respeitados, sempre se pautando pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Caso você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Contato do pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas

Endereço:- Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14, Campus I - Cidade Universitária - Bairro Castelo Branco CEP: 58059-900 - João Pessoa-PB

Telefone: (083) 3216-7308

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

APÊNDICE C – RESULTADOS DA REVISÃO DE LITERATURA

AUTOR(A)S	TÍTULO DO PERIÓDICO	ANO
MELO, D. A.; ROCHA, P. M. S.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S.	AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS E OS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	2021
ARAÚJO, E. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM AMBIENTES DE INFODEMIAS: REFLEXÕES PARA O ESTUDO DE PATOLOGIAS INFORMACIONAIS	2021
SILVA, L. F.; ARAÚJO, W. J.; OLIVEIRA, H. P. C.; ALVES, E. C.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM AMBIENTES VIRTUAIS	2020
LIMA, G. M. C.; ARAÚJO, C. A. V.	SERVIÇO DE REFERÊNCIA: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DO BIBLIOTECÁRIO	2020
GOULART, A. H.; MUÑOZ, I. K.	DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO FACEBOOK	2020
SOUZA, L. P. P.; MORAES, C. R. B.; VALENTIM, M. L. P.	AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS PROFISSIONAIS DE SOFTWARE EM SEUS CONTEXTOS CULTURAIS: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E HERMENÊUTICA	2020
ROCHA, J. A. P.; PAULA, C. P. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO FAZER CIENTÍFICO	2019
ROCHA, J. A. P.; PAULA, C. P. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO FAZER CIENTÍFICO1	2019
MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DAS MULHERES NEGRAS: CONSTRUINDO COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO	2019
MELO, D. A.; ROCHA, P. M. S.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO: UM ESTUDO NA BAMIDELÊ – ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA	2019
SOUSA, L. F.; CAVALCANTE, L. E.; ALVES, E. C.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE LEITORES EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE	2019
SEABRA, E. A. D.	DA CULTURA DO IMPRESSO ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM UMA BIBLIOTECA PATRIMONIAL	2019
PRADO, M.; ARAÚJO, C. A. V.	A DINÂMICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS	2019
SANTOS, S. K. S. L.; KAFURE, I.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO PROEJA	2019
PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. V.	ESTUDOS DE USUÁRIOS: QUAIS AS DIFERENÇAS ENTRE OS CONCEITOS COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E PRÁTICAS INFORMACIONAIS?	2019
ARAÚJO, C. A. V.	DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO AOS ESTUDOS EM PRÁTICAS INFORMACIONAIS E CULTURA: UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA	2019
NUNES, J. V.; CARNEIRO, B. L. F.	DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS À NOÇÃO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA PRÁTICA	2019
GOULART, A. H.; KAFURE, I.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ADOLESCENTES NA INTERNET	2019
ROCHA, J. A. P.;	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: ELEMENTOS	2018

GANDRA, T. K.	CONSTITUINTES	
SARAIVA, P. D. G. P.; PAULA, C. P. A.	NECESSIDADES E PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE TELESPECTADORES CATÓLICOS	2018
BARBOSA, A. G.; DUARTE, A. B. S.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE PRESAS GRÁVIDAS	2018
SILVA, L. F.; CORTES, G. R.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: O PERFIL DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS DO ESPAÇO LGBT	2018
FERREIRA, E. G. A.; ABREU, F. F.; LIMA, G. M. C.; SÁ, J. P. S.	A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS PELOS PESQUISADORES DO EPIC	2018
WEBER, C.; FERREIRA, S. M. S. P.	SUJEITOS E PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE USO E COMPARTILHAMENTO DE IMAGENS: EM TEMPOS DE MÍDIAS SOCIAIS	2018
ALVES, M. S.; CORREIA, A. E. G. C.; SALCEDO, D. A.	PRÁTICAS LEITORAS E INFORMACIONAIS NAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE DA RELEITURA - PE	2018
DUARTE, A. B. S.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: ENSINO E PESQUISA	2017
GOULART, A. H.; KAFURE, I.	ADOLESCÊNCIA, INTERNET E PRÁTICAS INFORMACIONAIS	2017
ARAÚJO, C. A. V.	O QUE SÃO “PRÁTICAS INFORMACIONAIS”?	2017
ALVES, M. S.; CORREIA, A. E. G. C.; SALCEDO, D. A.	PRÁTICAS LEITORAS E INFORMACIONAIS: MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO	2017
DUARTE, A. B. S.; ARAÚJO, C. A. V.; PAULA, C. P. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: DESAFIOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DE PESQUISA	2017
BARBOSA, A. G.; DUARTE, A. B. S.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE APENADAS GESTANTES: UM ESTUDO DE CASO	2017
ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A.	MODELOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS	2017
BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. V.	ESTUDOS DE USUÁRIOS E PRÁTICAS INFORMACIONAIS: DO QUE ESTAMOS FALANDO?	2017
DUARTE, A. B. S.; BARROS, F. M. M.	PRÁCTICAS DE INFORMACIÓN DE LAS MADRES DE NIÑOS ALÉRGICOS	2017
ROCHA, E. C. F.; GANDRA, T. K.; ROCHA, J. A. P.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS: NOVA ABORDAGEM PARA OS ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO	2017
PAULA, C.P.A.	A ABORDAGEM CLÍNICA DA INFORMAÇÃO E O PARADIGMA INDICIÁRIO: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE UM DIÁLOGO PARA A INTRODUÇÃO DA DIMENSÃO DO IMAGINÁRIO COMO TEMA NA PESQUISA DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	2017
GANDRA, T. K.; ARAÚJO, C. A. V.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS VISITANTES DO MUSEU ITINERANTE PONTO UFMG	2016
BRASILEIRO, F. S.; FREIRE, G. H. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS RITUALIZADAS: A CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO MÓVEIS	2015
SILVA, T. V. G.; AZEVEDO NETTO, C. X.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS EXPOSITIVAS: UM ESTUDO SOBRE O MUSEU CASA DE JOSÉ AMÉRICO	2013
OLIVEIRA, D. A.; MOURA, M. A.	PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS DIRIGENTES DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BH E REGIÃO	2013
MORIGI, V. J.; KREBS, L. M.	REDES DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DO GREENPEACE	2012

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. V.	CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO: EM BUSCA DOS PARADOXOS DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS	2012
AGUILAR, A.	IDENTIDADE/DIVERSIDADE CULTURAL NO CIBERESPAÇO: PRÁTICAS INFORMACIONAIS E DE INCLUSÃO DIGITAL NAS COMUNIDADE INDÍGENAS NO BRASIL	2012
ARAÚJO, E.A.	INFORMAÇÃO, SOCIEDADE E CIDADANIA: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS – ONGS BRASILEIRAS	2001
BARBOSA, H. C.	O MOVIMENTO DOS SEM TERRA (MST) COMO ESPAÇO INFORMACIONAL: ANÁLISE DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DESENVOLVIDAS POR COORDENADORES E LÍDERES	1999
MARTELETO, R.	CULTURA DA MODERNIDADE: DISCUSSÕES E PRÁTICAS INFORMACIONAIS	1994

APÊNDICE D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: PRÁTICAS INFORMACIONAIS: UM ESTUDO COM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Pesquisador: ANDREZA DE MORAIS BATISTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64303622.8.0000.8069

Instituição Proponente: Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA UFPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.780.281

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 27 de Novembro de 2022

Assinado por:

MARCIA ADRIANA DIAS MEIRELLES MOREIRA
(Coordenador(a))